



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

DENISE CORRÊA BARCELOS

**GUIA ALIMENTAR PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA E SEUS 10 ANOS SOB A
PERSPECTIVA DO JORNALISMO ONLINE BRASILEIRO**

LINHA DE PESQUISA 1:

Tecnologias, Audiovisual e Processos Regionais de Comunicação

IMPERATRIZ/MA
2026

DENISE CORRÊA BARCELOS

**GUIA ALIMENTAR PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA E SEUS 10 ANOS SOB A
PERSPECTIVA DO JORNALISMO ONLINE BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação e Saúde

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Audiovisual e Processos Regionais de Comunicação

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Leda F. Rocha.

Imperatriz
2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barcelos, Denise Corrêa.

Guia Alimentar para a População Brasileira e seus 10
anos sob a perspectiva do jornalismo online brasileiro /
Denise Corrêa Barcelos. - 2026.
102 f.

Orientador(a): Larissa Leda Fonseca Rocha.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Comunicação/ccim, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz/ma, 2026.

1. Comunicação e Saúde. 2. Jornalismo Tradicional. 3.
Jornalismo Independente. 4. Guia Alimentar Para A
População Brasileira. I. Rocha, Larissa Leda Fonseca. II.
Título.

DENISE CORRÊA BARCELOS

**GUIA ALIMENTAR PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA E SEUS 10 ANOS SOB A
PERSPECTIVA DO JORNALISMO ONLINE BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão
para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Aprovada em: 29/05/2026.

Banca examinadora

Profa. Dra. Larissa Leda Fonseca Rocha
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
(Orientadora)

Prof. Dr. José Carlos Messias Santos Franco
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
(Membro interno)

Profa. Dra. Daniela Menezes Neiva Barcellos
Universidade Federal de São Paulo (USP)
(Membro externo)

Imperatriz
2026

Para João Gabriel.
Filho, que você nunca duvide que seus sonhos
podem se tornar realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, a Professora Larissa Leda Fonseca Rocha. Desde o nosso primeiro contato, Larissa foi fundamental. Ela abraçou minha pesquisa e me ensinou como ser verdadeiramente uma pesquisadora. Nosso encontro permitiu criarmos uma pesquisa de qualidade, bonita, bem feita, fora do convencional, mas com muito rigor. Grande fonte de inspiração profissional e pessoal, Larissa estará marcada na minha história como uma mulher a quem sempre exaltarei e levarei comigo, é impossível elencar todos ensinamentos que recebi dela ao longo desses meses. A certeza de seguir o caminho da docência vem em grande parte da convivência com ela, da sua humanidade, perspicácia, gentileza. Mesmo em momentos que duvidei da minha capacidade, mesmo nas adversidades, ela esteve sempre ao meu lado, lembrando que a ciência é feita por pessoas e os atravessamentos da vida, que eu conseguiria “apesar de”. Agradeço todos os dias por ter sido com ela. Se a experiência do Mestrado foi tão positiva, não me rogo em reforçar, foi graças a este encontro tão fortuito. Diva, obrigada por tanto, a vida foi muito generosa comigo!

Destaco meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por custear minha bolsa de mestrado.

Agradeço ao PPGCOM e aos docentes Camilla Tavares, Domingos Almeida, Elaine Javorski, Izani Mustafá, Letícia Cardoso, Marcelli Alves e Thaisa Bueno. Se foi possível cursar o Mestrado com filho pequeno e sem rede de apoio, numa cidade na qual eu era recém-chegada, foi graças ao acolhimento que recebi da Coordenação e de cada um que permitiu que a minha maternidade não me impedisse de ser grande. Obrigada a cada um que me ensinou muito e foi gentil com meu filho, fosse em sala de aula, reuniões, celebrações e afins.

Agradeço à Professora Leila Lima Sousa. Leila, além de grande inspiração como pesquisadora e professora, confiou no meu trabalho, convidou-me para projetos valiosos e criamos uma parceria tão bonita, que transcendeu os corredores da UFMA, virando uma amizade importante.

Agradeço ao Professor Ricardo Alvarenga. Gentilmente, ele me recebeu em sua turma para que eu pudesse realizar meu estágio docente. Apreendi muito em sala de aula, ele tem o dom e o amor pela docência. Nossa parceria foi tão bonita, sua confiança na minha capacidade permitiu que eu pudesse explorar a docência de forma completa. Divo,

muito obrigada pela parceria por além da sala de aula e seu carinho com os meus meninos.

Agradeço ao Professor José Messias. Sua disciplina foi de suma importância na escrita desta dissertação, sua contribuição foi muito importante, principalmente por termos visões diferentes. O diálogo fraterno permitiu que minha pesquisa ganhasse caminhos importantes. Sua compreensão com momentos delicados foi um abraço, dos que fazem a gente acreditar que existe humanidade nas ciências. Por fim, agradeço sua leitura generosa e didática para as bancas em que este presente.

Agradeço à Professora Daniela Barcellos. Que presente foi ter uma pesquisadora de tamanho gabarito, de quem usei livro como fonte de pesquisa em artigos, como parte das minhas bancas. Sua leitura atenta, generosa e perspicaz foi de extrema importância para o prosseguimento da pesquisa, inclusive todas sugestões e recomendações foram a cereja do bolo (demorei para fazer uma analogia com comida!). Ter a sua validação sobre nosso trabalho só fez com que eu ganhasse mais confiança. Sua generosidade, carisma e empatia são emocionantes.

Não teria como não agradecer à turma de 2024. São eles: Ananda Portilho, Carlos Lucena, Gustavo Viana, João Marcos dos Santos, Rafaete de Araújo e Yanna Arrais. Estivemos juntos em sala de aula, fosse nos apoiando, sofrendo, aprendendo, rindo. Encontrar vocês, numa cidade nova e na qual eu me sentia tão sem conexão, foi um respiro. Em especial, destaco a relação amorosa e que seguirá para vida com os meus amados João Marcos, Yanna e Ananda: passamos por muitas coisas por além da vida acadêmica, fomos apoio constante um dos outros e isso é impagável.

Ainda da UFMA, como não agradecer aos queridos membros de “As encarnações do mau”, grupo dos orientados da nossa diva babilônica: Brenda Nascimento, Cezar Augusto (Bradock), Denise Heide Cabral, Hugo Ripardo dos Santos, Jarina Milena e Joan Ferreira? E, em especial, ao Jhonnatan Oliveira, das pessoas mais generosas por quem já pude cruzar meus caminhos e virou um amigo fiel. Você foi luz e eu admiro você demais, em todas suas facetas.

Destaco, com todo amor, meus agradecimentos aos amigos, que mesmo nos mais diversos cantos do país e do mundo, estiveram extremamente presentes e foram peças fundamentais ao longo dos meses de escrita. Eles sempre acreditaram mais em mim do que eu mesmo, em muitos momentos: Sheyla de Azevedo, minha pleta; Mariana Lorena, minha amiga de fé e de estrada; Tainan Cruz, amiiii; Léo Valente, Cleo Lima e Gabriela Olivar, que desde as cadeiras da UFRN são queridos, mas foram importantes demais ao longo do mestrado; Anna Claudia Costa, minha eterna dupla; Catarina Zola, meu

chaveirinho de confiança; Adriana Freitas, a gente se entende no olhar; Jayana Ingrid e Bianca Gomes, as mães que são rede de apoio e amigas amadas; Sidney Domingos e Pollyanna Tavares, sempre; e, os demais que estiveram comigo de alguma forma.

Chegando nos que mais me emocionam sempre para escrever: minha família. Pai, Adão Barcelos, quem seria eu sem seu apoio incondicional? Se hoje eu realizo mais esse sonho e acredito no poder da educação é por sua causa! Sis, Débora Barcelos, você é tudo na minha vida e seu apoio e amor foram base diária. Mano, João Pedro Barcelos, eu tenho um orgulho da sua obstinação em saber que caminho seguir, mesmo tão novo, o que é uma inspiração. Valéria Lins, você foi dos maiores presentes que a vida poderia ter me dado, saber que o pai e o JP estão com você e toda sua amizade e apoio, só faz ter mais certeza que JG tem a melhor “vovó” e madrinha. Obrigada por entenderem porquê eu parti pelo mundo, mas estarem presentes como se eu nunca tivesse partido. Estar longe de vocês é difícil, mas o amor de todos é a coisa mais importante da minha vida. Vir de uma família com exímios professores faz com que entenda mais ainda o peso da docência e os Barcelos trazem essa força na alma, né, tias?!

Ricardo Paulo e João Gabriel, meus amores, eu não consigo nem colocar em palavras o quão fundamental foi ter o apoio de vocês, em todos sentidos. Carinha, obrigada por entender quando a mamãe precisava estudar/trabalhar, por todas as vezes que você ficou “estudando” ao meu lado, por entender sempre que precisou assistir aula ou estar em algum evento/reunião comigo – um mini diploma super poderia lhe ser concedido. Meu anjo, obrigada por segurar as pontas e por se desdobrar, mais ainda, para estar com o João sempre que o mestrado demandou, por acreditar nos meus sonhos até mais do que eu, por ser um parceiro incansável e inabalável. A vida é boa com vocês!

E, sem deixar de mencionar, vó Maria, que mesmo não estando aqui há 10 anos, sempre nos incentivou a irmos atrás do que ela não pode, que era estudarmos, termos um emprego e não dependermos de ninguém. Velhinha, isso aqui é por você também. Vô Pery, das minhas pessoas favoritas nessa vida. Ah, meu velhinho, como foi difícil finalizar essa dissertação enquanto me despedia de você, mas obrigada por sempre ter me amado infinitamente.

Por fim, mas presente em cada respirar, agradeço à espiritualidade amiga por estar sempre ao meu lado!

"Sou feliz, alegre e forte
Tenho amor e sorte
Aonde quer que eu vá"

(Marisa Monte, 2021)

RESUMO

BARCELOS, Denise C. **Guia Alimentar para a População Brasileira e seus 10 anos sob a perspectiva do jornalismo online brasileiro**. 2026. 102 pgs. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2025.

Esta dissertação investiga a trajetória de dez anos da versão atual do Guia Alimentar para a População Brasileira (GAPB), publicado em 2014, pelo Ministério da Saúde, sob a perspectiva das narrativas construídas pelo jornalismo online brasileiro. O GAPB representou uma mudança de paradigma ao transpor o foco dos nutrientes isolados para as dimensões sociais, culturais e de sustentabilidade do ato de comer. O objetivo principal, ao refazer o caminho percorrido desde a criação do Guia, passando pela forma como foi apresentado por sites de notícias de alcance nacional, é compreender a relação histórico-cultural da publicação com a sociedade brasileira e a saúde coletiva ao longo dos anos de sua existência, a partir da narrativa jornalística. Os objetivos específicos são: 1) realizar uma leitura de cenário sobre comunicação, saúde e da concepção do GAPB; 2) levantar o *corpus* utilizado como amostra da forma como o Guia foi sendo apresentado pelos sites de notícias brasileiros, considerando o jornalismo tradicional e o jornalismo independente; 3) compreender os tipos de notícias publicadas e o impacto sobre a população; 4) reconstruir a história do Guia sob a ótica do jornalismo digital brasileiro. O referencial teórico baseia-se em autores como Bueno (2009), de Melo (2014), Lima (2013), Jenkins (2009), Minayo (2023), Berger (2008), Sodré (1999) e Baird (2016). Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa fundamentada na conjugação do Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), das contribuições de Courtine (2013) e do Mosaico de Becker (1993), para a construção das relações histórico-cultural com a população e com a saúde pública, e as técnicas de redação de biografia apresentadas por Neto (2022). O corpus de análise é constituído por 132 matérias publicadas entre outubro de 2014 e agosto de 2025 nos sites Folha de S.Paulo e O Joio e o Trigo, representando, respectivamente, o jornalismo tradicional e o independente. A análise revelou que, embora o Guia seja uma referência científica global, a sua disseminação junto da população é mediada pelas linhas editoriais dos veículos. Os resultados indicam que a Folha de S.Paulo utiliza o GAPB predominantemente como fonte de autoridade técnica para validar recomendações de saúde individual, enquanto O Joio e o Trigo adota uma postura de defesa política e denúncia, utilizando o Guia para expor conflitos de interesses da indústria alimentícia e do agronegócio. Conclui-se que o jornalismo desempenhou um papel fundamental na manutenção da relevância do Guia perante a ausência de campanhas institucionais contínuas, embora ainda persistam desafios na democratização destas informações para a melhoria dos índices de saúde pública no Brasil.

Palavras-chave: Comunicação e Saúde; Jornalismo tradicional; Jornalismo independente; Guia Alimentar para a População Brasileira.

ABSTRACT

This dissertation investigates the ten-year trajectory of the current version of the Dietary Guidelines for the Brazilian Population (GAPB), published in 2014 by the Ministry of Health, from the perspective of narratives constructed by Brazilian online journalism. The DGBP represented a paradigm shift by moving the focus from isolated nutrients to the social, cultural, and sustainability dimensions of the act of eating. By retracing the path taken since the Guidelines' creation and examining how they were presented by national news websites, the primary objective is to understand the historical-cultural relationship of the publication with Brazilian society and collective health throughout its existence, based on journalistic narratives. The specific objectives are: 1) to conduct a landscape analysis of communication, health, and the conception of the GAPB; 2) to establish the corpus used as a sample of how the Guidelines were presented by Brazilian news websites, considering both traditional and independent journalism; 3) to understand the types of news published and their impact on the population; and 4) to reconstruct the history of the Guidelines from the perspective of Brazilian digital journalism. The theoretical framework is based on authors such as Bueno (2009), Melo (2014), Lima (2013), Jenkins (2009), Minayo (2023), Berger (2008), Sodré (1999), and Baird (2016). Methodologically, the research adopts a qualitative approach based on the combination of Ginzburg's Evidential Paradigm (1989), Courtine's contributions (2013), and Becker's Mosaic (1993) to construct the historical-cultural relations with the population and public health, alongside biography writing techniques presented by Neto (2022). The *corpus* of analysis consists of 132 articles published between October 2014 and August 2025 on the websites *Folha de S.Paulo* and *O Joio e o Trigo*, representing, respectively, traditional and independent journalism. The analysis revealed that, although the Guidelines are a global scientific reference, their dissemination to the population is mediated by the outlets' editorial lines. The results indicate that *Folha de S.Paulo* uses the GAPB predominantly as a source of technical authority to validate individual health recommendations, while *O Joio e o Trigo* adopts a stance of political advocacy and denunciation, using the Guidelines to expose conflicts of interest within the food industry and agribusiness. It is concluded that journalism played a fundamental role in maintaining the Guidelines' relevance in the absence of continuous institutional campaigns, although challenges persist in democratizing this information to improve public health indices in Brazil.

Keywords: Communication and Health; Mainstream Journalism; Independent Journalism; Dietary Guidelines for the Brazilian Population.

RESUMEN

Esta disertación investiga la trayectoria de diez años de la versión actual de la Guía Alimentaria para la Población Brasileña (GAPB), publicada en 2014 por el Ministerio de Salud, bajo la perspectiva de las narrativas construidas por el periodismo digital brasileño. La GAPB representó un cambio de paradigma al trasladar el enfoque de los nutrientes aislados hacia las dimensiones sociales, culturales y de sostenibilidad del acto de comer. El objetivo principal, al reconstruir el camino recorrido desde la creación de la Guía y analizar la forma en que fue presentada por sitios de noticias de alcance nacional, es comprender la relación histórico-cultural de la publicación con la sociedad brasileña y la salud colectiva a lo largo de sus años de existencia, a partir de la narrativa periodística. Los objetivos específicos son: 1) realizar una lectura de escenario sobre comunicación, salud y la concepción de la GAPB; 2) establecer el corpus utilizado como muestra de la forma en que la Guía fue presentada por los sitios de noticias brasileños, considerando el periodismo tradicional y el periodismo independiente; 3) comprender los tipos de noticias publicadas y su impacto en la población; 4) reconstruir la historia de la Guía bajo la óptica del periodismo digital brasileño. El referente teórico se basa en autores como Bueno (2009), Melo (2014), Lima (2013), Jenkins (2009), Minayo (2023), Berger (2008), Sodré (1999) y Baird (2016). Metodológicamente, la investigación adopta un enfoque cualitativo fundamentado en la conjugación del Paradigma Indiciario de Ginzburg (1989), de las contribuciones de Courtine (2013) y del Mosaico de Becker (1993), para la construcción de las relaciones histórico-culturales con la población y con la salud pública, junto a las técnicas de redacción de biografía presentadas por Neto (2022). El *corpus* de análisis está constituido por 132 noticias publicadas entre octubre de 2014 y agosto de 2025 en los sitios *Folha de S.Paulo* y *O Joio e o Trigo*, que representan, respectivamente, al periodismo tradicional y al independiente. El análisis reveló que, aunque la Guía es una referencia científica global, su difusión entre la población está mediada por las líneas editoriales de los medios. Los resultados indican que *Folha de S.Paulo* utiliza la GAPB predominantemente como fuente de autoridad técnica para validar recomendaciones de salud individual, mientras que *O Joio e o Trigo* adopta una postura de defensa política y denuncia, utilizando la Guía para exponer conflictos de intereses de la industria alimentaria y del agronegocio. Se concluye que el periodismo desempeñó un papel fundamental en el mantenimiento de la relevancia de la Guía ante la ausencia de campañas institucionales continuas, aunque aún persisten desafíos en la democratización de esta información para la mejora de los índices de salud pública en Brasil.

Palabras clave: Comunicación y Salud; Periodismo Tradicional; Periodismo Independiente; Guía Alimentaria para la Población Brasileña.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Prints</i> da capa e páginas do GAPB	24
Figura 2 – Gráfico com a proporção de produções por gênero nos bancos de pesquisa	28
Figura 3 – Nuvem de palavras-chaves presentes nas teses e dissertações analisadas.	31
Figura 4 – <i>Print</i> da página inicial do site da Folha de S.Paulo	40
Figura 5 – <i>Print</i> da página inicial do site O Joio e o Trigo.....	43
Figura 6 – Imagem do <i>Google Forms</i> para coleta de respostas.....	53
Figura 7 – Governo vigente das matérias utilizadas na análise final	55
Figura 8 – Palavras mais usadas para referenciar o GAPB na Folha de S.Paulo.....	56
Figura 9 – Palavras mais usadas para referenciar o GAPB no O Joio e o Trigo.....	57
Figura 10– Mosaico de Becker.....	65

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
2	O GUIA ALIMENTAR PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA (GAPB).....	20
3	JORNALISMO DE SAÚDE E ALIMENTAÇÃO NO BRASIL.....	26
3.1	A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E ALIMENTAÇÃO NO BRASIL.....	27
3.2	AS PROBLEMÁTICAS DO JORNALISMO SOBRE ALIMENTAÇÃO NO BRASIL.....	36
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	49
4.1	UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE A PARTIR DE <i>GINZBURG, COURTINE E BECKER</i>	50
4.2	OS INDÍCIOS DA PRESENÇA DO GAPB NAS NOTÍCIAS, ANÁLISES DOS RESULTADOS ENCONTRADOS E SUAS INTERSECÇÕES.....	56
4.2.1	Análise dos dados objetivos.....	59
4.2.2	A presença indiciária do GAPB no site O Joio e o Trigo.....	63
4.2.3	A presença indiciária do GAPB no site a Folha de S.Paulo.....	68
4.2.4	O Mosaico de <i>Becker</i>.....	72
5	OS DEZ ANOS DE HISTÓRIA DO GAPB E A SUA RELAÇÃO HISTÓRICO- CULTURAL COM A POPULAÇÃO E A SAÚDE COLETIVA SOB O PRISMA DO JORNALISMO DIGITAL.....	76
5.1	AS RELAÇÕES POR ALÉM DO QUE SE VÊ.....	76
5.2	GAPB, UMA BIOGRAFIA DE RESISTÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DA NARRATIVA JORNALÍSTICA.....	80
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
	REFERÊNCIAS.....	94

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema da alimentação e o risco associado ao consumo de alimentos ultraprocessados constituem uma preocupação central e premente para a saúde pública brasileira. O cenário nacional atual apresenta-se crescentemente desafiador no que tange à efetiva adoção de hábitos alimentares saudáveis e adequados pela população. Em consonância com as diretrizes estabelecidas pelo Guia Alimentar para a População Brasileira (GAPB), publicado pelo Ministério da Saúde em 2014, a alimentação saudável é definida como um direito humano básico e deve ser caracterizada por sua adequação, abrangendo acesso permanente e regular, sendo socialmente justa, respeitando os aspectos biológicos e sociais individuais, atendendo às necessidades especiais, referenciada na cultura alimentar, além de ser harmônica, variada, equilibrada, moderada, prazerosa e baseada em práticas sustentáveis.

Entre os desafios enfrentados, destacam-se as mudanças climáticas e seus impactos na produção de alimentos, conforme relatado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudança no Clima (IPCC para a ONU, 2024); as implicações da reforma tributária brasileira (Ministério da Fazenda, 2024); os malefícios decorrentes do uso de agrotóxicos no agronegócio nacional (Lopes; Albuquerque, 2018); a influência do *lobby* da indústria alimentar (Baird, 2016); e o aumento dos índices de insegurança alimentar no país, notadamente entre 2018 e 2020 (FAO, 2024). Adicionalmente, no contexto da comunicação, do jornalismo, da saúde e da ciência no Brasil, é crucial considerar o crescimento exacerbado do domínio midiático, que se configura como o quarto maior segmento econômico global. Além de representar um acúmulo de poder e a principal fonte de informação, esse domínio detém a capacidade de construir realidades (Guimarães et al., 2017, p. 106).

Nas últimas décadas, as Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) tornaram-se as principais causas de óbito no país, superando as taxas de mortalidade por doenças infecciosas e parasitárias (DIP) a partir da década de 1980. É relevante notar que as DCNTs, embora possuam fatores genéticos, podem ser prevenidas e tratadas por meio de mudanças de hábitos, especialmente os alimentares (Ministério da Saúde, 2005). Como estratégia para mitigar os efeitos desse perfil epidemiológico e dessas transformações, o Ministério da Saúde adotou a criação do Guia Alimentar para a População Brasileira (GAPB), cuja versão atual foi lançada em 2014.

O Guia Alimentar para a População Brasileira foi elaborado pelo Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, em colaboração com o Ministério da Saúde e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS). Sua primeira versão, lançada em 2006, iniciou a discussão sobre alimentação e saúde, apresentando uma linguagem mais didática e acompanhando o novo perfil epidemiológico e o crescimento da indústria alimentar no país. No entanto, essa versão ainda estava fundamentalmente baseada nos nutrientes fornecidos pelos grupos alimentares.

Em 2009, pesquisadores do Nupens desenvolveram a categorização NOVA, que classifica os alimentos com base em como e por que são submetidos a processamentos industriais antes do consumo (FSP, 2024). Essa classificação pioneira inovou ao considerar o grau de processamento, e não apenas as fontes de nutrientes, dividindo os alimentos em quatro grupos: (1) alimentos *in natura* ou minimamente processados, (2) ingredientes culinários processados, (3) alimentos processados e (4) alimentos e bebidas ultraprocessados. O surgimento da NOVA estabeleceu o suporte científico para diversos estudos que têm comprovado o impacto do aumento do consumo de ultraprocessados no crescimento dos casos de obesidade e DCNT.

Desse modo, em 2014, foi lançada a versão atual do Guia Alimentar para a População Brasileira, alicerçada científica e conceitualmente na classificação NOVA (2009). O Guia causou impacto mundial ao impulsionar novos conceitos, superar ideias antigas e basear suas recomendações no processamento dos alimentos. Além disso, passou a reconhecer que a alimentação transcende nutrientes e alimentos, englobando refeições, modo de comer, aspectos sociais e culturais, e a sustentabilidade na produção e nas escolhas alimentares. O Guia, intencionalmente, não prescreve quantidades predeterminadas de consumo, pois os valores variam individualmente. Vale salientar, ainda, que as diretrizes destacam o conceito de comensalidade, que se refere às circunstâncias do ato de comer (como, onde e com quem comer), enfatizando a importância do tempo e da atenção dedicados à refeição, o ambiente e os fatores sociais envolvidos, como a companhia.

O impacto do Guia brasileiro foi significativo, devido ao seu embasamento científico e atualidade, servindo de modelo para a criação de guias alimentares em países como Uruguai (2015), Equador (2018), Peru (2019), Chile (2023) e México (2023), e suas recomendações são utilizadas na Bélgica, Canadá e Israel (Nupens, 2024). Ademais, as políticas públicas nacionais relacionadas à alimentação são criadas a partir de suas informações, abrangendo desde a formulação da Nova Cesta Básica (Ministério da

Fazenda, 2024) até a criação da nova rotulagem de alimentos e a proibição de ultraprocessados em escolas no município do Rio de Janeiro, em 2023. As políticas públicas que contribuíram para que o Brasil saísse do Mapa Mundial da Fome em diferentes momentos foram fundamentadas no Guia.

Contudo, considerando que o Governo Federal lançou um guia balizador das suas políticas públicas de alimentação e que possui um caráter pioneiro, questiona-se: qual a narrativa que o jornalismo online nacional tem construído sobre o GAPB ao longo de sua primeira década de existência? O Guia tem sido utilizado como uma fonte primária de consulta pelos jornalistas ao produzirem reportagens sobre alimentação, hábitos alimentares e os riscos do consumo de alimentos ultraprocessados?

Para responder a estas questões, as investigações aqui relatadas se ancoram especificamente nas notícias publicadas em sites de notícias, no período de outubro de 2014 a agosto de 2025, analisando suas relações com a versão atual do Guia Alimentar para a População Brasileira, com o intuito de recontar a sua história. Portanto, o objetivo principal, ao refazer o caminho percorrido desde a criação do Guia, passando pela forma como foi apresentado por sites de notícias de alcance nacional, é compreender a relação histórico-cultural da publicação com a sociedade brasileira e a saúde coletiva ao longo dos anos de sua existência, a partir da narrativa jornalística.

Para alcançar o objetivo principal definimos alguns objetivos específicos, a saber: 1) realizar uma leitura de cenário sobre comunicação, saúde e da concepção do GAPB; 2) levantar o *corpus* utilizado como amostra da forma como o Guia foi sendo apresentado pelos sites de notícias brasileiros, considerando o jornalismo tradicional e o jornalismo independente; 3) compreender os tipos de notícias publicadas e o impacto sobre a população; 4) reconstruir a história do Guia sob a ótica do jornalismo digital brasileiro.

Inicialmente, diversas hipóteses foram levantadas. Contudo, com os objetivos bem definidos, o crescente levantamento de sinais que corroboram a realização da pesquisa e um aporte teórico sistematicamente construído, chega-se à seguinte hipótese principal a ser testada: a forma como o GAPB foi apresentado pelos sites de notícias, como a Folha de S.Paulo (adotando-se a grafia utilizada pelo próprio veículo) e O Joio e o Trigo, ao longo de seus 10 anos, influenciou a relação histórico-cultural da publicação com a sociedade brasileira e a saúde coletiva. Além disso, outras hipóteses ganharam espaço: as diferenças editoriais entre os veículos de jornalismo tradicional (Folha de S.Paulo) e independente (O Joio e o Trigo) podem resultar em narrativas distintas sobre o Guia Alimentar, influenciando a forma como a população recebe a informação; e o jornalismo

digital brasileiro não se limita a citar ou usar o GAPB como fonte, podendo também apresentar críticas ao guia.

Metodologicamente, o trabalho começa com uma revisão bibliográfica sobre os cenários chaves da Comunicação e Saúde com enfoque em Alimentação, diferenciando os tipos de jornalismo ligados à área e os conceitos que nortearão toda a construção do trabalho e seus resultados.

O estudo da arte sobre as relações do Guia Alimentar com a área da Comunicação, em si, contou com o levantamento de teses e dissertações nos repositórios das Instituições de Ensino Superior que oferecem Programas de Pós-Graduação, presentes em todas as regiões do Brasil, segundo avaliação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), através da plataforma Sucupira, e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Foram encontrados, entre 2014 e 2024, 21 trabalhos específicos sobre alimentação nos PPGs em Comunicação e somente dois citavam o Guia.

Posteriormente, realizou-se a etapa de coleta de matérias sobre o Guia Alimentar nos mais diversos sites, abrangendo desde o lançamento da versão atual do manual, em 2014, até seu aniversário de 10 anos e a reverberação das celebrações, até agosto de 2025. A partir desta primeira busca, foi possível definir especificamente o *corpus*, ou seja, quais sites seriam utilizados como amostragem (Folha de S. Paulo e O Joio e o Trigo) e a forma como essas notícias seriam analisadas, a partir do próprio objeto empírico, que sugeriu as seguintes categorias de divisão: a) Detalhada: notícias detalhadas sobre o GAPB em si; b) Fonte: notícias que utilizam o GAPB como fonte de informação; c) Citação simples: notícias que apenas mencionam o GAPB; d) Críticas: notícias que criticam ou trazem críticas sofridas pelo GAPB; e, e) Políticas públicas: notícias que abordam políticas públicas do Governo nas quais o GAPB se insere. A partir do contato inicial, fazendo um paralelo com o momento histórico em que as matérias foram escritas, procedeu-se à busca de indícios que permitissem um maior detalhamento – entre palavras e fontes – da análise pretendida.

Metodologicamente, optou-se por um caminho que fosse capaz de abarcar mais detalhes e sinais do que foi encontrado ao longo das leituras, para além de categorias pré-determinadas. Para tanto, a pesquisa fundamenta-se na conjugação do Paradigma Indiciário, de Ginzburg (1989), das contribuições de Courtine (2013) sobre o método e da utilização do Mosaico de Becker (1993) como metodologias aliadas. Entende-se que o objeto de estudo revelou pormenores que não poderiam ser ignorados, uma vez que o

objetivo do trabalho transcende a análise exclusiva do conteúdo ou do discurso presentes nas matérias.

Por fim, propõe-se uma reconstrução da trajetória do GAPB amparada nas técnicas de biografia de Lira Neto, conforme detalhado em *A arte da biografia* (2022). Ao transpor o rigor biográfico para a análise documental, busca-se esmiuçar o material coletado sob a ótica do jornalismo online brasileiro, conferindo à publicação um caráter de personagem central. Dessa forma, a pesquisa não se limita a descrever os fatos, mas investiga as nuances e as camadas narrativas que moldaram a identidade pública do Guia ao longo da última década.

Dessa forma, as próximas páginas apresentam um trabalho que vem sendo maturado desde as minhas primeiras pesquisas em 2019, durante a graduação em Nutrição, e que me motivou a retomar os estudos acadêmicos na Comunicação. Ao percorrer os sete semestres na área da saúde, ficou latente que meu lado comunicadora questionava, a todo tempo, o papel da Comunicação, do Jornalismo e de seus profissionais na forma como a informação chegava à população e seus impactos coletivos. Já não era uma opção seguir pesquisando apenas a Nutrição; a ânsia por entender a interseção entre as duas áreas falou mais alto, e os laboratórios e clínicas ficaram para depois.

No capítulo inicial desta dissertação, será apresentada a história por trás da criação do Guia Alimentar para a População Brasileira, desde a necessidade de sua criação, passando pela primeira versão de 2006; a elaboração, por cientistas brasileiros, da categorização NOVA (Nupens-FSP, 2009), que se baseia em como e por que os produtos alimentícios são submetidos a processamentos industriais antes de serem consumidos (FSP, 2024); o que levou à criação da versão atual, lançada pelo Ministério da Saúde em 2014, e, em 2019, do Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de 2 anos.

No segundo capítulo, aprofunda-se a compreensão de como o jornalismo de saúde perpassa pelo jornalismo científico e de divulgação científica (Bueno, 2009), uma vez que estão ancorados nas mesmas bases. O capítulo aborda, em sua terceira parte, os conflitos de interesses da imprensa, visto que é a mídia quem dissemina discursos informativos que, nos processos interpretativos do público, podem influenciar práticas em saúde e viabilizar interesses diversos, chegando a criar falsas necessidades (Guimarães et al, 2017, p.106).

Tais reflexões corroboram as definições apresentadas sobre jornalismo online, que é a base do *corpus* da presente dissertação, uma vez que Jenkins (2009) postula em seus

estudos que a cibercultura envolve a formação de hábitos dentro da cultura e mídia digitais e como essas práticas modulam e moldam o comportamento humano. Para ele, os principais aspectos na formação desses hábitos são a participação ativa, a convergência de mídias, a cultura das redes, a alfabetização midiática e identidade e a performatividade.

Ainda na segunda parte do capítulo, há um estado da arte sobre as pesquisas em Comunicação e Alimentação nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, no Brasil. Para a composição do *corpus*, foi realizada uma busca com as palavras-chave “comunicação” e “alimentação” no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com o recorte temporal de 2014 a 2024. Os resultados foram analisados com base em Lopes (2014), Minayo (2023) e Berger (2019).

Na última parte do capítulo, detalham-se os sites de notícias escolhidos e os motivos dessas escolhas, que servirão, posteriormente, como amostragem para o elemento central da pesquisa no penúltimo capítulo. Para a composição do *corpus* de análise, a seleção dos veículos de comunicação se pautou na necessidade de contrapor o jornalismo tradicional e o independente. Dessa forma, elegeram-se sites de notícias tradicionais, representados pela Folha de S.Paulo (Melo, 2014), em função de sua consolidação a partir de jornais impressos renomados, e sites de notícias independentes, representados por O Joio e o Trigo (Lima, 2013). Este último foi escolhido devido à sua especialização na área de alimentação, seu volume de produção e seu notório caráter de jornalismo investigativo aprofundado (Fortes, 2005).

O quarto capítulo apresentará os caminhos metodológicos utilizados. Metodologicamente, conforme já definido, a pesquisa se fundamenta na conjugação de três pilares conceituais para a análise aprofundada do objeto empírico: o Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), as contribuições de Courtine (2013) sobre o método e a utilização do Mosaico de Becker (1993) como metodologias aliadas. Esta abordagem, que valoriza a decifração de sinais e indícios, as proposições de análise visual, discursiva, de contextualização cultural e de interdisciplinaridade, justifica-se pela pertinência em estudos de caso na área de Comunicação e Saúde (Braga, 2008). Em seguida, proceder-se-á à formação do *corpus*, a partir da coleta das matérias que citam o Guia Alimentar nos dois sites jornalísticos utilizados; logo após, a categorização da presença do material na produção das notícias, os critérios de seleção dos indícios; e, a partir de todas as etapas anteriores, ocorrerá a análise dos resultados e a sustentação das relações do GAPB

como fonte, com a população brasileira e com a saúde pública a partir da perspectiva do jornalismo digital brasileiro.

Por fim, o último capítulo concretiza todo o trabalho realizado, pois será feita, a partir da análise dos resultados, as relações histórico-culturais da relação do GAPB com a população e com a saúde pública para, então, recontarmos a história do Guia Alimentar da População Brasileira, mesclando a sua história já conhecida, inclusive disponibilizada de forma sucinta no site do Nupens/FSP, com a que foi contada, ao longo dos seus 10 anos de existência, pelos sites de notícias utilizados como amostragem, e a compreensão das relações com a população brasileira.

Salienta-se que a forma como a biografia se realizará parte das sugestões de pesquisa e reconstrução da narrativa não ficcional do jornalista e biógrafo Lira Neto, em seu livro “A arte da biografia” (2022). Conhecido nacionalmente por ter escrito as biografias de Getúlio Vargas, Padre Cícero, Maysa, Castello Branco e outros, ele ressalta que as biografias são formas de entender contextos culturais, sociais e históricos mais amplos. Ou seja, fenômenos e movimentos podem ser biografados para uma melhor compreensão de sua influência e impacto.

Ao final, espera-se contribuir com a intersecção entre o jornalismo e a divulgação científica na área da Alimentação, dada a importância da temática e o volume de pesquisas reconhecidas mundialmente que nem sempre chegam diretamente à população em geral. Recontar a história do Guia na perspectiva da imprensa é fundamental para compreender o que, de fato, é informado aos leitores e a importância da democratização de informações tão claras, simples e que podem propiciar maior qualidade de vida.

E, ao longo da execução deste trabalho, foi evidenciado que a forma como a informação chega à população, no tocante à alimentação, está muito relacionada aos meios que esta utiliza para se informar e aos interesses por trás dos veículos. Ao nos depararmos com os veículos em análise, ficou evidente que as relações podem ser de cunho social e político bem como podem ser de hábitos e cotidiano, o que mostra diferentes relações do Guia Alimentar e sua presença na vida da população.

2 O GUIA ALIMENTAR PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA (GAPB)

A partir do cenário levantado até então, desde os aspectos políticos à produção jornalística em si, no tocante à mitigação dos efeitos no campo da Alimentação, destaca-se que uma das ferramentas adotadas pelo Ministério da Saúde foi a criação do Guia Alimentar para a População Brasileira (GAPB), em 2006, cuja versão atual foi lançada em 2014. Contudo, antes de tudo, é preciso compreender o cenário em que a concepção do GAPB foi pensada, pois, no início dos anos 2000, o Brasil passava por mudanças e desafios significativos na saúde coletiva e no cenário de Comunicação no país, que contribuíram para as concepções de saúde pública como um valor estratégico.

Após a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), pela Constituição Federal de 1988 e promulgado pela Lei nº 8.080 de 19 de setembro de 1990, o país começava a ver os efeitos de ter uma cobertura de saúde mais ampla nos atendimentos de cobertura vacinal, mas de forma ainda desigual. Contudo, ainda de forma muito irregular, o perfil epidemiológico em constante mudança mostrava que a alimentação era um fator de grande preocupação e era, neste momento, que o Brasil começava a entender a importância de políticas públicas para a segurança alimentar, principalmente de crianças e adolescentes. As disparidades sociais eram fatores preponderantes na mitigação dos quadros de desnutrição de um lado, enquanto os casos de obesidade começavam a se tornar um problema de saúde pública com o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados, segundo a OPAS/OMS – PAHO.

Já do ponto de vista da Comunicação, na segunda metade da década de 1990, o Brasil começava a ver os primeiros sinais de mudanças mais significativas nas formas de produção de notícias e de engajamento dos seus consumidores com a expansão da internet e surgimento das primeiras redes sociais. Em seguida, ao longo da primeira década dos anos 2000, foi um período marcado pela transição dos meios tradicionais para os meios digitais, mas a televisão, a imprensa escrita, o rádio e o telefone seguiam sendo preponderantes, pois havia o desafio do acesso à internet devido às desigualdades regionais, seu alcance e alto custo.

Com as mudanças dos perfis epidemiológicos e de comunicação, o ano de 2006 foi marcado por campanhas do Governo Federal que procuravam consolidar o SUS e o controle de doenças, como a poliomielite e a Aids, veiculadas nos canais de televisão aberta, publicações em jornais e *spots* em rádios AM e FM. Foi neste mesmo ano que o Governo implementou o Pacto pela Saúde (Ministério da Saúde, 2006), que estabeleceu metas e prioridades para o SUS, com foco na gestão, assistência e participação social, e

foi aprovada a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde (Ministério da Saúde, 2006), que consolidou os direitos e deveres do exercício da cidadania na saúde.

Ainda nas ações do Governo Federal, no campo da alimentação é importante ressaltar a criação do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN (Casa Civil, 2006), com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada e dar outras providências. A partir deste momento, o Governo passa a entender a necessidade, através dos indicadores, da criação de ações relacionadas à educação em alimentação. Uma das ações contempladas foi a encomenda do Guia Alimentar Brasileiro, que foi concebido, também, como uma resposta ao chamado da Estratégia Global para Alimentação, Atividade Física e Saúde da OMS, lançada em 2004, com o objetivo de orientar a população sobre como ter uma alimentação mais saudável e adequada

O Guia Alimentar para a População Brasileira foi desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens), da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, para o Ministério da Saúde e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS). A sua primeira versão foi lançada em 2006, dando um pontapé inicial na discussão sobre alimentação, saúde e as iniciativas ligadas às temáticas, e apresentava uma linguagem mais didática, que acompanhava as mudanças do perfil epidemiológico e o aumento da indústria alimentar no país. Entretanto, ainda era baseada nos nutrientes que cada grupo alimentar fornecia.

Já em 2009, os pesquisadores do Nupens desenvolveram uma categorização de alimentos, baseada em como e por que os produtos alimentícios eram submetidos a processamentos industriais antes de serem adquiridos ou consumidos (FSP, 2024), denominada NOVA. Pioneira, ela trouxe um novo olhar às classificações dos alimentos, levando em consideração não somente as fontes de nutrientes que forneciam, mas, também, o grau de processamento. A partir de então, os alimentos passaram a ser classificados em grupos alimentares: (1) alimentos *in natura* ou minimamente processados, (2) ingredientes culinários processados, (3) alimentos processados e (4) alimentos e bebidas ultraprocessados. Portanto, o surgimento da NOVA se tornou suporte de diversos estudos que vêm comprovando o impacto do aumento do consumo de alimentos ultraprocessados no aumento de casos de obesidade e DCNT. A sua distribuição inicial foi impressa, gratuita, e entregue nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) para profissionais da Nutrição e Saúde da Família, que deveriam utilizá-lo nas atividades de educação alimentar, além da versão digital disponível em formato PDF para toda a população, no site do Governo Federal.

Apesar dos esforços crescentes do Governo Federal, foi somente em 2010 que o Brasil incluiu formalmente o direito à alimentação como um direito social na Constituição Federal, por meio da Emenda Constitucional nº 64. Ao ser acrescido ao artigo 6º, a alimentação se tornou, finalmente, um direito constitucional. Isso significa que o Estado tem o dever de adotar políticas públicas que garantam o acesso contínuo a alimentos seguros e nutritivos para toda a população. A incorporação desse direito representou um avanço importante para a sua efetivação e exigibilidade no país.

Sendo assim, em 2014, com as mudanças significativas na área da alimentação e da Comunicação, nas quais a pirâmide alimentar, que classificava os alimentos por seu perfil de nutrientes, tornou-se inadequada para o contexto brasileiro, que enfrentava crescente obesidade, diabetes e outras doenças crônicas, surgiu a atual versão do Guia Alimentar para a População Brasileira, que teve seu embasamento e fundamento científicos alicerçados na NOVA (2009).

Causando impacto mundial, o Guia impulsionou novos conceitos, superou ideias antigas, fundamentou-se no processamento dos alimentos, bem como passou a reconhecer que a alimentação envolve nutrientes, alimentos, refeições, modo de comer, aspectos sociais e culturais, sustentabilidade na produção e nas escolhas alimentares. Inovou, também, por não trazer as quantidades predeterminadas de consumo de cada alimento, pois são variáveis de pessoa para pessoa. Vale salientar, ainda, que as diretrizes destacam o conceito de comensalidade, ou seja, as circunstâncias do ato de comer (como, onde e com quem comer), para além “do que comer”, o tempo e a atenção dedicados ao comer, o ambiente das refeições e os fatores sociais envolvidos, como a companhia de outras pessoas e

por fim, o documento inclui reflexões sobre a sustentabilidade na alimentação, um conceito que engloba o impacto que nossas escolhas alimentares têm no planeta e nas pessoas que trabalham no setor alimentício. Trata-se de um olhar ampliado, que considera o sistema alimentar e suas consequências (Nupens, 2024).

Em 2024, a atual versão, que é o objeto deste estudo, completou 10 anos. Contudo, é imprescindível compreender que durante o período, o país e o mundo passaram por mudanças consideráveis tanto nas relações socioculturais e econômicas bem como na saúde pública. Muitas dessas mudanças foram atravessadas pelo avanço da internet e da nova forma de comunicação entre os entes envolvidos, principalmente com o avanço das redes sociais e a forma de produção de conteúdos.

Cabe ressaltar que desde os anos que antecederam a primeira versão do Guia até a celebração da sua primeira década, o Governo Federal expandiu as políticas públicas relacionadas à alimentação, incluindo a criação do Ministério do Desenvolvimento Social e

Combate à Fome (MDS), em 2004, com destaque para a regulamentação da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), através do Decreto nº 7.272, de 25 de agosto de 2010; o fortalecimento de programas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), criado em 2003; e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), criado em 1995, mas tem-se a Lei nº 11.947/2009 como um marco importante, ampliando o alcance do programa e estabelecendo que pelo menos 30% dos recursos sejam investidos na compra de produtos da agricultura familiar; além da criação do Conselho de Alimentação Escolar (CAE), que teve sua instituição em 1994, mas sua atual versão é de 2009. Diversos outros programas foram implementados, como o Programa Cisternas (2003), o Programa Fomento Rural (2011) e o Programa Cozinha Solidária (2023), que visavam a produção de alimentos e a distribuição a grupos em situação de vulnerabilidade.

Não podendo ser esquecida, a pandemia da Covid-19, que atingiu o mundo de janeiro de 2020 a maio de 2023 (OMS), modificou as relações globais e impactou diretamente a alimentação da população brasileira. Segundo a OMS, de 2014 a 2021, o Brasil esteve fora do Mapa da Fome mundial. Contudo, em 2021, sob os efeitos da pandemia e das mudanças das políticas públicas instauradas pelo então Governo Federal¹, o país retornou ao preocupante cenário do Mapa da Fome e de insegurança alimentar grave. Somente em 2023, o país começou a melhorar seus índices após a retomada de programas ligados à alimentação e pela recuperação econômica após o final do ciclo pandêmico. Por fim, em 2025², o país saiu novamente do Mapa da Fome (FAO, IFAD, UNICEF, WFP e WHO, 2025).

Além da história e dos seus atravessamentos ao longo da existência do GAPB, é preciso salientar que a criação de um guia que trouxesse orientações sobre alimentação saudável, desde os alimentos à comensalidade e sustentabilidade, foi um dos seus nortes. Para tanto, para comunicar algo e conseguir prender a atenção dos leitores – de profissionais das Unidades Básicas de Saúde (UBS) aos usuários destas unidades, a quem a tiragem impressa se destinou – era preciso mais do que informação de qualidade e com rigor científico, mas também que fosse algo esteticamente agradável, chamasse a atenção dos leitores, conversasse com a população e tivesse uma linguagem acessível.

Portanto, ao trazer, em destaque, que a alimentação é mais que ingestão de nutrientes, é, também, preparações culinárias que resultam da combinação e preparo

1 O então Presidente da República era Jair Messias Bolsonaro, cujo mandato foi de 2019 a 2022.

2 O Presidente da República era Luiz Inácio Lula da Silva, que cumpre seu terceiro mandato, iniciado em 2023 e ainda vigente durante o processo de produção desta pesquisa.

desses alimentos, modos particulares de comer constituem parte importante da cultura de uma sociedade e, como tal, estão fortemente relacionados com a identidade e o sentimento de pertencimento social das pessoas, com a sensação de autonomia, com o prazer propiciado pela alimentação e, conseqüentemente, com o seu estado de bem-estar (Ministério da Saúde, 2014. p. 16).

Contudo, apesar de sua inovação e amplitude, com o passar dos 10 anos de sua criação, fazendo uma análise crítica e de abrangência, destacamos que há vulnerabilidades a serem elencadas: mesmo tendo por base o respeito às culturas alimentares locais, seguir o que está recomendado nele, dada tamanha diversidade de territórios e desigualdades latentes na distribuição de renda e de alimentos, nem sempre é viável, pois ele tem seu conteúdo pensado em aspectos gerais para o país. Os desertos alimentares, que “são locais onde o acesso a alimentos *in natura* ou minimamente processados é escasso ou impossível, obrigando as pessoas a se locomoverem para outras regiões para obter esses itens, essenciais a uma alimentação saudável” (IDEC, 2019), e os pântanos alimentares, que “são locais em que se predomina a venda de produtos altamente calóricos com poucos nutrientes, como no caso das redes de *fast food* e lojas de conveniência” (IDEC, 2019), ainda são alguns dos obstáculos mais contundentes na aplicação prática. Ou seja, o uso do Guia enfrenta muitas dificuldades bem como a necessidade de possíveis versões regionais, ampliando seu alcance – vide o sucesso da edição materno-infantil.

Apesar dos esforços do Nupens em divulgar o GAPB, quando pesquisamos sobre o material nos sites dos Ministérios do Governo Federal, há poucas informações ou campanhas sobre o seu uso, o que faz com que parte significativa da população o desconheça. Em um teste rápido, sempre realizado por esta pesquisadora, em todas aulas e palestras que ministra, mesmo sendo no âmbito universitário, ao perguntar quem conhece o material é sempre uma minoria que responde positivamente, salvo em discussões em grupos de pesquisa de Comunicação e Saúde. Portanto, a capilaridade do Guia, ao pensarmos num país que luta contra as DCNTs precisaria ser repensada tanto para a população quanto para quem possa utilizá-lo como fonte de pesquisa ou de produção de conteúdo.

Figura 1 – Prints da capa e páginas do GAPB



Fonte: Autora, 2025

3 JORNALISMO DE SAÚDE E ALIMENTAÇÃO NO BRASIL

Ao adentrarmos, mais especificamente, no debate sobre Jornalismo de Saúde com enfoque em Alimentação, no Brasil, faz-se necessária a compreensão dos conceitos nos quais esse trabalho se baseia. Para tanto, cabe, neste momento, a elucidação do que entenderemos como jornalismo científico e jornalismo de divulgação científica.

No campo da Comunicação em Saúde é necessário, inicialmente, compreender o cenário da comunicação na região, pois foi no decorrer das últimas cinco décadas que os estudos em Comunicação na América Latina avançaram e “entre o final dos anos 1960, início dos 1970, que se inaugura uma reflexão efetivamente latino-americana sobre a comunicação, pois as condições estruturais do subdesenvolvimento são consideradas e incorporadas na análise dos meios” (Berger, 2008, p. 3). Assim, observa-se uma maior necessidade de reflexão sobre as distinções entre o Norte e o Sul Global, a apreensão das diversidades socioculturais em países como o Brasil, o exame das produções jornalísticas orientadas por interesses econômicos e políticos, e a urgência da descolonização do pensamento sobre comunicação e produção, o jornalismo de denúncia e se destacam os estudos culturais com ênfase em “refletir sobre o papel dos meios de comunicação na constituição de identidades” (Escosteguy, 2008, p. 11).

O jornalismo científico é aquele que se dedica à divulgação e tradução ao público leigo e leitor sobre ciência e tecnologia. Através de estudos e escutas das fontes primárias da produção científica, o jornalista fica encarregado de tornar simples, sem ser simplista, assuntos complexos, de interesse público e que grande parte da população muitas vezes não sabe nem como ter acesso a esse tipo de conhecimento ou o porquê de sua pertinência. Nos últimos 30 anos, no Brasil se destacam a publicação de conteúdos sobre áreas “como a informática/computação (vide o espantoso impacto provocado pela Internet), a biotecnologia, o meio ambiente, a pesquisa agropecuária, a cosmologia/astrofísica e a genética, dentre muitas outras” (Bueno, 2009. p. 119). E, nota-se, que há “o crescimento de novos espaços de divulgação e para a acelerada capacitação dos profissionais de imprensa e de comunicadores científicos” (Bueno, 2009. p. 121). Entretanto, ainda há uma carência de um olhar crítico, além do deslumbramento pontuado por Wilson Bueno; a reprodução de cópias de *releases* enviados às redações, que priorizam as produções do eixo Sul Sudeste brasileiro; e o entendimento de fontes e artigos que realmente sejam relevantes sobre a temática, ainda mais considerando o fenômeno das *fake news*.

Aliado ao jornalismo científico, o de divulgação científica, realizado principalmente através de revistas e periódicos, responsabiliza-se pela abordagem da produção acadêmica envolvida nas áreas das ciências e tecnologia. Contudo, “o trabalho de divulgação científica, no Brasil, continua sendo obstaculizado pela ausência de uma ‘cultura de comunicação’ nos nossos principais centros geradores de C&T (universidades, institutos e empresas de pesquisa)” (Bueno, 2009. p. 121).

3.1 A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E ALIMENTAÇÃO NO BRASIL

Após definirmos o objeto e hipóteses levantadas para a elaboração deste trabalho, definirmos os conceitos norteadores, debruçamo-nos sobre os estudos que abordassem Comunicação e o Guia Alimentar em si e, ao realizarmos buscas ativas e diretas, notamos uma ausência de trabalhos que fossem sobre os dois assuntos em específico. Para tanto ampliamos nossa busca e constatamos que estudos sobre alimentação e seus desdobramentos são amplamente difundidos e realizados nas áreas das ciências biológicas, nutrição, engenharias, sociologia, medicina e antropologia e seus Programas de Pós-Graduação (PPGs). Contudo, sendo um assunto tão caro à saúde da população brasileira, nos estudos relacionados à Comunicação, tanto no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, quanto na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), notou-se que ainda há poucos trabalhos publicados. Mesmo a área de Comunicação se relacionando com mais áreas, de forma multidisciplinar, e fazendo parte das pesquisas de cunho social, ao se limitar às buscas para produções que relacionem Comunicação e alimentação, há um esvaziamento.

Ao realizar a busca pelas palavras chaves “Comunicação” e “alimentação” e limitar aos trabalhos, tanto de teses quanto dissertações, de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, na plataforma Sucupira, e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no período de 2014 a 2024, chegou-se ao total de 21 trabalhos, excluindo-se as repetições.

Salta aos olhos a baixa presença de produções visto que as informações sobre alimentação chegam à população muitas vezes a partir da televisão, rádios, jornais, sites de notícias e redes sociais. Portanto, detemo-nos em analisar os dados colhidos sobre os estudos publicados. A partir da investigação, que abarcou as etapas de pré-análise, exploração do material e a interpretação dos resultados obtidos, limitamos as seguintes categorias de análise: 1) número de trabalhos em comunicação e alimentação; 2)

classificação geográfica dos PPGs; 3) palavras-chave utilizadas nas teses e dissertações; e, 4) metodologias. Após a categorização e análise do *corpus*, foi possível mergulhar no que se tem de produção sobre alimentação e encontrar resultados que foram ancorados nas reflexões de Lopes (2014), Minayo (2023) e Berger (2019).

Levando em consideração o cenário que já apresentamos para a Comunicação sobre Alimentação, não é de se admirar que esses estudos ganhem pouco espaço. Nos principais eventos da área da Comunicação foi possível observar que no Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), o Grupo de Trabalho (GT) Comunicação da Ciência e Políticas Científicas não traz em sua ementa nem uma menção direta às pesquisas sobre alimentação.

Comunicação da Ciência e Políticas Científicas

Ementa: As relações políticas, econômicas, sociais, culturais, tecnológicas e biotecnológicas na interface entre comunicação, ciência e sociedade. Métodos digitais para a análise e avaliação da circulação da comunicação e informação científica na mídia e nas redes sociais. Circulação de desinformação relacionada à ciência, saúde e meio ambiente, bem como outras manifestações, como movimentos anticiência, negacionismo, e pseudociência na mídia e plataformas digitais. Representações midiáticas sobre a ciência, saúde e meio ambiente. Usos e Práticas em Divulgação Científica, Educação científica, Jornalismo Científico e Editoração Científica. Impactos sociais, políticos e econômicos da ciência no campo da Comunicação. Políticas científicas e avaliação da ciência na área de comunicação. Internacionalização, redes de cooperação Sul-Sul e Norte-Sul e circulação internacional da pesquisa científica brasileira da área. Análises cientométricas, bibliométricas e altimétricas sobre a produção científica na área. (Compós, 2025).

Já no Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) não apresenta nem uma Rede de Pesquisa sobre jornalismo científico, quiçá alimentação. E, por fim, no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), tanto na sua edição Nacional quanto nas regionais, há o Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, que abrem espaço para pesquisas com foco em alimentação, mas sem a especificar em suas ementas.

GP COMUNICAÇÃO, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, SAÚDE E MEIO AMBIENTE

EMENTA: Diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e práticas sociais da Comunicação relacionadas à divulgação científica, à saúde e ao meio ambiente, atravessadas pelos processos de mediatização e dataficação, movimentos negacionistas, crises sanitárias, ambientais e debates sobre gênero, raça e classe. Representações midiáticas e construções do imaginário social sobre saúde, ciências e meio ambiente. Compreensão do ethos e formação de comunicadores e cientistas. Difusão e apropriação da cultura científica, moralidades, posicionamentos políticos vigentes, divulgação de políticas públicas de CT&I, saúde e meio ambiente. Saberes tradicionais e decoloniais, comunidades epistêmicas, novas formas de autoridade e seus embates com o discurso científico. Intervenções no corpo, dispositivos tecnológicos, concepções de risco, biopolítica; novos coletivos e ativismos em contextos midiáticos.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; divulgação científica; saúde; meio ambiente. (INTERCOM, 2025)

Tais dados acabam entrando em confronto com o panorama da saúde coletiva brasileira no tocante à alimentação já supracitadas. Dentre as DCNTs mais presentes no Brasil, por exemplo, as doenças cardiovasculares são apontadas como a principal causa de morte no país e uma das principais causas no mundo. Segundo os especialistas, “grande parte dessas ocorrências poderiam ser evitadas com mudanças no estilo de vida. Dentre essas mudanças, podemos incluir a melhora do hábito alimentar” (Camarneiro et al., 2018).

Nos anos 2008 e 2009, foi realizado o Inquérito Nacional de Alimentação, composto por amostra probabilística da Pesquisa de Orçamentos Familiares (Souza, 2013), que demonstrou que os alimentos mais consumidos pela população brasileira foram arroz (84,0%), café (79,0%), feijão (72,8%), pão de sal (63,0%) e carne bovina (48,7%), destacando-se também o consumo de sucos e refrescos (39,8%), refrigerantes (23,0%) e menor presença de frutas (16,0%) e hortaliças (16,0%). Ou seja, apesar de ainda ser muito presente o básico feijão e arroz, a população acaba sendo alvo dos ultraprocessados, que além de baixo custo também são ricos em sódio, conservantes, corantes, acidulantes, açúcares e demais substâncias intimamente ligadas aos hábitos que aumentam as chances do desenvolvimento de agravos e DCNTs.

Dito isso, ao se falar sobre assuntos tão fundamentais à população brasileira, como a alimentação, deveria já ser prática mais comum nos estudos de Comunicação no país, uma vez que, como pontua Berger (2021), são as demandas políticas e sociais, em conjunto com as inquietações científicas, que impulsionam a produção latino-americana de conhecimento.

A partir do *corpus* levantado, de 2014 a 2024, nos repositórios da Capes e da BDTD foram encontradas, a partir da busca pelas palavras-chave “Comunicação” e “alimentação”, nos PPGs de Comunicação especificamente, um total de 21 produções divididas em 15 dissertações e 6 teses, já considerando as duplicações das publicações nos dois locais:

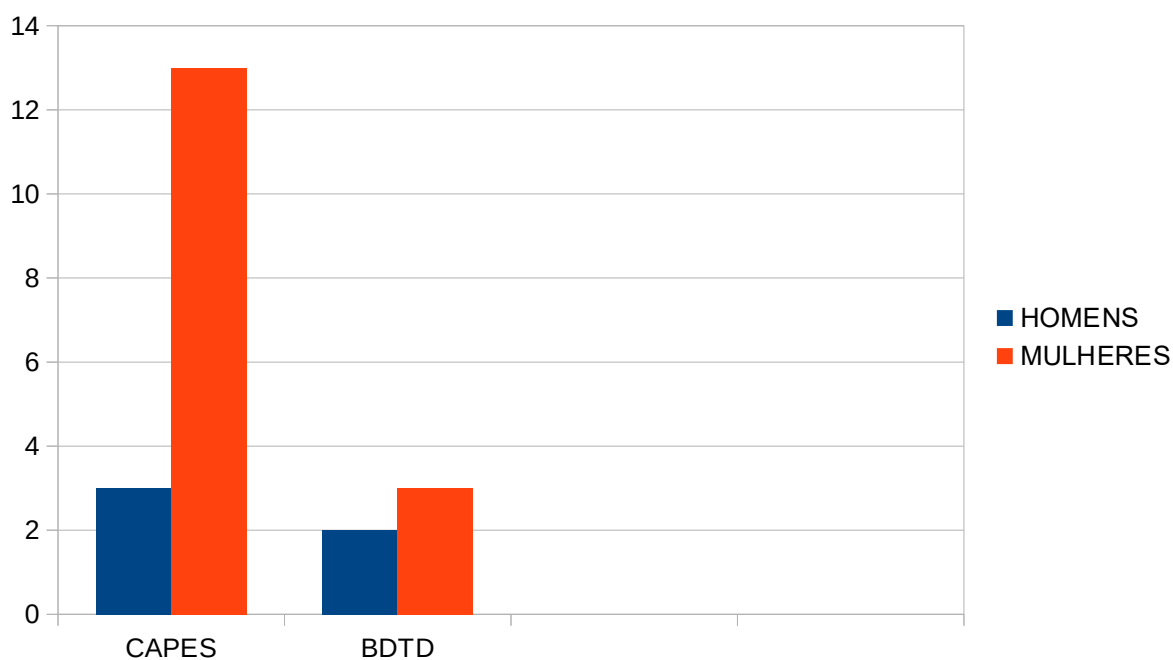
Tabela 1—Total de teses e dissertações em comunicação e alimentação

PLATAFORMA	DISSERTAÇÕES	TESES
CAPES	11	5
BDTD	4	1
TRABALHOS TOTAIS		21

Fonte: Autora, 2025

Dentro da perspectiva de produção voltada à saúde com enfoque em alimentação, foi notório que, assim como o mapeamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstra que, em 2022, dos 5,1 milhões de alunos matriculados em universidades, 2,9 milhões eram mulheres, o que equivale a 57,5%, a maior parte da produção de teses e dissertações aqui trabalhadas foram realizadas pelo gênero feminino.

Figura 2 – Gráfico com a proporção de produções por gênero nos bancos de pesquisa



Fonte: Autora, 2025

Os dados da figura 1 corroboram com a crescente mudança do perfil dos lares brasileiros, que segundo o Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC), mostram que, em 2025, a quantidade de lares com mulheres ocupando a função de responsável da família (com a remuneração mais alta do lar) cresceu 72,9% entre 2012 e 2022, passando de 22,2 milhões para 38,3 milhões. Ou seja, as mulheres entre os responsáveis dos domicílios saiu de 35,7% para 50,9%, enquanto a dos homens caiu de 64,3% para 49,1%. E, historicamente, o cuidado com as tarefas domésticas bem como com a alimentação é preocupação e atividade cuidada pelas mulheres. Portanto, pensando na realidade dos lares brasileiros, não é de se estranhar que parte importante da produção de teses e dissertações sejam realizações femininas, uma vez que são as protagonistas da indústria do serviço feminino (Federici, 2019). Contudo, o desenvolvimento e aprofundamento desta hipótese ainda precisa ser estudada para configurar-se como uma premissa de trabalho científico. Aqui, acreditamos ser importante

fazer esta reflexão considerando o dado do objeto empírico, mas não a desenvolvemos devido ao recorte de nossa pesquisa.

Consequentemente, ao analisarmos os dados coletado a partir da regionalização da produção das teses e dissertações, bem como as universidades nas quais foram desenvolvidas, é possível encarar mais um dado da realidade socioeconômica e de educação no país, conforme é visível na tabela abaixo:

Tabela 2 – Universidades e regionalizações das teses e dissertações sobre Comunicação e alimentação

REGIÃO	UF	QUANTIDADE DE TRABALHOS
SUDESTE	METODISTA	1
	PUC-SP	3
	UFJF	2
	USP	3
	UNESP-BAURU	1
	UFOP	1
	UERJ	2
	UFRJ	1
	ESPM	3
	PUC-RS	2
SUL	UFPR	1
	UFPE	1
NORDESTE		

Fonte: Autora, 2025

No Brasil, segundo o IBGE, em 2023, 7,7% dos domicílios do Norte e 6,2% dos domicílios do Nordeste tinham insegurança alimentar grave e, ainda segundo dados da Capes, os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraná são os cinco primeiros estados com maior número de estudantes de doutorado e mestrado. Portanto, não é de se estranhar que a produção esteja concentrada no Sudeste. Contudo, o Norte e o Nordeste, por serem regiões mais afetadas pela má distribuição de renda e, consequentemente, maior vulnerabilidade em relação à segurança alimentar, é imperioso um incentivo maior de produção de estudos que demonstrem a realidade. Afinal, como Lopes (2014) destaca em seus estudos, os Meios agem como aguçadores de tensões sociais ao se tornaram um autêntico sistema de ensino paralelo que é “imposto culturalmente diante da fragilidade da instituição escolar” (Lopes, 2014. p. 31).

Já ao nos debruçarmos sobre quais PPGs que produziram conhecimento sobre alimentação no âmbito da Comunicação, percebemos que os de Comunicação (PPGCOMs) propriamente ditos se destacam, visto que existem mais programas denominados apenas de “comunicação”, pela CAPES, que as outras nomenclaturas adotadas.:

Tabela 3 – PPGs com maiores produções de teses e dissertações

TIPOS DE PPGs	QUANTIDADE DE TRABALHOS
Comunicação e práticas de consumo	2
Ciências da Comunicação	1
Comunicação	12
Comunicação e Semiótica	4
Comunicação Social	2

Fonte: Autora, 2025

Vale salientar que “a reflexão teórica acerca das práticas alimentares contemporâneas, considerando-se a reflexividade no cotidiano microssocial, articula-se com estudos empíricos que revelam a complexidade das ações humanas e dos agentes em relação” (Prado *et al.*, 2016. p. 12). Ressalta-se, assim, a importância da produção estar ligada aos PPGs em Comunicação, pois a interdisciplinaridade que abarca na área das ciências humanas, ao se conectar com as demais, possibilita uma leitura ampliada dos saberes e reflexões por além das comumente realizadas nas áreas das ciências biológicas.

São as ciências da Comunicação, por conseguinte, que permitem uma reflexão mais crítica das realidades ligadas à alimentação e do papel dos Meios (Lopes, 2014) em diversas áreas, seja na influência da adoção dos alimentares e na massificação por meio das redes sociais, fazendo um paralelo entre Jenkins (2009) e Bourdieu (1979), seja na biopolítica discutida por Foucault (1976). As denúncias e os efeitos dos Meios são parte importante da Comunicação e, não obstante, a construção de saberes no tocante à alimentação também pertence ao escopo da área.

Isto posto, após leitura minuciosa das teses e dissertações é válido destacar as palavras-chaves encontradas e como elas refletem que não há uma consonância na produção dos saberes, vide a quantidade de palavras encontradas e o seus significados, quando se refere a 21 trabalhos:

Figura 3 – Nuvem de palavras-chaves presentes nas teses e dissertações analisadas



Fonte: Autora, 2025

Os objetos explorados nas teses e dissertações encontradas seguem caminhos distintos, mostrando-se muito próximos das realidades particulares dos autores, conforme foi se descobrindo ao longo das leituras, o que corrobora com o que Minayo (2023) enfatiza ao falar sobre o projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual, pois “um projeto de pesquisa constitui a síntese de múltiplos esforços intelectuais que se contrapõem e se complementam: de abstração teórico-conceitual e de conexão com a realidade empírica, de exaustividade e síntese, de inclusões e recortes, e, sobretudo, de rigor e criatividade” (Minayo, 2023. p. 29).

Pode-se, ainda, observar que a variedade de palavras chaves também representam a variedade cultural e de saberes de um país tão vasto quanto o Brasil. Há uma miscigenação de termos oriundos da Comunicação bem como das ciências biológicas como das ciências sociais. Portanto, foi possível, também, perceber-se que a variedade de autores citados foi bem ampla, sem a presença de um nome expressivo da área de pesquisa em Comunicação e Saúde especificamente, bem como de metodologias aplicadas.

Das metodologias utilizadas foi possível observar o que Lopes (2014) chama de falsa dicotomia de quantitativo/qualitativo na investigação social e suas delimitações. Das 21 teses e dissertações, por exemplo, 10 delas não traziam claramente a metodologia utilizada ou era palatável a dificuldade em se explicar o método que se optou. Houve uma grande dificuldade de obtenção dos dados referentes à metodologia, pois ou não estavam destacadas na Introdução ou não eram nomeados propriamente nos capítulos que deveriam trazer essa informação.

Tabela 4 – Metodologias utilizadas nas teses e dissertações

METODOLOGIA	QTDE DE TRABALHOS
Pesquisa qualitativa	1
Hermenêutica de Profundidade	1
Pesquisa exploratória	2
Pesquisa bibliográfica	4
Estudo de caso	1
Análise da materialidade audiovisual	1
Levantamento documental	1
Revisão bibliográfica	1
Análise de práticas culturais	1
Análise descritiva e interpretativa	1
Teoria de mestiçagem	2
Etnografia	4
Entrevista semiestruturada	2
Entrevistas em profundidade	4
Entrevista aberta	1
Análise de discurso	2
Cartografia das controvérsias	1
Análise de discurso foucaultiana	2
Análise discursiva das narrativas por Bakhtin	1
Estudos culturais	1
Análise fílmica proposta por Vanoye e Goliot-Lété	1

Fonte: Autora, 2025

Tamanha variedade e dificuldade de adoção de metodologias claras demonstram a “fragilidade, quando não a ausência, do domínio metodológico no *corpus* de pesquisas que analisamos mostrou, talvez de forma aguçada, um situação que é geral no campo da Comunicação” (Lopes, 2014. p. 159). Contudo, quando se tratam de objetos que caminham em mais de uma área, a metodologia deveria ser mais clara e não reforçando a dualidade de teoria-metodologia. Para a criação de teoria e saberes é preciso se definir estratégias metodológicas.

A variedade de metodologias e suas não definições claras nos trabalhos analisados podem corroborar com a falta de incentivo de teses e dissertações na área da alimentação dentro da Comunicação, pois é necessário um exercício da vigilância epistemológica ou da crítica do conhecimento produzido, até mesmo para que essas produções sejam utilizadas por mais autores e demais áreas envolvidas.

Por conseguinte, a falta de metodologias claras e a variedade de palavras-chave, conforme apontado anteriormente, pode ser um reflexo na variedade de autores utilizados. Nos 21 trabalhos analisados, os autores que mais apareceram foram: Bourdieu, Barros e Rocha (2004), García Canclini, Martín-Barbero (2009), Jenkins (2006), Pollan, Dória (2009), Prado, Cascudo (1967, 2014), Siqueira, Hall (1997), Roberto Damatta (1976), Bauman (2008), Flandrin E Montanari (2018), Fischler (2011), Latour

(2005), Lévi-Strauss, França (2002, 2009), Duarte (2006), Lopes (2014) e Contreras (2011). Entretanto, há uma lista bastante grande de autores, que respeitam às necessidades dos objetos estudados, visto que os trabalhos iam de análises mercadológicas às culturais bem como estudos de objetos do audiovisual.

A falta da presença de referências cânones ligadas às produções de Comunicação e Saúde são notórias e refletem na falta de embasamento e construção de metodologias que deem conta de responder às problemáticas da área da alimentação. É evidente, por exemplo, que o período analisado, de 2014 a 2024, é o mesmo em que já havia a existência do Guia Alimentar para a População Brasileira. Contudo, somente duas dissertações o citam dentro de suas discussões, mesmo com todos os objetos dos 21 trabalhos ligados às peculiaridades da alimentação no Brasil.

Reiteramos que há um longo caminho a ser percorrido pelos PPGs em Comunicação no tocante à Saúde, principalmente, em relação à temática da alimentação. Afinal, ao longo de 10 anos, na busca específica realizada nos repositórios da Capes e da BDTD o encontro de trabalhos foi ínfimo e que em pouco representam a realidade nacional do assunto no país.

Portanto, salienta-se que se procurou compreender a forma como o conhecimento em Comunicação e alimentação vem sendo produzido a partir das produções acadêmicas, notou-se que as mesmas dificuldades cotidianas enfrentadas pelo Jornalismo de Saúde e Científico são encontradas na produção de saberes da área. Cabendo, assim, a reflexão sobre a falta de incentivo dentro dos PPGs para temas que são caros à saúde coletiva, que também é assunto que perpassa pela Comunicação Massiva vide que é ela quem leva parte considerável da informação à população brasileira.

É importante salientar, ainda, que parte expressiva das teses e dissertações foram oriundas de universidades públicas, fato que permite a produção de conhecimento acadêmico com mais liberdade e sem as pressões de eventuais financiadores externos, que possam influenciar nos resultados. Sendo assim, é perspicaz se esperar que o assunto ganhe cada vez mais notoriedade nos PPGs de Comunicação e se espelhem em programas como o Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens), da Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP/USP), responsável pela criação da Tabela Nova (2009) e do GAPB (2014), pois as universidades brasileiras apresentam crescimento e potencial de desenvolvimento de grande expressão.

3.2 AS PROBLEMÁTICAS DO JORNALISMO SOBRE ALIMENTAÇÃO NO BRASIL

Outro ponto importante a ser considerado nas intersecções entre comunicação, jornalismo, saúde e ciência no Brasil é o crescimento exacerbado do domínio midiático. Segundo Guimarães et al. (2017), esse setor consolidou-se como o quarto maior segmento econômico global e uma fonte primordial de poder capaz de construir realidades. Nesse cenário, a mídia dissemina discursos informativos que, nos processos interpretativos do público, “podem influenciar práticas em saúde e viabilizar interesses diversos, criando falsas necessidades” (Guimarães et al., 2017, p. 106).

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia (Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 2014), a televisão era o meio de informação de 97% dos brasileiros em 2014, mantendo uma relevância histórica que atravessa a criação do SUS. No entanto, esse cenário foi transformado pela internet, que alterou as formas de engajamento por meio de redes como Facebook e Twitter. Ao assumir o papel de prosumers, os indivíduos passaram a produzir e consumir conteúdo de forma integrada, o que Jenkins (2009) descreve como o fortalecimento da inteligência coletiva e o surgimento de novas relações culturais.

No Brasil, por exemplo,

as pessoas passam aproximadamente 16 horas do dia acordadas, mas um dado chama a atenção: mais da metade desse tempo é destinado ao uso de smartphones e computadores. O levantamento foi feito pela plataforma Electronics Hub, um site de informações eletrônicas, a partir da pesquisa Digital 2023:Global Overview Report da DataReportal, considerando 45 nações, e concluiu que o Brasil é o segundo país com mais pessoas em frente a uma tela. São cerca de 56,6% das horas acordadas em frente a telas, ou seja, cerca de nove horas do dia. Em primeiro lugar do ranking estão os sul-africanos, que passam 58,2% acordados usando o computador ou um smartphone. (USP, 2023)

Essas mudanças ecoam diretamente na maneira como as informações sobre alimentação chegam à população, abrangendo tanto conteúdos de qualidade quanto a desinformação. Segundo Muniz Sodré (1999), dois fatores essenciais impulsionam esse cenário. Primeiro, o surgimento de novas tecnologias de comunicação e informação. Segundo, e diretamente ligado a isso, o papel das chamadas elites logotécnicas especializadas – profissionais como jornalistas, radialistas e publicitários. Esse grupo forma um campo de conhecimento focado na gestão e produção do discurso social. Dessa forma, a mídia, por meio de seus profissionais, assume o papel de um intelectual coletivo, tornando-se uma elite especializada na retórica do discurso público. Eles funcionam como um “grupo técnico de imaginação”, encarregado de absorver, reelaborar e retransmitir um imaginário coletivo que molda as representações sociais (Sodré, 1999, p. 244).

No Brasil, por exemplo, o tema alimentação também enfrenta, por além do já levantado até aqui, as cargas tributárias seletivas sobre alimentos (Peão; Alves, 2020) e as desigualdades agrária e de produção no país (Aquino; Gazolla; Schneider, 2018). Portanto, o jornalismo sobre alimentação enfrentaria, também, as fortes pressões do agronegócio e da indústria alimentícia, que privilegiam seus ganhos aos interesses sociais e de saúde pública, ao realizarem lobbies sobre as decisões do Governo e de produções na mídia tradicional (Baird, 2016).

Contudo, as novas dinâmicas de produção de conteúdo sobre alimentação não ficaram mais restritas aos meios tradicionais. Essa produção expandiu-se para sites de jornalismo independente e para o ecossistema das redes sociais, onde o conteúdo é gerado por uma diversidade de atores: desde organizações da sociedade civil e pesquisadores até os próprios usuários que, como *prosumers*, compartilham experiências e críticas. Há, assim, uma alteração da lógica de controle da informação, ampliando essas discussões, conforme nos deteremos mais adiante, quando adentrarmos na seara das diferenças entre o jornalismo tradicional e o independente.

Dito isso, destacamos, ainda, que para se falar sobre assuntos tão fundamentais à população brasileira, como alimentação e o GAPB, é imperativo que o jornalista – aqui nos detemos nas produções de notícias realizadas por profissionais da Comunicação em si – busque o mínimo de conhecimento com embasamento científico sobre o tema e seja muito criterioso ao escolher suas fontes. Desse modo, o presente trabalho também questiona, afinal, o que é o rigor científico que se espera nas produções jornalísticas sobre alimentação e saúde?

Por além das práticas, métodos e normas que fazem parte da busca por resultados confiáveis, transparentes e verificáveis pelos pares, “o rigor científico é multifacetado e não há um único critério que possa defini-lo” e “mesmo a abordagem experimental mais cuidadosa não é rigorosa se a interpretação se basear em uma falácia lógica ou for intelectualmente desonesta” (Casadevall e Fang, 2016). E, em se tratando de pesquisas qualitativas, os procedimentos técnicos e todos instrumentos previstos para se considerar que há rigor são excessivamente prescritivos e “nenhum desses reparos técnicos, por si só, conferem rigor; eles podem fortalecer o rigor da pesquisa qualitativa somente se estiverem incorporadas a um amplo entendimento do desenho da pesquisa qualitativa e da análise de dados” (Barbour, 2001).

Todavia, o consenso, nas áreas da Saúde e Nutrição, por exemplo, é de que a validação da pesquisa científica é o que torna um assunto validado ou não. Portanto,

haveria rigor científico na produção jornalística sobre alimentação quando referenciada por pesquisas validadas pela comunidade acadêmica e escuta de fontes confiáveis e pertencentes ao rol de pesquisadores da área, seja nutricionistas, nutrólogos, médicos, biomédicos e afins?

Não obstante, em se tratando de um país com história e cultura tão vastos, não caberia à ciência e ao jornalismo abarcarem os conhecimentos populares, dos povos originários, por exemplo? Dentre os desafios da pesquisa social, há um “universo de vários tipos de saberes, a ciência é apenas uma forma de expressão dessa busca, não exclusiva, não conclusiva e não definitiva de conhecimentos” (Minayo, 2023. p.11). Portanto, há de se compreender, principalmente no tocante à cultura alimentar de um país de proporções continentais, costumes variados e produção de alimentos tão diversificados, que nem tudo ainda foi testado e validado pela ciência, mas há um apelo e acatamento muito grande pelos populares, por verem os resultados na prática e passados de geração por geração.

De forma integrativa, atualmente, o próprio Sistema Único de Saúde (SUS) já se apropria do conhecimento popular ao elencar, em todos os níveis da Rede de Atenção à Saúde, com foco especial na Atenção Primária, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (PNPIC). Sem a pretensão de substituir as práticas tradicionais, as condutas terapêuticas têm uma visão

ampliada do processo saúde e doença, assim como a promoção do cuidado integral do ser humano, especialmente do autocuidado. As indicações às práticas se baseiam no indivíduo como um todo, levando em conta seus aspectos físicos, emocionais, mentais e sociais (Ministério da Saúde, 2023).

Outro ponto relevante no tocante ao rigor científico, alimentação e conhecimento popular, é o respeito às culturas alimentares na construção do Guia Alimentar para a População Brasileira, que auxiliam na criação de políticas voltadas à segurança alimentar, que privilegiam a compra de alimentos de produtores locais, respeito às alimentações dos povos originários e afins.

Tendo como ponto de partida todo cenário já desenhado até aqui e pensando na escolha dos nossos objetos empíricos, o O Joio e o Trigo e A Folha de S.Paulo, passamos à fase de compreender os conceitos dos jornalismo tradicional, *mainstream*, investigativo e independente, para poder, assim, entendermos as eventuais diferenças encontradas nas produções das notícias às quais nos deteremos em analisar.

Definimos jornalismo tradicional como aquele que surge e é praticado nos meios de comunicação de massa que podemos, em 2025, chamar de tradicionais ou clássicos, vide jornal impresso, rádio e televisão. De acordo com Wolf (1985), este jornalismo privilegia uma comunicação mais formal e imparcial, centrada na verificação de fatos. É por meio

de rotinas, valores-notícia e critérios de noticiabilidade que esses profissionais selecionam e constroem a realidade a ser veiculada. Essa abordagem é central para entender as práticas do jornalismo tradicional, que se baseia em critérios profissionais e organizacionais para definir o que é notícia. Ele destaca, ainda, como essa produção busca influenciar a opinião pública, mesmo que de maneiras complexas e mediadas.

Concomitantemente, o jornalismo tradicional, segundo Harcup (2014), enfatiza a posição dominante e a influência de certos veículos de comunicação dentro de um sistema midiático. Ele se refere àqueles que possuem o maior alcance, a maior audiência e que, por sua escala e recursos, tendem a moldar a agenda pública e o discurso predominante. O *mainstream* implica uma centralidade e uma hegemonia no cenário da informação, muitas vezes associada a grandes corporações de mídia e ao seu poder de difusão. Ou seja, é qualquer forma de mídia produzida ou distribuída comercialmente, como parte de uma empresa industrial com fins lucrativos, ou como uma operação pública e/ou financiada pelo estado.

Sendo assim, A Folha de S.Paulo representa conceitualmente os jornalismo tradicional e *mainstream*, pois, segundo consta em sua biografia³, teve sua origem em 19 de fevereiro de 1921 como "Folha da Noite", um vespertino concebido por Olival Costa e Pedro Cunha. Nascido com um viés editorial voltado aos trabalhadores urbanos de São Paulo, o periódico se posicionava em contraponto ao influente "O Estado de S. Paulo", que representava os interesses das elites rurais. A expansão do grupo ocorreu com o lançamento da "Folha da Manhã" em 1925 e da "Folha da Tarde" em 1949, consolidando sua presença no cenário midiático paulistano.

Nos primeiros anos, a empresa enfrentou adversidades políticas, como a destruição de suas instalações após a Revolução de 1930, em retaliação à sua proximidade com os republicanos paulistas. Em 1945, um marco em sua trajetória foi a aquisição pelo advogado José Nabantino Ramos, cuja gestão foi crucial para a modernização da linha editorial. Ele introduziu a imparcialidade na divulgação de informações e aprimoramentos significativos no projeto gráfico, incluindo maior uso de fotografias e ilustrações. Em 1960, os três jornais foram fundidos em um único título, o atual Folha de S.Paulo.

A fase de maior transformação do jornal teve início em 1962, com a aquisição pelos empresários Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. A partir de 1965, sob a

3 FOLHA DE S.PAULO. História da Folha. São Paulo: Folha de S.Paulo, [202-?]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml. Acesso em: 30 abr. 2025.

direção de Cláudio Abramo, a Folha iniciou um processo de profunda modernização tecnológica e gerencial. O jornal se destacou como pioneiro no Brasil ao adotar a impressão *offset* em cores em 1967.

A década de 1970 foi marcada pelo avanço tecnológico e editorial, além de controvérsias. O foco em tecnologia e eficiência continuou a moldar o jornalismo da Folha. Em 1971, o periódico foi pioneiro no Brasil ao implementar o sistema eletrônico de fotocomposição, que agilizou e modernizou a produção. No entanto, a década também foi marcada por controvérsias significativas, principalmente as acusações de colaboração com o regime da ditadura militar (1964-1985), incluindo o suposto empréstimo de veículos a órgãos policiais, um tema que continua a ser objeto de debate na historiografia da imprensa (Daemon *et al*, 202a).

Para tanto, em 1976, com a criação da seção “Tendências/Debates”, pautada pelo princípio da pluralidade, a Folha permitiu a publicação de artigos de todos os matizes ideológicos, que desempenhou papel importante no processo de redemocratização do Brasil. A Folha de S. Paulo se consolidava como um dos principais veículos de imprensa do Brasil, reconhecida por sua cobertura abrangente, postura crítica e jornalismo investigativo.

Já a década de 1980 representou um período de profunda transformação para o jornalismo brasileiro, com a Folha de S.Paulo emergindo como um agente central na modernização e profissionalização do setor. Em 1981, o veículo iniciou a sistematização de seu projeto editorial com um documento interno que estabelecia três metas fundamentais: a busca por informação correta, a oferta de interpretações competentes e a garantia de pluralidade de opiniões. Este movimento foi seguido por inovações tecnológicas pioneiras, culminando em 1983 com a instalação da primeira redação informatizada da América do Sul, que resultou em ganhos significativos de eficiência no processo de produção. A consolidação dessa nova filosofia editorial ocorreu em 1984, sob a direção de Otávio Frias Filho, com a publicação do Projeto Editorial que defendia os princípios de um jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno. A materialização desses ideais se deu ainda com a implantação do Manual da Redação, editado em formato de livro. A busca por transparência e responsabilidade com o leitor foi formalizada em 1989, quando a Folha se tornou o primeiro veículo de comunicação no Brasil a criar o cargo de *ombudsman*, um profissional dedicado a receber e investigar queixas, servindo como um canal de mediação e de análise da qualidade do próprio jornal.

A década de 1990 consolidou a Folha de S.Paulo como uma força hegemônica na imprensa brasileira, marcada tanto por inovações editoriais e tecnológicas quanto por uma

postura política incisiva. Em 1991, o jornal reorganizou seu conteúdo em cadernos temáticos, aprimorando a segmentação da informação. Neste mesmo ano, a Folha assumiu uma posição pioneira no jornalismo nacional ao ser o primeiro veículo de imprensa a solicitar o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, um ato de notável influência política. A modernização visual também avançou, com a Primeira Página passando a ser impressa diariamente em cores.

Em 1992, Octávio Frias de Oliveira assumiu o controle acionário total da companhia e o jornal firmou-se com a maior circulação paga aos domingos. O sucesso comercial foi evidenciado em 1994 com o lançamento do fascículo "Atlas Folha/The New York Times", que bateu recordes de tiragem e vendas, ultrapassando 1,1 milhão de exemplares no dia do lançamento.

O avanço tecnológico foi o motor da transição para o novo século. Em 1995, a inauguração do Centro Tecnológico Gráfico-Folha permitiu que a maior parte do jornal circulasse com páginas coloridas. Mais significativamente, a empresa lançou a FolhaWeb, o primeiro site de notícias em tempo real no Brasil, inaugurando a era do jornalismo digital no país. Essa transição foi aprofundada em 1996, com o lançamento do UOL (Universo Online) por iniciativa de Luiz Frias, que rapidamente se fundiu com o Brasil Online, tornando-se o primeiro grande serviço de internet no país e estabelecendo uma nova matriz de negócios para o Grupo Folha. Atualmente, O Grupo Folha tem participação minoritária, indireta e em ações sem direito a voto no UOL.

A década se encerrou com o aprofundamento de sua filosofia editorial e a diversificação de seu público. Em 1997, o jornal publicou a versão mais recente de seu projeto editorial, reforçando a busca por uma seleção criteriosa, abordagem aprofundada, e um texto didático e pluralista. Em 1999, o Grupo Folha lançou o jornal Agora, expandindo sua atuação para um segmento mais popular do público paulistano e demonstrando sua capacidade de segmentação e adaptação ao mercado.

O início do século XXI para o jornalismo da Folha de S.Paulo foi marcado pela consolidação de sua presença em novas plataformas de mídia e por uma constante atualização de seus princípios editoriais, em resposta às profundas transformações no consumo de informação. Em 2000, o Grupo lançou o jornal Valor Econômico em parceria com o Grupo Globo, expandindo sua atuação no segmento de jornalismo especializado.

A evolução editorial foi documentada e reforçada por meio de sucessivas edições do Manual da Redação. Em 2001, foi publicada a quarta edição do manual, revisando os conceitos anteriores. Essa prática de atualização culminaria em versões posteriores que

abordaram os desafios emergentes da era digital: a quinta edição, de 2018, incluiu temas como a conduta profissional nas redes sociais e o combate às fake news, enquanto a mais recente, lançada em 2021 em celebração ao centenário do jornal, aprofundou discussões sobre liberdade de expressão, diversidade, e assédio sexual e moral.

Em 2010, as redações do jornal impresso e online foram unificadas, um movimento que refletiu a prioridade da produção de conteúdo multiplataforma. O Folha Online foi reestruturado e renomeado para Folha.com, e a empresa lançou aplicativos para dispositivos móveis. Em 2012, quando a Folha se tornou o primeiro veículo no Brasil a adotar o modelo de negócios do *paywall* poroso, um sistema que permite acesso limitado a conteúdos online antes da cobrança.

Em 2017, o jornal publicou uma nova versão de seu projeto editorial⁴, atualizando seus compromissos para uma era de mudança de hábitos dos leitores. O documento sintetizou, pela primeira vez, uma lista de 12 princípios que norteiam suas políticas editoriais, políticas e éticas, sinalizando um esforço contínuo para manter a relevância e a transparência em um ambiente midiático cada vez mais complexo. A celebração do centenário em 2021 reforçou a longevidade e a capacidade de adaptação da Folha de S.Paulo, que se mantém como uma das principais referências da imprensa brasileira.

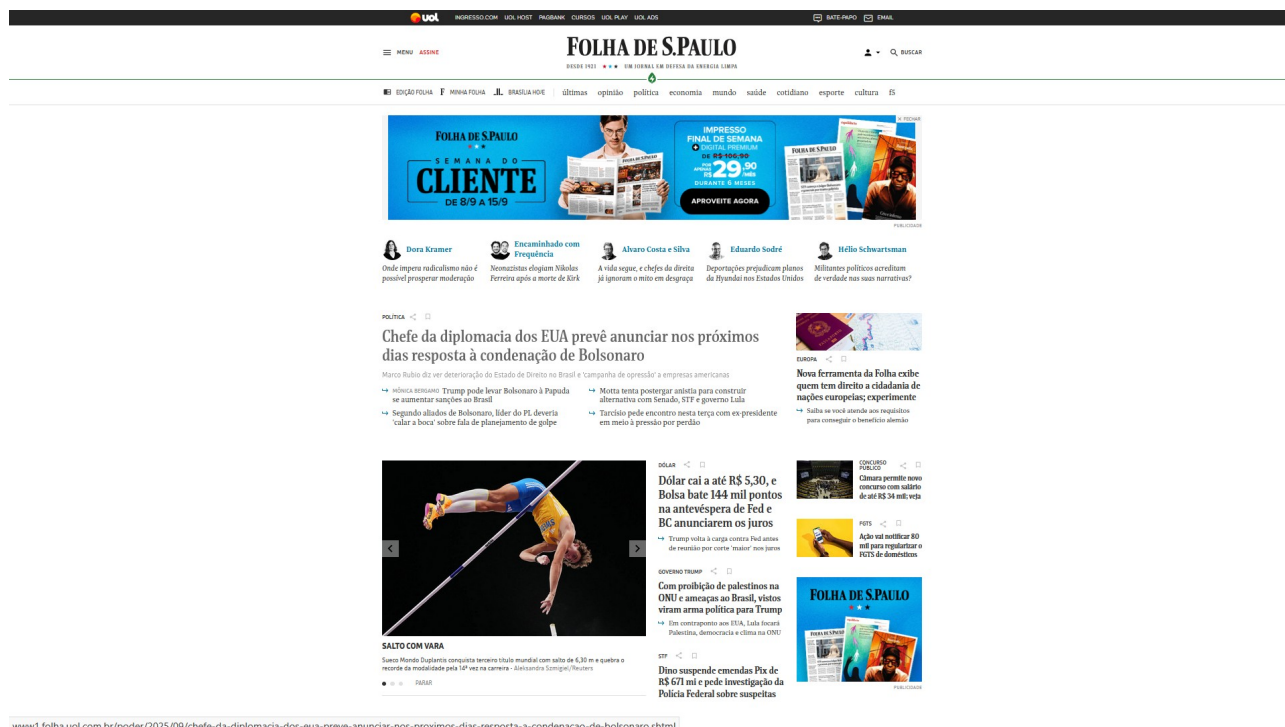
A Folha de S.Paulo se define por sua busca por um jornalismo plural e crítico. Seus princípios editoriais, estabelecidos inclusive no Novo Manual de Redação da Folha de S.Paulo, guiam a atuação do jornal, priorizando a veracidade, a relevância e exclusividade das informações, e uma abordagem de crítica e questionamento sem tabus. A Folha também cultiva a pluralidade de vozes, assegurando a apresentação de diferentes ângulos e opiniões, e reforça seu apartidarismo, buscando independência de governos, partidos e grupos de pressão.

Na prática, segundo consta em seu site, esses princípios se traduzem em uma cobertura abrangente que engloba diversas áreas e tópicos, oferecendo tanto notícias factuais quanto análises e artigos de opinião de especialistas. O jornal é reconhecido por seu jornalismo investigativo, que frequentemente revela irregularidades e fiscaliza o poder, exercendo o que a literatura denomina como a função de cão de guarda ou *watchdog* da democracia (Traquina, 2005). Além disso, a Folha de S.Paulo demonstra constante adaptação e inovação em seus formatos, tanto impressos quanto digitais, para atender às novas demandas do público. Apesar de seus esforços, a linha editorial do jornal é constantemente analisada e criticada pela academia e pela sociedade, que

4 FOLHA DE S.PAULO. **Projeto Editorial da Folha de S.Paulo**: introdução. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2017. Disponível em: <https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/introducao.shtml>. Acesso em: 7 jul. 2025.

questionam sua efetiva imparcialidade e a influência de fatores externos e econômicos em sua seleção de conteúdo (Lage, 2001; Lima, 2013).

Figura 4 – Print da página inicial do site da Folha de S.Paulo



Fonte: Folha de S.Paulo, 2025

Em contrapartida, para entendermos jornalismo independente, passaremos primeiro pelo de caráter investigativo. De pronto o termo “jornalismo investigativo” pode soar redundante, visto que todo jornalismo pressupõe investigação dos fatos. Contudo, como classificação, o investigativo é marcado pela profundidade, pela busca de fatos ocultos e ocultados de interesse público, pela denúncia, transparência e busca de possíveis mudanças sociais e políticas. Fortes (2005, p. 9) ressalta que “jornalismo investigativo é algo mais complexo, trabalhoso e perigoso. Não se assemelha com a rotina natural das redações. Exige talento, tempo, dinheiro, paciência e sorte”.

No Brasil, foi somente após o período da Ditadura Militar, principalmente durante o governo do presidente Fernando Collor de Mello, que ele ganhou fôlego e interesse das empresas de comunicação. Marcos importantes e que consolidaram o gênero no país foram o impeachment de Collor⁵ e, em 2002, a criação da Abraji (Agência Brasileira de Jornalismo Investigativo). Entre as discussões sobre jornalismo investigativo, no Brasil, Nascimento (2016) pontua a incômoda realidade da transformação do “jornalismo investigativo” no que ele chama de “jornalismo sobre investigações”, visto que a maioria

5 O então presidente acabou não sofrendo o processo de *impeachment*, pois renunciou no dia 29 de dezembro de 1992 e, no dia seguinte, foi condenado à perda de mandato e à inelegibilidade por 8 anos.

das matérias e reportagens se dá a partir de descobertas de autoridades que, por lei, tem a obrigação de o fazerem. Contudo, alguns nomes se destacam por irem a campo e fazerem investigações por além das recebidas, tal qual a Revista Piauí⁶ e o site The Intercept⁷.

Já o jornalismo independente, é uma prática jornalística caracterizada pela autonomia do jornalista ou do meio de comunicação diante dos grupos políticos, econômicos e instituições (Lima, 2013). Por sua independência, traz conteúdos críticos, imparciais e que priorizam a transparência, tendo como premissa básica uma abordagem mais pautada nos interesses públicos e coletivos. Em muitos casos, há traços de um jornalismo decolonial e que pensa a comunicação de forma menos hegemônica e levando em consideração as características da região e diferenciando o norte do sul global.

A partir os anos 2000, com o advento da internet, mesmo com os veículos tradicionais migrando para o espaço digital, é preciso considerar

que jornalismo não diz respeito apenas ao que é veiculado por grandes empresas do ramo, muitas dessas sim, em crise, financeira, de credibilidade, de identidade, ou qualquer que seja o fator que coloca em risco o futuro do negócio. Além da migração midiática dos veículos constituídos tradicionalmente no Brasil em suportes impressos, rádio e tevê, verifica-se o surgimento de uma série sites jornalísticos que ganham relevância à medida em que as lacunas de informação vão se ampliando, diante da incapacidade do jornalismo mainstream de responder às demandas sociais, seja de cobertura dos fatos, pela imposição de interesses privados ou pela simples incompetência gerencial sobre os processos de produção, circulação e consumo de notícias. (Cavalho; Bronksy, 2017.)

Diante deste cenário, podemos pensar sobre a análise da produção jornalística do “O joio e o trigo”, mantidos via financiamento coletivo realizado por seus leitores, e que se descrevem como

um veículo que aceita e valoriza a utopia. Que busca descolonizar o imaginário para construir saídas. Que se pauta por valores, e não por pessoas, forças político-partidárias ou econômicas. Que assume a necessidade de o jornalismo dialogar com novas linguagens e outras áreas do conhecimento (O joio e o trigo, 2024)

O site o Joio e o Trigo está no ar desde 2017, foi fundado pelos jornalistas João Peres e Moriti Neto, o projeto se distingue por uma abordagem que investiga as implicações de grandes corporações na saúde pública, no meio ambiente e na economia. Em sua apresentação⁸, define-se como “jornalismo investigativo sobre alimentação, saúde e poder” e como sendo “um projeto jornalístico que afirma a necessidade de construirmos

6 A Revista Piauí é uma publicação brasileira de *new journalism*, que se destaca por reportagens aprofundadas e narrativas longas sobre política, cultura e sociedade. Acesse em: <https://piaui.uol.com.br/>.

7 O site The Intercept é uma organização jornalística investigativa, conhecida por publicar reportagens baseadas em vazamentos de documentos confidenciais e por sua cobertura crítica sobre segurança nacional e questões de poder. Acesse em: <https://www.intercept.com.br/>.

8 O JOIO E O TRIGO. **Quem somos**. São Paulo: Elefante, 2024. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 30 abr. 2026.

um novo sistema econômico, que coloque o bem-estar das pessoas, dos animais e do planeta no centro” (O Joio e o Trigo, 2024).

O portal estabelece sua relevância a partir da premissa de que o Brasil, com suas vastas reservas naturais e sua população significativa, é um epicentro para a discussão sobre o esgotamento dos recursos globais. Nesse contexto, o jornalismo é concebido como uma ferramenta essencial para contrapor-se aos poderes que impulsionam o atual modelo de desenvolvimento. A investigação do “poder privado” é definida como a missão central do projeto, um termo raramente abordado pelo jornalismo hegemônico brasileiro.

Inicialmente focado na indústria de produtos ultraprocessados e seus impactos, o escopo do projeto se expandiu para incluir uma análise crítica do setor do agronegócio, que, apesar de ser amplamente promovido como um pilar da economia, é investigado pelo portal como uma fonte de problemas sociais e ambientais. Adicionalmente, o veículo também se dedicou à investigação do lobby da indústria do tabaco, expondo suas estratégias para contornar regulamentações e perpetuar seu modelo de negócio.

A sua abordagem editorial é caracterizada pela sua natureza contra-hegemônica e pelo rigor investigativo. Suas reportagens são baseadas em pesquisas científicas, trabalho de campo e entrevistas, garantindo a profundidade e a credibilidades necessárias para um jornalismo de análise. Essa metodologia permite uma flexibilidade na narrativa, que se manifesta em uma linguagem irreverente, mas sempre sustentada por uma base factual sólida.

Ao longo de sua existência, o projeto diversificou seus formatos de comunicação, incluindo o lançamento do podcast Prato Cheio em 2020, o desenvolvimento de um canal no YouTube e a publicação de livros que aprofundam o debate sobre conflitos de interesse e o direito humano à alimentação. O veículo se autodefine como uma instituição sem fins lucrativos, que valoriza a utopia, busca a descolonização do imaginário e se pauta por valores em detrimento de interesses partidários ou econômicos. O portal opera sob a licença Creative Commons, permitindo a republicação gratuita de seu conteúdo, o que reforça seu compromisso com a democratização da informação.

Atualmente, a equipe que compõem o site conta com 11 jornalistas e tem um conselho editorial com mais 6 profissionais da comunicação, antropologia, biologia, direito e ciências sociais, além de um conselho fiscal. E, para além do financiamento coletivo, realizado via assinaturas mensais pagas pelos leitores e contribuições avulsas, o site é apoiado por organizações nacionais e internacionais (ACT Promoção da Saúde, Ford

Foundation, Heinrich Boll Stiftung, Instituto Clima e Sociedade, Ibirapitanga e OAK Foundation).

Concomitantemente, O Joio Formação⁹ é uma plataforma educacional vinculada ao seu projeto de jornalismo investigativo, especializada em oferecer capacitação teórica e prática sobre a análise crítica de sistemas de poder. O portal se dedica a fornecer cursos e oficinas com foco em temas como a investigação jornalística do poder corporativo, as dinâmicas do agronegócio e da indústria alimentícia, e seus impactos na saúde e no meio ambiente. A iniciativa, portanto, atua como um braço de disseminação de conhecimento do projeto principal, visando capacitar jornalistas, pesquisadores e ativistas com ferramentas e metodologias para a produção de um jornalismo contracorrente e de análises aprofundadas sobre as interconexões entre interesses privados e o bem-estar social.

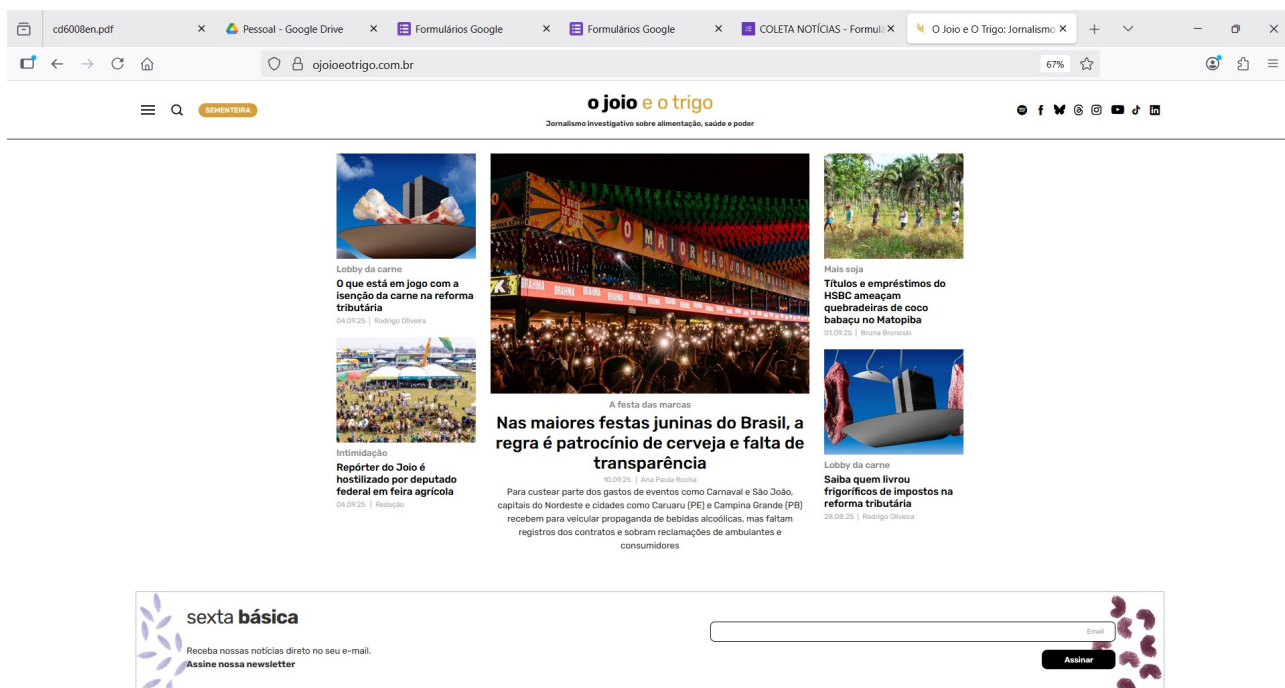
De forma complementar, junto à editora Elefante¹⁰, O Joio e o Trigo lança livros que refletem a missão do portal, aprofundando as investigações sobre o impacto do poder privado, notadamente das grandes corporações do agronegócio e da indústria de alimentos ultraprocessados, na saúde pública, na economia e no meio ambiente. Há a busca por disseminar o debate sobre sistemas alimentares e conflitos de interesse, oferecendo uma perspectiva acadêmica sobre a atuação do jornalismo como ferramenta de fiscalização social e crítica ao modelo econômico hegemônico.

Uma das marcas editoriais do O Joio e o Trigo é ser irreverente, contra-hegemônico, decolonial e priorizar o rigor, baseado em pesquisas científicas, entrevistas, suporte de profissionais consagrados, viagens de campo. Para falar sobre algo que é político, como o ato de comer, para uma população que carece de informações, o site se propõe a estudar profundamente os temas abordados e disseminar conteúdo de qualidade aos seus leitores. As pautas são realizadas para reconhecer valores, buscar saídas para problemas tão graves e que dialoguem com novas linguagens e áreas de conhecimento. Contudo, caberia a análise posterior de como se articulam as perspectivas ideológicas e políticas na construção das suas narrativas.

Figura 5 – Print da página inicial do site O Joio e o Trigo

9 O JOIO E O TRIGO. **Joio e Formação**. São Paulo: Elefante, [202-?]. Disponível em: <https://joioformacao.com.br/>.

10 EDITORA ELEFANTE. **O Joio e o Trigo**: acervo de livros. São Paulo: Editora Elefante, [202-?]. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/categoria-produto/livro-da-elefante/o-joio-e-o-trigo/>. Acesso em: 30 abr. 2026.



Fonte: O Joio e o Trigo, 2025

Portanto, conforme avançarmos, nas próximas páginas, tanto no detalhamentos da escolha metodológica, do desenho efetivo do *corpus* a ser analisado e dos resultados que encontraremos, é preciso elencarmos, por além dos fatos históricos e sociais, que as diferenças editoriais entre os dois sites selecionados deverá ser levada em consideração. Salientando que o objetivo é compreender como essas diferenças podem influenciar ou não na retomada da história do GAPB sob as perspectivas do jornalismo digital brasileiro.

Neste ponto, cabe ressaltarmos que reconhecemos e abraçamos o lapso temporal de três anos existente no material disponibilizado pela Folha de S.Paulo e o O Joio e o Trigo, visto suas datas de fundação. Contudo, a ausência assumida se torna fato de menor preponderância quando vemos o contraponto valioso das óticas apresentadas pelos dois veículos e que o peso de suas histórias supera as lacunas, justificando a manutenção dos dois sites como objetos de análise no período dos 10 anos de existência da atual versão do GAPB.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente é preciso salientar que entendemos que metodologia, na pesquisa social, “se situa no plano da prática e indica os métodos efetivamente usados numa pesquisa. Aqui, método é entendido como um conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação” (Lopes, 2014. p 94) e, portanto, utilizaremos mais de um caminho que, ao final, servirão para responder nossos questionamentos e cumprirmos com os objetivos a que esse trabalho se propõe.

Sendo assim, o presente trabalho percorreu, até então, por uma revisão bibliográfica, que se dividiu nas quatro etapas: deteve-se em compreender o que é o Guia Alimentar para a População Brasileira (Ministério da Saúde, 2014), desde os motivos de sua criação, suas edições e como ele foi trabalhado desde sua concepção até o seu aniversário de 10 anos, em 2024; em um segundo momento, a revisão se deteve no cenário comunicacional, que servirá de base para o entendimento das relações culturais do GAPB com a população e com a saúde coletiva a partir da perspectiva do jornalismo digital.

Para tanto, foi necessário percorrer os cenários chaves da comunicação na América Latina, pois eles, conforme observado, são a base para a compreensão de como o jornalismo digital e o de saúde foram se desenvolvendo no país a partir dos anos 1970 e como, em suas subdivisões, a alimentação foi sendo trazida nas publicações. Ademais, fez-se necessário delimitar as definições de jornalismo digital, tradicional e independente, uma vez que essa distinção teórica é o que fundamenta e viabiliza a seleção dos sites que compõem a amostragem deste estudo.

Já na terceira etapa, o estado da arte se deteve nas relações do Guia Alimentar com a área da Comunicação, em si, com o levantamento de teses e dissertações nos repositórios das Instituições de Ensino Superior que oferecem Programas de Pós-Graduação, presentes em todas as regiões do Brasil. A busca foi realizada segundo a avaliação da CAPES, por meio da plataforma Sucupira e da base de dados SciELO. Foram considerados trabalhos dos programas de Comunicação, Nutrição, Saúde Coletiva e Sociologia, pois foram encontrados poucos estudos que relacionassem as áreas pretendidas, sendo necessário aumentar o arcabouço das áreas relacionadas.

Na sua quarta e última etapa, visando a análise das notícias, que formam o *corpus*, e as relações culturais com a população e com a saúde coletiva a partir da perspectiva jornalística, o entendimento foi ancorado nas relações entre os pensamentos de Ginzburg (1989), Courtine (2011) e Becker (1993), que evidenciam a importância da

narrativa como um meio essencial para entender a história e a cultura, destacando a interdependência entre as narrativas individuais e coletivas na formação do conhecimento histórico e cultural.

4.1 UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE A PARTIR DE *GINZBURG, COURTINE E BECKER*

O ato de fazer pesquisa no campo das humanidades, mais especificamente em Comunicação, como há muito se discute na literatura, é perpassado por intersecções, interdisciplinaridade e, em muitos momentos, pela sobreposição de áreas que lhe cruzem o caminho, pois os objetos tendem a se esvaziar ou serem sobrepostos por aportes teóricos e paradigmas de áreas com metodologias mais arraigadas e consolidadas, dito monotéticas. Fazer ciência na área da Comunicação é flertar com as áreas adjacentes e se manter com o cuidado constante para não se escapar do campo ou, ainda, acabar se enquadrando em metodologias específicas, que nem sempre abarcam a profundidade dos objetos, pelo senso de se manter fiel aos procedimentos comunicacionais.

Inicialmente, é preciso salientarmos que entendemos que metodologia, na pesquisa social, “se situa no plano da prática e indica os métodos efetivamente usados numa pesquisa. Aqui, método é entendido como um conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação” (Lopes, 2014, p. 94). Portanto, neste trabalho, deter-nos-emos em aprofundar a discussão sobre o uso das metodologias propostas por Ginzburg (1989), aprofundada por Courtine (2021), e de Becker (1993) como uma alternativa de profundidade metodológica para os objetos da Comunicação que estão relacionados à área de Saúde, mais especificamente no campo da Alimentação.

Ao nos debruçarmos sobre a metodologia proposta por Carlo Ginzburg, em “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”, que está contida, inicialmente, na obra “Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História” (1989), encontramos um caminho que tem suas raízes na história, mas que se fez da influência de Giovanni Morelli, um pintor e crítico de arte italiano do século XIX; Sigmund Freud, pai da Psicanálise; e Sherlock Holmes, o detetive criado por Sir Arthur Conan Doyle.

Em suas proposições, Ginzburg não delimitou um caminho fechado e específico de análise, pois debruçou-se na importância de que os sinais e indícios, deixados de lado em muitos tipos categóricos, são base para o entendimento de certos fenômenos históricos,

culturais ou sociais. Ou seja, é a partir da análise minuciosa de fatos aparentemente marginais ou secundários, chamados de “sinais”, que o conhecimento sobre determinado objeto pode ser construído, pois “minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitem reconstituir trocas e transformações culturais” (Ginzburg, 1989, p. 177).

Dentro do seu campo de estudo, Ginzburg salienta que se a realidade se mostra opaca, em uma análise de objeto, é porque existem zonas privilegiadas – sinais e indícios – que permitem decifrá-la e alguns desses indícios mínimos podem ser assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais: “a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade” (Ginzburg, 1989, p. 178).

O caminho proposto, portanto, recomenda em se dar atenção suficiente às singularidades empíricas do objeto e seu desenvolvimento teórico, em busca dos fenômenos não tão evidentes. Para tanto, ele distingue os indícios em os “essenciais”, aqueles que são a base da busca e norteadores do processo, e os “acidentais”, os que se mostram ao longo da busca sob o olhar atento do pesquisador, e, a partir das suas seleções e organizações, criar os tensionamentos e inferências, fazendo proposições de dados gerais a partir das singularidades encontradas. Sendo assim, “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente” (Ginzburg, 1989, p. 152).

Salientamos, ainda, que no Paradigma Indiciário é preciso levar em consideração, ao se esmiuçar o objeto e se aprofundar nos seus detalhamentos e tensionamentos, o contexto em que ele se encontra, visto que um objeto funciona não somente sob uma única lógica ou ótica. Portanto, a construção e seleção dos indícios passa pela compreensão do que o objeto busca, pois um mesmo indício pode ser interpretado das mais diversas formas e transitar facilmente entre os essenciais e os acidentais.

Portanto, destacamos que no Paradigma Indiciário além desse trabalho de busca da pertinência entre pistas e os objetivos da pesquisa, devemos sublinhar também que os indícios não remetem, de modo direto, à realidade a ser capturada. É do conjunto de indícios relacionados pela pesquisa que se podem inferir lógicas, processos e estruturas que caracterizam o caso. Eventualmente alguns indícios podem parecer irrelevantes – e só adquirem valor indiciário por sua articulação com os demais (Braga, 2008, p. 81)

Por fim, Ginzburg explicita que para exercer o papel de conhecedor ou diagnosticador de indícios é preciso ir muito além de se colocar na prática as regras preexistentes, é preciso o uso de elementos imponderáveis como o faro, o golpe de vista e a intuição, principalmente o uso da alta intuição. Tendo-se um bom arcabouço teórico,

aliado à perspicácia de análise e aprofundamento nos detalhes, que vão além do óbvio ou que já está posto por meio de categorias pré existentes, o paradigma indiciário, nas disciplinas humanas, é um caminho que permite uma construção mais aprofundada, confrontando paradigmas e refletindo debates. Portanto, é possível uma compreensão histórica e cultural a partir do que poderia ser visto como secundário, por meio dos detalhes.

Já, quando aprofundamos o Paradigma Indiciário sob a ótica de Jean-Jacques Courtine, no primeiro capítulo do seu livro *Decifrar o copo – Pensar com Foucault* (2021), vemos que ele parte da semiologia, do contexto sócio cultural e das representações e informações que fazem parte do objeto analisado levando em consideração os discursos, as imagens e suas interdependências, explorando, aprofundando e respaldando a metodologia primeira de Ginzburg em detrimento à semiologia de Saussure (1916).

Ao explorar as relações entre corpo, linguagem e imagem nos discursos, entrevistas e representações visuais, pensando nos contextos históricos e socioculturais, ele destaca que

no momento em que as ciências humanas são, mais do que nunca, conquistadas pelo formalismo quantitativo e pelas pretensões utilitaristas, os desafios da decifração do corpo voltam a conversar à parte humana de nossa existência sua densidade antropológica e sua profundidade histórica, a elucidar o que nos faz sujeitos (Courtine, 2021, p. 40).

Ao analisarmos um objeto a partir do caminho proposto por Ginzburg e Courtine, vemos que não se faz o uso somente da língua ou da linguagem, mas também de “indícios, de rastros do surgimento de um sentido imprevisto” (Courtine, 2021, p. 42). É preciso ressaltarmos que toda imagem está inscrita em uma cultura visual, que se supõe sua existência junto ao indivíduo de uma memória visual, uma memória de imagens onde toda imagem ecoa, como define a genealogia da imagem. Ou seja, “não existe imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham elas sido outrora vistas ou simplesmente imaginada” (Courtine, 2021, p. 43).

Portanto, para analisarmos imagens e discursos é preciso referenciarmos os indícios, visto que eles podem perder sentido fora da genealogia dos indícios que atravessam e constituem o objeto, pois as imagens, por exemplo, em um contexto global, fazem parte de um paradoxo essencial dos objetos da cultura, que são proporcionais às suas refrações e uniformizações. Para tanto, Courtine pondera que o objeto precisa ser bem definido e contextualizado e, a partir daí, a análise das imagens, do corpo, dos discursos deve ser realizada a partir dos indícios preponderantes e rastreáveis, por além da obviedade, pela observação dos detalhes.

Para a análise, a partir do aprofundamento de Courtine, destacamos que no discurso é preciso observar além das palavras, visto que o ato de falar incorpora, também, elementos indiciários como o tom de voz, a pausa, o ritmo. Sendo assim, nas imagens o que nos falam são as expressões faciais, postura, presença, credibilidade, escolhas minuciosas de sua construção, a sinceridade e impacto do discurso em si. Portanto, Courtine faz um detalhamento a mais das práticas propostas por Ginzburg, indo muito além das proposições pré determinadas nos estudos clássicos da Semiótica ou da Semiologia.

Sendo assim, quando pensamos na defesa do Paradigma Indiciário feito por Courtine,

compreendemos que existiriam, pois, duas semiologias. Aquela imaginada por Saussure, fundada em sua concepção do signo linguístico, que nos situa no universo da desmaterializado e sistêmico do uso dos códigos e dos signos, com seus prolongamentos estruturalistas. E outra, de inscrição antropológico muito mais antiga, baseada no ajustamento de indícios depositados mais ou menos conscientemente ao longo dos conjuntos significantes; apoiada sobre práticas nas quais o elemento qualificativo, sendo que a parte subjetiva daquele que produz o indício como aquela de quem o detecta não saberiam ser eliminadas, nem mesmo reduzidas; práticas onde a intuição, a espiadela, o 'faro', constituem elementos essenciais... E, se for necessário escolher entre essas duas vias divergentes na análise e na interpretação das imagens, eu, naquilo que me concerne, já escolhi o meu campo: aquele de Sherlock Holmes, antes que o de Saussure (Courtine, 2021, p. 40).

Na medida em que Courtine faz uma leitura de Ginzburg, que fundamenta o caminho que propiciou a criação do que denominou como intericonicidade das imagens, vemos a ênfase da leitura e interpretação de sinais como ponto crucial para a compreensão dos processos complexos que constituem o objeto. Ou seja, na metodologia de Ginzburg, lida e aprofundada por Courtine, vemos a valorização da leitura cuidadosa dos sinais como a possibilidade, assim, de acesso a significados profundos, principalmente de objetos que retomem aos mais diversos fenômenos sociais e culturais de forma mais completa, das expressões visuais e discursivas como sinais, que carregam sentidos culturais e identitários, aos sinais indiciários como pistas na investigação histórica e na análise de acontecimentos.

Pesquisar objetos da área de Saúde na Comunicação é desafiador para o pesquisador, pois ele pode acabar se aprofundando muito no campo da Comunicação em si e deixando passar pontos essenciais na sua análise, que requereriam mais conhecimento das ciências biológicas, bem como o contrário, esvaziar-se da sua área de origem e falar como pesquisador das áreas relacionais. Contudo, é possível, sim, a elaboração de um trabalho que consiga aliar o seu objetivo principal com os aspectos específicos da área que caminha junto do seu objeto, pois o labor científico caminha

sempre em duas direções: numa, elabora as teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E, ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, revestem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado e construído, portanto, passível de mudança (Minayo, 2023, p. 12).

Para tanto, ao falarmos dos objetos da área de Saúde e nos detendo mais especificamente aos relacionados à Alimentação quando trazidos para a Comunicação, precisamos lembrar que, mesmo com a Nutrição, Medicina ou a Saúde Pública, estamos utilizando os paradigmas científicos das pesquisas em Comunicação Social e seus “desdobramentos teóricos e metodológicos na abordagem de fenômenos da Cultura e da Comunicação de Massa” (Lopes, 2014. p. 51).

Precisamos destacar, também, que o caminho metodológico escolhido pelo pesquisador, a partir de objetos comunicacionais bem definidos, é o que o auxiliará na manutenção de uma análise que escape para a Nutrição, Medicina ou Saúde Pública para manter a pertinência. São as hipóteses elaboradas que darão o enfoque na Comunicação.

Comumente, na área da Comunicação, principalmente em Estudos de Caso, que muitas vezes são os que estão ligados à Alimentação, os caminhos mais utilizados e seguros são a Análise de Conteúdo (AC) ou a Análise de Discurso (AD), pois “a par de sua dupla condição, teórica e analítica, o Modelo Metodológico pode ser igualmente aplicado tanto a investigações já realizadas, que são discursos produzidos, quanto a investigações em ato, que são discurso em produção” (Lopes, 2012, p. 115). Portanto, salta-nos aos olhos que há necessidade de expansão nas escolhas das metodologias utilizadas para compreender objetos complexos e ricos em pormenores.

Muitas vezes, colocarmos um objeto em uma única caixa metodológica, e mesmo sendo a opção mais confortável e que facilite a análise, pode ser a forma mais reducionista de se explorar o campo e, ainda, pode diminuir as possibilidades de crescimento e estabelecimento da área da Comunicação diante de áreas mais consolidadas e específicas. Portanto, escutar o objeto e dar espaço para o que ele mostra, dentro do que o pesquisador se propõe, pode levar a dar visibilidade a caminhos menos convencionais, mas que possam ser produtores e geradores de novas teorias.

Em estudos de caso, por exemplo, a escolha de metodologias convencionais e “rigidamente aparelhados de teorias irremovíveis também não promete grandes avanços de conhecimentos” (Braga, 2008, p. 82). Sendo assim, o objeto comunicacional, que

atravessa ou dialoga com a área da Saúde, pode falar mais do mesmo ou precisando de grande aporte dessas áreas monotéticas, perdendo-se das perguntas inicialmente levantadas. Portanto, objetos interdisciplinares que trazem grande aporte teórico e epistemológico, quando bem tensionados, podem gerar evolução nas teorias adotadas. Contudo, fazendo-se sempre o uso dos mesmos caminhos, a possibilidade de expansão pode acabar sendo limitada e tornando os estudos de caso corriqueiros e simplistas.

Notamos, então, que as pesquisas em Comunicação que tenham seus objetos relacionados com a área da Saúde, com foco principal em Alimentação, poderiam se beneficiar do uso das metodologias propostas por Ginzburg e Courtine, visto que ao se analisar os indícios, poder-se-ia, dentro dos pormenores de contextualização sociocultural e teorias das ciências biológicas, encontrar um aprofundamento e uma maior inter-relação entre as áreas e enriquecimento do objeto.

Por mais que a área da Saúde não esteja dentro do campo das ciências humanas ou sociais, ela é feita a partir e para o corpo humano e para e por pessoas, ou seja, ela está contida dentro de contextos culturais, econômicos e ideologias como o campo da Comunicação; e, quando nos confrontamos com objetos na área da Alimentação, vemos muitos pormenores que refletem interesses políticos, governamentais e a interferência da indústria alimentar e do agronegócio, indo por além da saúde em si.

O trabalho de pesquisa na Comunicação, ainda mais quando relacionado às áreas monotéticas, que querem confirmar uma proposição rigorosa e específica inicial, envolve “desenvolver, tornar mais complexas, aprofundar, ajustar ou mesmo substituir as hipóteses de partida por outras, mais adequadas ao conjunto de indícios disponíveis, sistematicamente levantadas e articulados” (Braga, 2008, p. 84). Portanto, Ginzburg e Courtine podem apresentar ferramentas e caminhos epistemológicos que alimentem a pesquisa, visto que suas historicidades metodológicas partem de estudos e análises, em parte, da Saúde.

Tendo em vista os caminhos que uma pesquisa que se fundamenta no Paradigma Indiciário percorre, compreendemos que a utilização do Mosaico de Becker (1993) pode se tornar uma ferramenta aliada na categorização dos sinais encontrados e seus desdobramentos teóricos, pois a “a imagem do mosaico é útil para pensarmos sobre este tipo de empreendimento científico. Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo” (Becker, 1993).

A proposta da metodologia apresentada por Becker é justamente incentivar a triangulação de métodos, pois ele compreendia que nenhum estudo, por si só, é capaz de oferecer a compreensão completa de um fenômeno social. Cada investigação, seja ela

qualitativa ou quantitativa, é uma peça que, ao ser combinada com as demais, contribui para um quadro mais amplo e detalhado.

4.2 OS INDÍCIOS DA PRESENÇA DO GAPB NAS NOTÍCIAS, ANÁLISES DOS RESULTADOS ENCONTRADOS E SUAS INTERSECÇÕES

Após a construção do arcabouço teórico e análise de diversos sites, fazendo buscas ativas em seus históricos sobre o Guia Alimentar para a População Brasileira, a limitação dos sites que seriam utilizados se afunilou em um representante do jornalismo tradicional e mais um do independente.

Portanto, representando os de jornalismo tradicional o escolhido foi a Folha de S. Paulo, por ser um veículo que surgiu anteriormente à era da internet, mais especificamente em 1921, e migrou seu conteúdo também para o digital ao longo da última década; ter alcance nacional, desde o período em que era somente impresso até o momento atual, fazendo parte do Grupo UOL, que está entre os sites mais acessados do país (Semrush, 2024); ter sessão que diz respeito à saúde; e ter conteúdo disponível sobre o GAPB durante o período analisado. Corroborou para a escolha da Folha o fato de ter parte do acervo disponível de forma gratuita, o que possibilita que a informação seja disseminada a um maior grupo de leitores, visto que o objetivo é compreender as narrativas do que é publicado sobre o Guia e suas relações socioculturais com a população.

Já para representar o jornalismo independente, optou-se pelo site O Joio e o Trigo, pois ele produz “jornalismo investigativo sobre alimentação, saúde e poder” (O Joio e o Trigo, 2024). Apesar de ele só existir a partir de 2017, o seu acervo que abarca os conteúdos sobre o GAPB é bastante robusto e com frequência significativa, com pelo menos uma notícia sobre o tema mensalmente, o que reiteramos superar a possível fragilidade em termos a lacuna de três anos no material disponibilizado quando pensamos em contraponto de conteúdos.

Algo comum aos dois escolhidos é o fato de se comprometerem, em suas linhas editoriais, em produzirem jornalismo profissional e com isonomia, caráter rigoroso de apuração e levarem em consideração o papel do jornalismo perante a sociedade – tais fatos, no entanto, só serão realmente confirmados após a coleta das notícias e análise. Além de terem buscas facilitadas e rápido acesso aos conteúdos, inclusive de forma gratuita.

Ao realizar a pesquisa ativa nas buscas dos dois sites por “Guia Alimentar para a População Brasileira” foi possível encontrar, no período estudado de outubro de 2014 a agosto de 2025:

- Folha de S.Paulo: 113 notícias
- O Joio e o Trigo: 155 notícias

Dando prosseguimento à construção do *corpus* a ser analisado, foi necessário a leitura e categorização das notícias encontradas. Nesta etapa, ficou mais evidente que a “metodologia na pesquisa se situa no plano da prática e indica os métodos efetivamente usados numa pesquisa” (Lopes, 2014. p. 96), pois foi possível compreender que as próprias fontes desenhariam as categorizações que responderiam às necessidades da pesquisa. Ou seja, as metodologias que servem de base para as análises propostas por este trabalho já foram se mostrando com rigor e profundidade desde o começo, enfatizando que seus aportes teóricos são capazes de subsidiar as discussões com flexibilidade e profundidade de análise.

Isto posto, o próprio objeto construiu as categorias que serviram de base para a elaboração da fase seguinte da pesquisa. São elas:

- a) Detalhadas (notícias detalhadas sobre o GAPB em si): constam os conteúdos produzidos a partir de releases do Governo Federal ou do trabalho de divulgação pelo Nupens, que explicam o que de fato é o Guia, as ações em torno do material e cujo foco principal da notícia seja ele em si;
- b) Fonte (notícias que utilizam o GAPB como fonte de informação): são as que falam sobre alimentação e o Guia serve como fonte do que se está sendo apresentado, garantindo o rigor científico do conteúdo apresentado;
- c) Citação simples (notícias que só citam o GAPB): são as que o trazem a citação da sua existência, de forma superficial ou só o citando como uma das políticas do Governo;
- d) Críticas (notícias que criticam ou trazem menção às críticas direcionadas ao GAPB): as que trazem pontos negativos sobre o Guia, que o criticam amplamente ou reportam as críticas sofridas pelo Guia por terceiros; e,
- e) Políticas públicas (notícias que abordam as políticas públicas do Governo no qual o GAPB faz parte): por ser base da elaboração das políticas públicas do Governo, as notícias aqui categorizadas o trazem como parte das mesmas ou que expliquem que as ações realizadas o tiveram como alicerce.

Para a coleta e análise das notícias foi utilizado um formulário no Google Forms¹¹, que, além das categorias supracitadas traz, também:

- Veículo
- Título
- Link da notícia
- Autor
- Data de publicação
- Categoria
- Será utilizada?
- Caso não, por quê?
- Governo Federal vigente
- Observações
- Relação teórica
- Indícios destacáveis
- Principais palavras utilizadas para referenciar o Guia
- Relação com a história do Guia

A utilização do formulário se deu, pois há uma compilação dos resultados colhidos que são transformados em planilhas do Excel, que facilitam a criação de filtros bem como a criação dos gráficos, facilitando a visão e entendimento dos resultados encontrados das categorias, que são a base das etapas metodológicas posteriores, visto que o “campo da pesquisa é ao mesmo tempo estrutura enquanto se organiza como discurso científico e é processo enquanto se realiza como prática científica” (Lopes, 2014. p 97).

11 Link para o Google Forms utilizado:
<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfawJUnDSwAkwlqy8f8coYfVJV9D7KtMIIThL0Zak9NtZ6hkg/viewform>.

Figura 6 – Imagem do Google Forms para coleta de respostas

The image shows a Google Form titled "COLETA NOTÍCIAS" with a header banner for "GUIA ALIMENTAR PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA". The form is divided into several sections:

- SERÁ UTILIZADA? ***: Radio buttons for "Sim" and "Não".
- Caso não por quê? ***: Radio buttons for "Categoria 'citação'", "Coluna de opinião ou blog", and "Outro:".
- DATA DE PUBLICAÇÃO ***: Fields for "Mês, dia, ano" with a calendar icon.
- Fontes do período ***: Radio buttons for "Dilma Rousseff 2011-2016", "Michel Temer 2016-2018", "Jair Bolsonaro 2019-2022", and "Luís Inácio Lula 2023-atual".
- OBSERVAÇÕES**: A text input field for "Texto de resposta longa".
- CATEGORIA**: Checkboxes for "Detalhada: notícias detalhadas sobre o GAPPB em si", "Fonte: notícias que utilizam o GAPPB como fonte de informação", "Citação simples: notícias que apenas mencionam o GAPPB", "Críticas: notícias que criticam ou trazem menção às críticas direcionadas ao GAPPB", and "Políticas públicas: notícias que abordam políticas públicas do Governo nas quais o GAPPB se insere".
- RELACÃO TEÓRICA**: A text input field for "Texto de resposta longa".
- Índice destacada**: A text input field for "Texto de resposta longa".
- Políticas públicas utilizadas para referência o Guia**: A text input field for "Texto de resposta curta".
- Relação com a história do Guia**: A text input field for "Texto de resposta longa".

Fonte: Autora, 2026

Salientamos que, apesar de o próprio Forms apresentar gráficos e afins, gerados automaticamente, percebemos algumas inconsistências nos gráficos e nas tabelas ou a falta de figuras que representassem tudo que pretendíamos apresentar com os dados coletados. Portanto, a partir da tabela de Excel gerada, desenvolvemos filtros e os gráficos foram feitos a partir desses resultados.

4.2.1 Análise dos dados objetivos

A partir deste ponto, começaremos a detalhar os dados encontrados nas categorias de múltiplas escolhas, que serão a base de compreensão do próximo capítulo, que utilizarão as categorias subjetivas.

Ressaltamos que, ao longo da captação das notícias, foram sendo descartadas as notícias que tivessem teor opinativo, mesmo que elas se encaixassem em categorias que não fossem excluídas da análise. Metodologicamente, optamos por não incluir, também, as que se enquadravam somente na categoria "Citação simples", pois notamos que não trariam contribuição significativa nas análises, pois a presença do Guia na matéria não fazia diferença no seu conteúdo. Destacamos que, na maioria dos casos, o nome do GAPB aparecia só como referência à produção acadêmica de quem estava sendo citado na matéria¹².

12 POR que é tão difícil frear a escalada da obesidade infantil? Folha de S.Paulo, São Paulo, 24 abr. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/04/1878042-por-que-e-tao-dificil->

O objeto, de fato, conversou conosco e, com olhar apurado e cuidado redobrado, encontramos uma história maior do que a biografia já encontrada pronta sobre a atual versão do GAPB no site do Nupens. Sendo assim, a partir deste ponto, detalharemos os dados objetivos encontrados, que auxiliarão na análise das relações histórico-culturais que serão esmiuçadas no Capítulo 5:

Do total de 268 matérias analisadas dos dois sites, excluindo-se as de Citação simples, de opinião, podcast e blogs, utilizou-se efetivamente 132, sendo:

- O joio e o trigo: 91
- Folha de S.Paulo: 42

Salta aos olhos a significativa quantidade de matérias da Folha que foram descartadas por serem opinativas, somando um total de 34, ou seja, 47% das matérias produzida pelo site – tal dado será novamente mencionado posteriormente quando nos aprofundarmos na análise das relações histórico-cultural.

Ao nos depararmos com as categorias utilizadas para análise, destacamos que as matérias poderiam se encaixar em mais de uma. Portanto, encontramos:

Tabela 5 – Categorias das matérias colhidas

Categoria	Descrição Curta	Total de Ocorrências
Citação Simples	Notícias que apenas mencionam o GAPB	118
Fonte	Notícias que utilizam o GAPB como fonte de informação	121
Políticas Públicas	Abordam políticas do Governo nas quais o GAPB se insere	54
Detalhada	Notícias detalhadas sobre o GAPB em si	33
Críticas	Notícias que criticam ou trazem menção às críticas	32

Fonte: Autora, 2026

Corroborando com a escolha de analisarmos O Joio e o Trigo, mesmo tendo um lapso temporal de três anos em relação à Folha de S.Paulo, observamos que no período de 2014 a 2016, a Folha apresentou 11 matérias que citavam o Guia, sendo que somente 4 foram utilizadas na análise, uma vez que as demais se encaixam nos filtros de exclusão. Ou seja, em volume, os valores em si justificam a manutenção do veículo representante do jornalismo independente, inclusive por apresentar um número maior de matérias utilizadas no período do *corpus*.

[frear-a-escalada-da-obesidade-infantil.shtml](#). Acesso em: 15 nov. 2025.

Tabela 6 – Matérias publicadas por ano por site que foram utilizadas na análise final

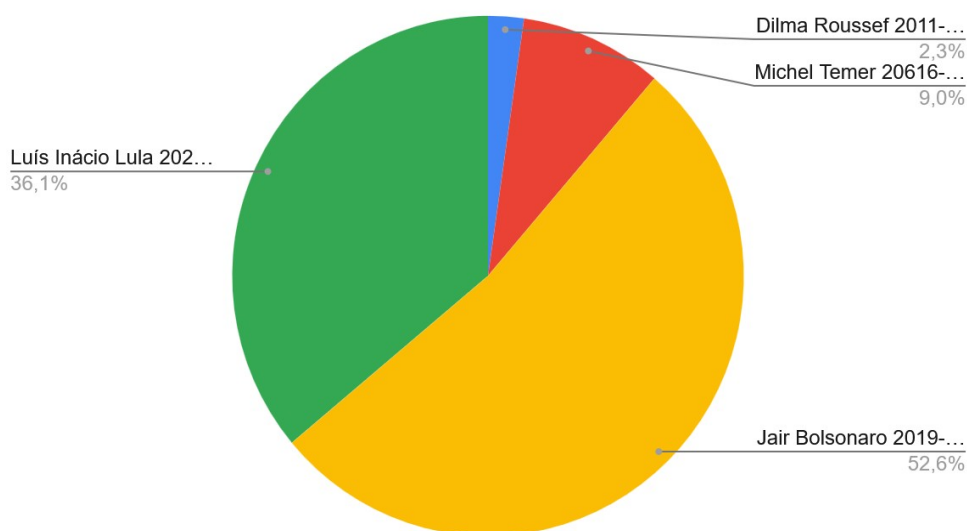
Ano	Folha de S.Paulo	O Joio e o Trigo
2014	1	0
2015	2	0
2016	0	0
2017	0	2
2018	1	9
2019	4	14
2020	5	17
2021	4	9
2022	5	12
2023	12	5
2024	7	15
2025	1	8
Total	42	91

Fonte: Autora, 2026

Com relação ao governo presidencial em vigência no decorrer da produção de cada matéria analisada, observou-se que a maior concentração foi no governo do então presidente Jair Messias Bolsonaro (2016-2019), seguidos do presidente em exercício Luís Inácio Lula da Silva (2022-atual), Michel Temer (2016-2018) e os dois mandatos de Dilma Rousseff até o seu processo de impeachment (2011-2016), conforme gráfico abaixo:

Figura 7 – Governo vigente das matérias utilizadas na análise final

Contagem



Fonte: Autora, 2026

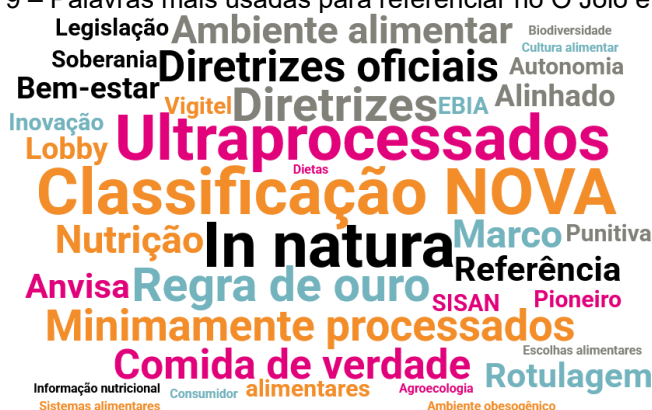
Já, ao destacarmos as palavras mais usadas para referenciar o material, que elucidam a diferença de foco presente nas matérias dos dois sites, conforme será discutido nos indícios e na construção do Mosaico de Becker, temos o seguinte cenário:

Figura 8 – Palavras mais usadas para referenciar o GAPB na Folha de S.Paulo



Fonte: Autora, 2026

Figura 9 – Palavras mais usadas para referenciar no O Joio e o Trigo



Fonte: Autora, 2026

Finalizando a apresentação dos dados objetivos, em relação a variedade de autores, notamos que no O Joio e o Trigo os principais autores foram: João Peres, Guilherme Zocchio, Victor Matioli, Mylena Melo, Nathália Iwasawa, Maíra Mathias, Marcos Hermanson, Moriti Neto, Amanda Lemos, Hellen Gouveia. Destacando que em 81 matérias João Peres e Guilherme Zocchio estiveram presentes, fossem como autores principais ou em participação da autoria. Já, na Folha de S.Paulo, as matérias foram mais assinadas por Gabriel Alves, Phillippe Watanabe, Ana Bottallo, André Biernath, Cláudia Collucci, Mariana Costa, Gabriela Cupani, Julia Moióli. Sendo que os dois primeiros foram responsáveis por mais de 15 matérias. Contudo, somando todos autores encontramos 114, o que veremos, mais adiante, como impactou na produção dos conteúdos de cada um dos sites.

A partir deste momento, a nossa análise se dará da seguinte forma: os indícios principais encontrados em cada um dos sites, os secundários e a construção do Mosaico de Becker.

4.2.2 A presença indiciária do GAPB no site O Joio e o Trigo

Como Ginzburg e Courtine elencam, os indícios principais são aqueles que nos saltam aos olhos, que são mais evidentes e, até mesmo, óbvios, e ao longo da leitura de todas as matérias de O joio e o trigo elencamos 6 indícios principais: a classificação NOVA como alicerce do GAPB e de ruptura epistemológica, o Guia como “regra de ouro” e ameaça ao modelo mercadológico da indústria; o embate visual entre o Guia e o modelo de pirâmide alimentar, a comensalidade e o tempo como atos políticos, a resistência institucional como prova de sua eficácia e o Guia Alimentar como protetor da sustentabilidade e da soberania alimentar nacional.

Quando o GAPB foi desenvolvido a partir da tabela NOVA houve uma ruptura com os saberes tradicionais da nutrição, que baseava suas escolhas e estudos em nutrientes. Ou seja, a mudança epistemológica se deu na forma de ver o alimento e suas relações, deixando de o ver isoladamente, mas como era produzido, desde a composição à cadeia de produção, e a sua relação social. Sendo assim, nas matérias do O joio e o trigo, a presença do Guia como fonte científica e a forma como ele foi sendo apresentado mostra que, em contraponto ao que o material do Ministério da Saúde propõe, a indústria utiliza o nutricionismo (Scrinis, 2021) para limpar a imagem dos produtos que tenham uma composição ruim e com alto grau de processamento. O Guia vai se mostrando como a ferramenta que derruba o escudo da indústria com embasamento, ou seja, se o alimento é ultraprocessado, ele é desaconselhado, não importa quantos nutrientes sintéticos a indústria adicione ou tente mascarar. É o indício de que a ciência do Guia é independente da engenharia de alimentos das corporações¹³.

Ao destacar o Guia como “regra de ouro” e ameaça ao modelo mercadológico da indústria, o Joio vai desmontando a tentativa de moderação da indústria com a base firme e contundente das diretrizes do GAPB. Quando o documento diz “evite”, estabelece uma regra clara e cria um obstáculo comercial intransponível. O indício principal é que a clareza do texto do manual é o que gera a repulsa institucional da ABIA (Associação Brasileira da Indústria de Alimentos), pois atinge diretamente a previsão de vendas de produtos de longa validade ¹⁴.

13 PERES, João. **Os alimentos ultraprocessados são os reis da confusão**. O Joio e o Trigo, 8 jan. 2018. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2018/01/os-alimentos-ultraprocessados-sao-os-reis-da-confusao/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

14 ZOCCHIO, Guilherme. **Desejo da indústria, revisão do Guia Alimentar traria mais motivos para evitar ultraprocessados**. O Joio e o Trigo, 24 ago. 2020. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2020/09/desejo-da-industria-revisao-do-guia-alimentar-traria-mais-motivos-para-evitar-ultraprocessados/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

O terceiro indício confronta mais uma disputa evidente para O Joio e o Trigo entre as diretrizes oficiais e a indústria: o pedagógico. A pirâmide alimentar, por décadas, foi o símbolo da prescrição nutricional, mas muitas vezes colocava produtos processados e ultraprocessados em sua base ou níveis intermediários. Quando o governo lança o Guia Alimentar, ele ultrapassa a barreira da pirâmide e instrui uma nova forma de ver a alimentação, sinalizando que o modelo anterior falhou em conter a epidemia de obesidade e doenças crônicas¹⁵. Para O Joio, esse gesto visual, de literalmente apagar a figura geométrica, é a prova de que o Guia não quer reformar o sistema antigo, mas derrubá-lo para construir um novo, baseado na comida de verdade.

Quando o Guia dedica um capítulo inteiro ao ato de comer em si, indica que a saúde e nutrição não são só biológicas, mas atos sociais. O Joio destaca que a indústria precisa que as pessoas comam sozinhas, rápido e em qualquer lugar¹⁶. Ou seja, quando ele usa comumente o Guia como fonte que recomenda comer em companhia, em ambientes apropriados e valoriza o arroz e feijão, ele está sabotando o estilo de vida que sustenta o consumo de ultraprocessados. O indício aqui é o da resistência cultural, pois o Guia protege o modo de vida brasileiro contra a padronização alimentar global.

No quinto indício, é notório que O Joio e o Trigo percebe que a resistência institucional, não só por parte da indústria, mas por parte do próprio Ministério da Agricultura, ao GAPB é a prova contundente de sua eficácia científica. O Joio documenta meticulosamente os ataques vindos por parte da gestão do Governo Bolsonaro, com o lançamento da Nota Técnica nº 42, do Ministério da Agricultura, que tentou classificar o Guia como "um dos piores do mundo"¹⁷, e o lobby de associações industriais para retirar o termo "ultraprocessados" de documentos oficiais¹⁸. Segundo a lógica indiciária, O Joio e o Trigo reforça que se um documento técnico causa tanta reação política e econômica, é porque ele revelou uma verdade que o poder econômico tentava esconder.

15 MATHIAS, Maíra. **Por que é tão difícil regular os produtos ultraprocessados no Brasil?** O Joio e o Trigo, 2 jun. 2022. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2022/06/por-que-e-tao-dificil-regular-os-produtos-ultraprocessados-no-brasil/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

16 ZOCCHIO, Guilherme. **O sucesso dos apps de entrega, entre a solidão e a comida-porcaria.** O Joio e o Trigo, 3 dez. 2019. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2019/12/o-sucesso-dos-apps-de-entrega-entre-a-solidao-e-a-comida-porcaria/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

17 ZOCCHIO, Guilherme. **Ministério da Agricultura reforça ofensiva para derrubar Guia Alimentar, referência internacional.** O Joio e o Trigo, 17 set. 2020. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2020/09/ministerio-da-agricultura-reforca-ofensiva-para-derrubar-guia-alimentar-referencia-internacional/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

18 ZOCCHIO, Guilherme. **Ministério da Saúde cede à indústria de alimentos e atrasa combate a doenças crônicas.** O Joio e o Trigo, 19 maio 2021. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2021/05/abia-ministerio-da-saude-cede/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

No último indício principal percebido ao longo do material coletado no O Joio e o Trigo, o GAPB é visto como indutor de soberania e sustentabilidade bem como um projeto de não aceitar o peso do lobby da indústria e do agronegócio. Ele conecta o Guia não só à ciência, mas do campo ao prato. Ao recomendar alimentos in natura, o Guia apoia indiretamente a agricultura familiar e a biodiversidade. As matérias do O Joio e o Trigo apontam que o sistema de ultraprocessados depende de monoculturas (soja, milho, cana) e de grandes cadeias logísticas¹⁹. Portanto, o indício principal é que seguir o Guia e suas recomendações é uma escolha política que privilegia a soberania alimentar do Brasil em detrimento dos lucros de empresas transnacionais que controlam as commodities globais.

Já, ao adentrarmos na seara dos indícios marginais da produção do veículo independente, por entrelinhas e subjacentes aos indícios principais, temos: os rastros da disputa política e institucional, sinais de recepção social e comunicação, a cenografia ligada ao Guia e o uso da captura da afetividade, distorções e resistências semânticas, inércia e memória cultural, rastros econômicos e geográficos e o Guia como ferramenta jurídica²⁰.

Ao elencarmos as matérias que elucidam as tentativas de veto à publicação da atual edição do GAPB, por pressão da indústria; as que mostram que, após consulta pública sobre o material, o único setor que sofreu veto em suas sugestões foi justamente o da indústria alimentícia, pois eram incompatíveis com a saúde pública; as instabilidades políticas e trocas de cargos nos ministérios, que afetaram as regulamentações ligadas ao Guia²¹; os ataques que a publicação sofreu ao longo de sua trajetória por órgãos do próprio Governo e exonerações de funcionários por interferência política da indústria nas pastas da Saúde e Agricultura; e, o “vazamento” da Nota técnica nº 42, vemos os rastros indiciários da disputa política e institucional, que perpassou toda a existência do GAPB²².

Já, ao falarmos em sinais de recepção social e comunicação, notamos que O Joio foi mostrando que o uso dos termos trazidos pelo Guia e a sua recepção pela sociedade

19 MATIOLI, Victor. **Desigualdade no prato: um retrato das contradições do sistema alimentar brasileiro**. O Joio e o Trigo, 21 out. 2020. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2020/10/desigualdade-no-prato-um-retrato-das-contradicoes-do-sistema-alimentar-brasileiro/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

20 AMARAL, Luíza. Conectados, indústria e setor financeiro usam discursos e ações de fachada para vender responsabilidade ambiental. O Joio e o Trigo, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2021/11/conectados-industria-e-setor-financeiro-usam-discursos-aco-es-de-fachada-para-vender-responsabilidade-ambiental/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

21 PERES, João. Associação bancada por Nestlé e Coca-Cola tentou engavetar Guia Alimentar do Ministério da Saúde. O Joio e o Trigo, 31 out. 2019. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2019/10/associacao-bancada-por-nestle-e-coca-cola-tentou-engavetar-guia-alimentar-do-ministerio-da-saude/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

22 IWASAWA, Nathália. Conflito de interesses distorce discussão sobre ultraprocessados à base de soja. O Joio e o Trigo, 18 maio 2022. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2022/05/conflito-de-interesses-distorce-discussao-sobre-ultraprocessados-a-base-de-soja/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

mereciam destaque, pois foram se tornando assuntos comuns ao cotidiano da população. A apropriação leiga do termo “ultraprocessados” foi usada como conceito não só pela imprensa em geral como, também, pelo senso comum, o que mostrava penetração social²³. O reflexo percebido foi que, em mais de um momento, vídeos amadores das redes sociais pautaram a sociedade e o próprio site, pois mostravam sinal da necessidade das pessoas por informações claras sobre as diretrizes do Guia, que não eram supridas pelo próprio Governo. Outra amostra do indício foi encontrada nas matérias que adotaram, por um período, o uso de termos coloquiais (“comida porcária”), que contrastavam com a linguagem pedagógica do Guia, ou seja, uma forma de tornar ainda mais acessível o conhecimento do seu conteúdo²⁴. E, por fim, muitas matérias demonstraram que o Guia Alimentar assume uma função secundária de comunicação ao servir de fonte de letramento científico dos jornalistas e auxiliar na identificação de conflitos relacionados à alimentação²⁵.

A cenografia e o apelo à afetividade foram percebidas como um sinal indiciário marginal, pois ao falar de eventos sobre alimentação, tanto os realizados com apoio da indústria alimentícia quanto os científicos sem patrocínios privados, O Joio detalhava a forma como os ambientes eram montados e se seguiam as orientações do GAPB²⁶. Fosse descrevendo como as geladeiras de bebidas ultraprocessadas são expostas e os alimentos oferecidos, fosse relatando como ocorrem as distribuições de brindes e mimos aos gestores e participantes, as matérias dos eventos tinham o detalhamento das ferramentas usadas para atrair a afetividade ou não dos participantes, bem como o Guia era percebido ou desqualificado a partir dos detalhes – principalmente, em eventos que pautavam as comorbidades que as orientações do Guia Alimentar seriam peças-chave das discussões²⁷.

23 PERES, João. Quando o carrinho de supermercado vazio é uma boa notícia. O Joio e o Trigo, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2019/07/quando-o-carrinho-de-supermercado-vazio-e-uma-boa-noticia/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

24 PERES, João. 'Medo' faz Anvisa rejeitar alertas nos rótulos de comida-porcária. O Joio e o Trigo, 3 out. 2019. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2019/10/medo-faz-anvisa-rejeitar-alertas-nos-rotulos-de-comida-porcaria/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

25 TABOSA, Lorena. Guia completa dez anos, mas educação alimentar não é realidade no Brasil. O Joio e o Trigo, 24 out. 2024. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2024/10/guia-completa-dez-anos-mas-educacao-alimentar-nao-e-realidade-no-brasil/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

26 PERES, João. Crescem reações à relação entre ciência e indústria de ultraprocessados. O Joio e o Trigo, 1 fev. 2018. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2018/02/crescem-reacoes-relacao-entre-ciencia-e-industria-de-ultraprocessados/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

27 PERES, João. O Congresso Internacional de Nutrição deveria dar Coca aos participantes?. O Joio e o Trigo, 13 nov. 2017. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2017/11/o-congresso-internacional-de-nutricao-deveria-dar-coca-aos-participantes/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

Outro ponto da percepção do Guia pelo O Joio e o Trigo como indício marginal a ser mencionado foram as denúncias de distorção e resistência semântica que o Guia sofreu ao longo da sua história. Matérias que foram denunciando o uso de frases sobre o material fora de contexto, principalmente de autoridades da Nutrição como forma capturar a sua credibilidade científica²⁸; as alterações de frase do Guia nos cartazes da indústria, como forma de mascarar os malefícios dos seus produtos; bem como o uso de palavras pejorativas sobre as recomendações para descrever os seus impactos nos modelos de negócios ligados aos alimentos ultraprocessados ou descredibilizarem a cientificidade do Guia²⁹.

Nas matérias, outro indício percebido foram os sinais de inércia e apelo à memória cultural, demonstrados como forma de atrasar o uso das diretrizes do Guia. Ao manter, por exemplo, em materiais didáticos utilizados por estudantes o modelo de pirâmide alimentar, mostra-se a demora e resistência sistêmica à adoção do documento oficial do Governo³⁰. Ou, ainda, como o apelo à sabedoria popular pode ser uma ferramenta de apagamento das discussões sobre os riscos do consumo de ultraprocessados.

Rastros econômicos e geográficos sobre o GAPB foram sinais indiciários ao trazer matérias que falavam sobre cestas básicas, as relações de IDH e ofertas de comida de acordo com seu grau de processamento. As formas como a população foi se adaptando ao longo das mudanças econômicas para tentar manter a lógica de consumo do Guia e como as regiões mantêm seus traços regionais e culturas alimentares, apesar das questões socioeconômicas³¹.

Encerrando os indícios marginais mais perceptíveis na produção do site independente, foi notório o uso do Guia como ferramenta jurídica e de balizamento ético. Ou seja, nas matérias ele estava ligado ao Direito humano à alimentação adequada (DHAA)³², eram demonstradas suas dimensões filosóficas, éticas e estéticas, mostrando

28 MELO, Mylena; IWASAWA, Nathália. Vitamina D: um 'milagre' que une governo Bolsonaro, indústria e pseudociência. O Joio e o Trigo, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2020/08/vitamina-d-um-milagre-que-une-governo-bolsonaro-industria-e-pseudociencia/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

29 PERES, João. Danone deu orientação nutricional controversa a 300 mil crianças. O Joio e o Trigo, 4 abr. 2018. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2018/04/danone-deu-orientacao-nutricional-controversa-300-mil-criancas/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

30 TABOSA, Lorena. Guia completa dez anos, mas educação alimentar não é realidade no Brasil. O Joio e o Trigo, 24 out. 2024. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2024/10/guia-completa-dez-anos-mas-educacao-alimentar-nao-e-realidade-no-brasil/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

31 IWASAWA, Nathália. Unidos de coração: comida e amor (de verdade) na Paraíba. O Joio e o Trigo, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2020/07/unidos-de-coracao-distribuicao-de-comida-e-amor-na-paraiba/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

32 REDAÇÃO. Eleições 2018: o direito à alimentação adequada tem de ser prioridade. O Joio e o Trigo, 2 ago. 2018. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2018/08/eleicoes-2018-o-direito-alimentacao-adequada-tem-que-ser-prioridade/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

que o Guia é antes de tudo um projeto de sociedade, além do seu reconhecimento internacional e pioneirismo que serviu como base para diretrizes de outros países³³.

4.2.3 A presença indiciária do GAPB no site a Folha de S.Paulo

Ao nos aprofundarmos nas matérias colhidas no site da Folha de S.Paulo, seguindo a busca indiciária da presença do GAPB, encontramos como 6 indícios principais: a classificação NOVA como seu alicerce e régua técnica, a “regra de ouro” como mandamento e defesa da cultura, o Guia como base de desmascaramentos e denúncias, o balizador de políticas públicas, a resistência institucional como sinal de sua relevância e o prestígio internacional e o poder brasileiro.

Salta aos olhos o indício que a Folha de S.Paulo relaciona o GAPB diretamente com a Classificação NOVA e que ela age como o alicerce técnico do material, pois a percebem não só como metodologia, mas como métrica que separa a comida de verdade do produto industrial³⁴. As matérias respaldam que a classificação que foi a quebra de paradigma e, em muitos momentos, o Guia é apresentado como uma consequência da sua existência. Não obstante, o número de matérias não utilizadas por serem de “citação simples” se deve ao fato das matérias focarem na NOVA e só mencionarem que o Guia a utilizou como base³⁵. E, apesar de mencionar que inúmeras pesquisas de universidades públicas tomarem por base o manual do Ministério da Saúde, a fonte principal para a Folha é a NOVA e o Nupens.

O segundo indício contundente é a “regra de ouro” do Guia de priorizar alimentos in natura em detrimento dos ultraprocessados aparece como mensagem principal de sobrevivência e longevidade³⁶. A Folha utiliza o Guia como defensor da identidade do prato brasileiro em contraponto a invasão de pratos congelados e alimentos com altos

33 MATIOLI, Victor. Estudo considera Guia brasileiro o melhor ao relacionar alimentação e sustentabilidade. O Joio e o Trigo, 24 out. 2019. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2019/10/estudo-considera-guia-brasileiro-o-melhor-ao-relacionar-alimentacao-e-sustentabilidade/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

34 ALVES, Gabriel. Quanto maior o consumo de ultraprocessados, maior o risco de morte precoce, diz estudo. Folha de S.Paulo, 1 jun. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrio/2025/06/quanto-maior-o-consumo-de-ultraprocessados-maior-o-risco-de-morte-precoce-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2026.

35 BONFIM, Murilo. A dúbia relação entre a ciência e a indústria de alimentos. Folha de S.Paulo, 2 maio 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/ciencia-fundamental/2024/05/a-dubia-relacao-entre-a-ciencia-e-a-industria-de-alimentos.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

36 SOUZA, Felipe. 'Salgadinho é mais barato que fruta': subsidiados no Brasil, ultraprocessados causam 57 mil mortes no país, diz estudo. Folha de S.Paulo, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2023/03/salgadinho-e-mais-barato-que-fruta-subsidiados-no-brasil-ultraprocessados-causam-57-mil-mortes-no-pais-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

graus de processamento. O GAPB atua como protetor da soberania alimentar e contra a monotonia alimentar³⁷.

A presença do Guia, como terceiro indício principal, não é tida como uma manual passivo, pois ele é utilizado como ferramenta para expor as táticas da indústria, denunciando o marketing enganoso e como base para desmascarar produtos que tenha cara de saudáveis, mas tem a composição cheia de aditivos. Para a Folha, o Guia serve como ferramenta de letramento nutricional, que ajuda o consumidor identificar o produto indesejado para a saúde no ato da compra³⁸.

Ao falar sobre políticas públicas em alimentação, a Folha de S.Paulo utiliza o GAPB como seu norteador ao esclarecer seu uso como base da Reforma Tributária e a seletividade de impostos, para os selos de advertência da ANVISA e para o PNAE³⁹. Portanto, o Guia é visto como uma peça estratégica do governo e de seus gastos e não só como conselheiro de saúde.

Como quinto indício vemos o entendimento de que a resistência institucional ao GAPB, durante o Governo Bolsonaro comprova, a sua relevância. Ao apresentar as tensões geradas pelo MAPA em contraponto à defesa de cientistas brasileiros e estrangeiros reforça o indício do seu prestígio⁴⁰. Ao ameaçar os lucros da indústria e do agronegócio, ele se torna alvo de notas técnicas e tentativas de vetos.

O sexto indício principal encontrado na Folha de S.Paulo é o mecanismo de defesa da hegemonia da ciência brasileira que, ao lançar a NOVA e o GAPB, entra na vanguarda da saúde global e ganha prestígio internacional. O Brasil passa a ser exportação de conhecimento e como protagonista das discussões mundiais sobre a pandemia silenciosa das DCNTs⁴¹.

37 MIRAGAIA, Marília. Sumiço do arroz é o da própria brasilidade, diz socióloga. Folha de S.Paulo, São Paulo, 22 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/comida/2020/09/sumico-do-arroz-e-o-da-propria-brasilidade-diz-sociologa.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

38 TURBIANI, Renata. Como identificar os alimentos que parecem saudáveis, mas não são. Folha de S.Paulo, São Paulo, 23 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/06/como-identificar-os-alimentos-que-parecem-saudaveis-mas-nao-sao.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

39 BONIN, Gabriela; LUIZ, Gustavo. Importante para a permanência dos alunos, veja como funciona a merenda escolar no Brasil. Folha de S.Paulo, São Paulo, 28 out. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/10/importante-para-a-permanencia-dos-alunos-veja-como-funciona-a-merenda-escolar-no-brasil.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

40 ALVES, Gabriel. Ministério da Agricultura desqualifica em nota guia que orienta escolha de alimentos saudáveis. Folha de S.Paulo, São Paulo, 17 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/ministerio-da-agricultura-desqualifica-em-nota-guia-que-orienta-escolha-de-alimentos-saudaveis.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

41 OLIVEIRA, Andreza de. Ultraprocessados representam ao menos 20% da alimentação diária no Sul, diz pesquisa. Folha de S.Paulo, São Paulo, 22 jun. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2025/06/ultraprocessados-representam-ao-menos-20-da-alimentacao-diaria-no-sul-e-sudeste-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

A investigação avança agora sobre os indícios marginais presentes na Folha de S.Paulo. Entre eles, destacam-se a subjetividade comportamental, a resistência ao terrorismo nutricional e o papel das nomenclaturas no afastamento do público. Além disso, observam-se ruídos internos, silêncios institucionais e marcadores sociais que reforçam estigmas e dinâmicas comparativas.

Um traço marcante na Folha é como a norma técnica do Guia Alimentar atravessa a identidade e a emoção. Ao expor o comportamento quase neurótico dos consumidores pela leitura de rótulos, nota-se que a comida está diretamente ligada aos sentimentos. Isso revela que as recomendações do Guia não são puramente técnicas, mas habitam o subconsciente coletivo. Por fim, evidencia-se o peso dessas diretrizes sobre o indivíduo, que tenta segui-las em um ambiente saturado de alimentos não recomendados.

Foi possível, também, perceber o uso das brechas de linguagem para contornar as recomendações centrais do Guia Alimentar por parte da indústria e redes sociais. Há a presença de críticas, baseadas no manual, sobre o terrorismo nutricional, que acaba empurrando os consumidores aos ultraprocessados ditos especiais (*fit*, *light*, proteico) e as manobras da indústria de adicionar nutrientes, como as vitaminas, para que eles pareçam alimentos saudáveis. A camuflagem industrial que se utiliza do marketing que contraria as recomendações do GAPB, tentando sutilmente o invalidar.

As nomenclaturas funcionam aqui como ferramentas de afastamento. Sob a perspectiva de Ginzburg e Courtine, a presença de nomes estranhos na composição dos alimentos oferece um detalhe revelador: a comida se tornou fórmula química. Ao utilizar o Guia para ensinar o que é comida de verdade, a Folha posiciona o material como um aliado do consumidor. Esse uso orienta o comportamento na hora da escolha e fortalece a cobrança por qualidade nutricional nas políticas públicas.

Os ruídos de bastidores e as omissões institucionais revelam que a Folha percebe uma disputa silenciosa pelo Guia dentro das estruturas de poder. Ao dar relevância ao silêncio e às alegações de desconhecimento dos órgãos públicos, o jornal expõe os momentos de tensão entre a manutenção do Guia e a descredibilização de suas diretrizes. Dessa forma, a narrativa incorpora o discurso de que o desmonte das políticas públicas ocorre de maneira estratégica e velada.

Nos detalhes, a Folha traz indícios de que o Guia encontra barreiras sociais reais, especialmente no tocante à classe e ao gênero. Esses rastros indicam que, embora seja tecnicamente bem elaborado, a utilização concreta do material depende de uma

infraestrutura social desigual. O detalhe do tempo revela que o ato de cozinhar mais e consumir menos produtos prontos é, muitas vezes, um indício de privilégio ou de uma sobrecarga feminina ainda não resolvida⁴².

Por fim, a Folha utiliza as diretrizes do Guia em pequenos gestos e metáforas que buscam ressignificar o lugar social do alimento industrial. O indício de estigmatização surge quando o jornal coloca o ultraprocessado no mesmo patamar do cigarro ou expõe a presença de políticos em eventos de grandes empresas, validando o *lobby* da indústria. Ao usar o Guia como base técnica para tratar esses alimentos como nocivos e apontar políticos que agem contra a saúde coletiva, sinaliza-se uma tentativa de mudar comportamentos e explicar as barreiras institucionais arraigadas no sistema brasileiro⁴³.

Ao cruzarmos os indícios encontrados nos dois veículos, identificamos um ponto de convergência central sobre a presença do GAPB no jornalismo online. O Guia não é lido apenas como um manual de saúde, mas como um manifesto de ruptura epistemológica e política. Ambos os portais posicionam a Classificação NOVA como o rastro dessa quebra de paradigma. Essa estrutura sustenta o Guia como uma “regra de ouro”, que desloca o foco do nutricionismo para o grau de processamento e para o sistema alimentar. Evitar alimentos ultraprocessados deixa de ser um mero conselho e torna-se um obstáculo aos interesses da indústria.

Os indícios nos dois sites colocam o Guia como o balizador de que a saúde coletiva é o ponto-chave. Por isso, os inúmeros ataques institucionais e o lobby da indústria convergem em um único objetivo: desqualificar a eficácia e a qualidade das diretrizes do GAPB, apesar de seu sólido embasamento científico.

Entretanto, as divergências são mais evidentes nos indícios marginais e nos vieses de denúncia. Enquanto O joio e o trigo mergulha nos detalhes da resistência cultural e da disputa dos bastidores, com linguagem e pormenores que tentam alfabetizar politicamente o leitor, indo além da seara estritamente nutricional, a Folha de S.Paulo parte para um olhar mais sociológico e comportamental.

Na Folha, os rastros indiciários revelam o impacto do Guia na subjetividade do consumidor além de apontar que a eficácia do Guia esbarra em marcadores sociais de classe e gênero, onde o tempo para cozinhar torna-se um indício de privilégio ou

42 MIRAGAIA, Marília. Expressão 'comida de verdade' se populariza, mas desperta controvérsia na periferia. Folha de S.Paulo, São Paulo, 21 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/comida/2021/10/expressao-comida-de-verdade-se-populariza-mas-desperta-controversia-na-periferia.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

43 MORAES, Acácio. Especialistas em câncer defendem taxa extra para alimentos ultraprocessados. Folha de S.Paulo, São Paulo, 28 set. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/09/especialistas-em-cancer-defendem-taxacao-extra-para-alimentos-ultraprocessados.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

sobrecarga feminina. Já o Joio perpassa a dimensão individual e cultural, ele se aprofunda no impacto que a coletividade e as políticas públicas têm no individual, na sustentabilidade; a comida é vista como um ato político que tem dimensões mais profundas e complexas e que impactam diretamente no consumo.

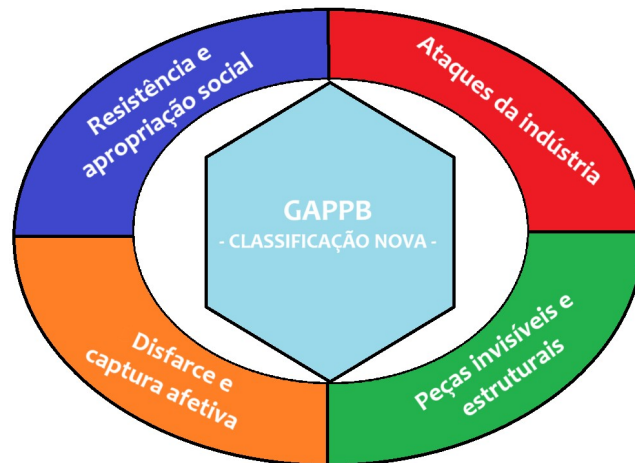
Por fim, a dimensão da soberania também ganha contornos distintos nos detalhes. Para o Joio, o Guia é o indutor de um projeto de sociedade que privilegia a biodiversidade e a agricultura familiar contra as monoculturas do agronegócio. Para a Folha, o prestígio reside na hegemonia da ciência brasileira, posicionando o país como exportador de conhecimento e vanguarda na saúde global. Assim, enquanto o site independente foca no Guia como uma ferramenta de sabotagem ao modelo mercadológico, o site tradicional o apresenta como um balizador ético e técnico capaz de reconfigurar políticas públicas e o próprio lugar social do alimento industrial, frequentemente comparado ao tabaco em termos de nocividade.

Contudo, não podemos deixar de elencar outro ponto de divergência na forma de cobertura dos dois jornais, principalmente durante o período de maior tensão sobre o Guia Alimentar: os anos Governo Bolsonaro. Enquanto o Joio e o Trigo se dedicou a cobrir o período com afinco e mostrar os embates, as disputas de poder, com um total de 40 matérias produzidas de 2019 a 2022, a Folha de S.Paulo produziu somente 18, conseguimos utilizar em nosso corpus empírico. Outro detalhe que saltou aos olhos durante a leitura, conforme pontuado na análise dos dados objetivos, é que o assunto sobre o ataque direto do MAPA ao Guia, pela Folha, aconteceu em somente uma matéria, pois os demais textos sobre o tema foram todos a partir de colunas de opinião e de cronistas do veículo, mostrando que houve uma possível tentativa de isenção por parte do jornal ao colocar as opiniões sobre a temática nas mãos de terceiros.

4.2.4 O GAPB e o Mosaico de Becker

A partir dos indícios da presença do GAPB no O Joio e o Trigo e na Folha de S.Paulo, foi possível organizarmos um mosaico, seguindo os conceitos de Howard Becker sobre a reconstrução de uma realidade social através das peças interdependentes e que nos mostram que a sociedade é um processo de ação coletiva:

Figura 10 – Mosaico de Becker



Fonte: Autora, 2026

A principal característica do mosaico construído é a compreensão de que o GAPB é o embate e epicentro de uma guerra de narrativas entre a saúde pública e o poder corporativo. Ou seja, ele é o centro da imagem, configurando a figura da ruptura de paradigma. A peça central se compõem de vários pedaços essenciais para a base dessa construção: a classificação NOVA, que é o alicerce científico e impulsiona a quebra do padrão anterior; a “regra de ouro”, que é a recomendação clara do Guia em priorizar alimentos in natura e evitar os ultraprocessados; e o apagamento do modelo de pirâmide alimentar, que evidencia a ruptura pedagógica e científica.

A segunda peça preponderante colhida foi a que nomeamos de “Ataques da indústria”, ou seja, as ações coordenadas ao longo da história do Guia, que tentaram descredibilizá-lo bem como vetá-lo em mais de um momento. Dentro desta grande peça, temos os seguintes pedaços: ataque institucional, que representam o lobby da indústria e todas as ações vindas de dentro do próprio governo; a captura da credibilidade, com as reações das instituições com caráter científico bem como o financiamento de pesquisas por parte da indústria, gerando conflito de interesses ao tentarem criar a dúvida científica sobre o manual; e o uso de citações de acadêmicos fora de contexto e comparações descabidas para defenderem os interesses da indústria.

A terceira grande peça é a de “Resistência e apropriação social”, que demonstra como o Guia funciona na prática e a sua defesa por parte da sociedade. Compondo essa peça temos: a defesa institucional e acadêmica, que enaltece o papel do CFN, das universidades públicas, dos estudantes e a defesa internacional de 33 cientistas renomados contra os ataques sofridos ao longo dos seus 10 anos, principalmente durante o governo Bolsonaro; o Guia como ferramenta jurídica e política, pois evidenciam o

acolhimento que o manual teve por entidades e serviu como base para políticas públicas e construção de instrumentos primordiais para a defesa do Direito Humano à Alimentação Adequada.

Ainda dentro da terceira peça, destacamos os seguintes pontos: a apropriação pelo público leigo, mostrando que o uso de termos provenientes do GAPB passaram a ser usados pela imprensa e pela população, indicando que os conceitos penetraram a consciência social; e o “descasque mais, desembale menos”, que elucidam como houve a transformação da norma técnica em sabedoria popular e comportamento individual.

Na quarta peça temos as “peças invisíveis e estruturais”, que revelam que a alimentação não é apenas uma escolha individual, mas é moldada pelas estruturas econômicas, geográficas e trabalhistas que o Guia expõe. Ao trazer orientações que vão além da escolha dos alimentos, mas perpassam a comensalidade, cultura e sustentabilidade, o Guia demonstra o abismo a ser preenchido entre a teoria e a prática. Compõem a peça: “pântanos e desertos alimentares”, pois as matérias demonstraram que onde há renda, há o alagamento de ultraprocessados (pântanos), e onde não há, faltam alimentos frescos (desertos), ou seja, as escolhas vão além dos hábitos individuais; o tempo como ingrediente, as mudanças de leis ao longo dos 10 anos do manual, principalmente a Reforma Trabalhista (Lei 13.467/2017), que atacam diretamente a diretriz do Guia de comer com regularidade e atenção, forçando a opção por ultraprocessados; e os preços e subsídios, que mostram que a seletividade fiscal com subsídios para ultraprocessados e apoio ao agronegócio de commodities tornam a comida de verdade mais cara e difícil de acessar, mesmo após a concepção da Nova Cesta Básica.

A quinta peça é de “disfarce e captura afetiva”, que mostra como a indústria tenta moldar a mensagem do Guia para garantir seu lucro. A indústria, seja no marketing direto ao consumidor ou patrocinando eventos científicos, tenta moldar a imagem dos seus produtos para que eles se encaixem, de alguma forma, na rotina da população, mesmo que seja algo contra a saúde pública.

A partir dos indícios encontrados nas matérias dos dois veículos e da construção deste mosaico, compreendemos que o Guia Alimentar para a População Brasileira surge como a peça que não encaixa no desenho de lucro da indústria, forçando todo o sistema social (governo, academia, mercado, trabalhadores) a redefinir suas relações e prioridades. Ele transforma o ato individual de comer em um ato de resistência política.

Reiteramos que, após a coleta e análise de todo material, desenvolvemos um compilado das relações, detalhando os principais sinais encontrados, realizando um esmiuçamento e a interpretação dos dados colhidos, utilizando, assim, as matérias como exemplo do que foi sendo descoberto. Seria impossível construirmos um material, no período a que se propõe a construção de uma dissertação de Mestrado, em que analisássemos cada uma das mais de 200 matérias, ainda considerando os objetivos deste trabalho e seus limites metodológicos e empíricos.

5 OS DEZ ANOS DE HISTÓRIA DO GAPB E A SUA RELAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL COM A POPULAÇÃO E A SAÚDE COLETIVA SOB O PRISMA DO JORNALISMO DIGITAL

Partindo da premissa que Ginzburg, Courtine e Becker propunham, navegando por entre os indícios, peças e construções encontradas ao longo da leitura e análise das matérias dos dois veículos selecionados, foi possível construirmos um arcabouço robusto para a escrita dos dois objetivos finais deste trabalho: a compreensão da relação histórico-cultural do Guia Alimentar com a população e a saúde pública sob a perspectiva do jornalismo online brasileiro e a reconstrução da história ao longo dos 10 anos de sua existência.

5.1 AS RELAÇÕES POR ALÉM DO QUE SE VÊ

No momento em que o governo se propôs lançar o Guia Alimentar para a População Brasileira a partir das concepções e derivadas da Classificação NOVA, inovadora no mundo, havia um risco eminente de não ser bem aceito ou, até mesmo, ser utilizado por pouco tempo e por poucos. Afinal, a segunda edição no qual nos debruçamos não era somente uma revisão da primeira, mas uma construção de novas formas de pensar a alimentação enquanto saúde pública e sociedade. Por mais que os estudos comesçassem a validar a importância da classificação dos alimentos pelo grau de processamento e os impactos do ato de se alimentar e nutrir nas epidemias silenciosas da DCNTS, que se instauravam com profundidade na saúde pública brasileira, o Guia era vanguardista e desafiava estruturas consolidadas tanto na economia quanto na política.

Portanto, após entendermos a presença do Guia no jornalismo tradicional quanto no independente e a forma como cada um atua na defesa ou não do manual, bem como a forma que essas informações chegam ao leitor, passaremos a esmiuçar essas relações histórico-culturais que se criaram.

Inicialmente, compreendemos que o Guia se mostrou como um rompedor de paradigma por além da ciência e da biologia, mas, também, cultural. Foi, a partir dele, que a comida saiu dos laboratórios e voltou às casas. As discussões voltaram a levar em consideração os contextos que envolvem o ato de comer. Ao trazer a importância da comensalidade, há o resgate da importância das relações sociais na hora de cada refeição bem como a importância das habilidades culinárias, da preservação da cultura.

Quando as recomendações enunciam que cozinhar faz parte de uma alimentação saudável e equilibrada, o Guia constrói a relação de resistência à lógica mercadológica. Comer é além dos nutrientes ou benefícios criados pela indústria para os alimentos ultraprocessados. Escolher o que comer de forma ativa e consciente é ir de encontro aos interesses do lobby, pois traz saúde e pertencimento.

Quando o Guia Alimentar rompe com o paradigma da pirâmide invertida e passa a ser o balizador do governo, ele valida a ciência brasileira, a hegemonia do pensamento crítico e científico produzido internamente e com recursos públicos. Suas relações são com a brasilidade e com o povo brasileiro, antes de tudo. Pensar no prato que estará nas mesas a partir da cultura alimentar, que já estava presente muito antes da ciência estudá-la e validá-la, e do que o país dispões de recursos naturais é defender os interesses da saúde pública, pois combate o nutricionismo e o marketing utilizado pelas grandes corporações que tentam vender como ideal o que lhe traz lucro, que financiam pesquisas que lhe tragam retorno.

Sociologicamente, o Guia humaniza o ato de comer e convida a população a pensar, pois ela passa a ter embasamento para questionar o que o marketing da indústria, as redes sociais e o mercado tentam impor através de termos científicos e elaborados. Comer, a partir da perspectiva trazida pelo GAPB, é levar em consideração as relações emocionais que o alimento carrega, muito além do seu valor estritamente nutricional e ter respaldo para enfrentar a cultura de cancelamento dos alimentos a partir da perspectiva do seu principal macronutriente ou das dietas restritivas.

O jornalismo online auxilia o Guia Alimentar a trazer luz às estratégias das grandes corporações para minimizarem a importância das diretrizes em saúde. Não foi uma única vez que a indústria tentou desqualificar ou vetar a atual versão do manual e, conforme as matérias elucidaram, o apoio das instituições governamentais, em muitos casos, foi utilizado para atender os interesses industriais e do agronegócio.

Ao financiar projetos e pesquisas, o setor privado tentou escantear ou desqualificar as políticas públicas feitas a partir do GAPB, o jornalismo agiu como vigia e mostrou à população os riscos de tais atitudes. Como aliadas da população na construção de uma relação transparente com o Guia, as matérias permitiram que fosse compreensível que o problema não é individual e restrito às escolhas do consumidor final, mas passa, também, pelo universo criado para os alimentos ultraprocessados e o ambiente que não oferece opções saudáveis, vide os desertos e pântanos alimentares.

O marketing do mercado de ultraprocessados e as políticas econômicas tendem a transformar as decisões que deveriam ser pautadas nas diretrizes do Guia como algo

inalcançável. Afinal, o marketing tenta trazer a imagem de um consumidor viciado em calorias vazias por causa das barreiras de acesso ao alimento saudável. Contudo, esses alimentos por eles vendidos trazem as soluções mágicas, pois seguem as tendências vigentes de consumo. O jornalismo, neste ponto, ao denunciar as artimanhas, facilita que a população e a saúde pública criem uma relação de apoio ao Guia Alimentar, pois mostram que é ele quem está ao lado das ações que tentam mitigar a explosão de casos de DCNTs em ambientes considerados facilitadores de hábitos ruins.

Além de diretrizes alimentares, o Guia Alimentar atua como ferramenta de justiça tributária e de combate ao racismo estrutural. Quando ele trata das questões de sustentabilidade, do direito à alimentação como ponto chave, apoia a agricultura familiar e serve como norteador da Nova Cesta Básica, trata também do enfrentamento ao racismo estrutural e à sistemática do direito à escolha alimentar das populações periféricas, negras e do Norte e Nordeste brasileiro. Há, também, a defesa da soberania dos povos indígenas. Quando se discute a inflação menor de alimentos ultraprocessados, do peso da alimentação nas camadas da população com a renda mais baixa, o Guia humaniza o acesso à alimentação saudável e entra como a base necessária para a discussão de políticas públicas que incentivem as feiras populares e hortas comunitárias.

Outra relação que marca o Guia Alimentar como um sentinela do direito à alimentação desde a primeira infância, por além da sua edição destinada aos menores de dois anos de idade, é a sua importância nas discussões sobre o ambiente escolar, desde a qualidade do que é oferecido até o que pode ser comercializado nas cantinas. É ele o porto seguro de informação técnica tanto para os cuidadores, que definem o que será consumido nos lares, como para os profissionais responsáveis pelas escolhas do que estará disponível na hora do intervalo. A escola, ao seguir as recomendações do Guia, acaba se tornando uma educadora do paladar e aliada das famílias, eximindo-os da culpa que a indústria tenta impor, seja por falta de tempo, seja por argumentos apelativos. A relação passa a ser didática, também, no ambiente escolar e, conseqüentemente, nas escolhas que moldarão os hábitos alimentares desde a primeira infância.

Portanto, que o Guia Alimentar para a População Brasileira, a partir da perspectiva percebida a partir do jornalismo online, acaba sendo técnica, de soberania, didática, afetiva e de resistência. Ele fornece informação, embasamento, letramento e senso crítico. Uma sociedade com conhecimento é menos manipulável pelo marketing da indústria e mais preparada para lutar pelos seus direitos. Uma população mais consciente e atuante nas escolhas que lhe tragam saúde é uma forte aliada da saúde pública.

Contudo, ao longo das análises, percebemos que o Guia Alimentar por si só não é capaz de concretizar mudanças estruturais que beneficiem de fato a população e nem a saúde pública. É necessário um maior esforço do governo. Notamos poucas matérias que resultaram dos esforços dos Ministérios em divulgar ações sobre o Guia, desde o seu lançamento até a reverberação dos seus 10 anos. O material encontrado foi majoritariamente oriundo das ações do Nupens/USP como espontâneas dos autores.

Vimos um esforço grande por parte do O joio e o trigo em tornar o GAPB como fonte primordial quando se tratava de matérias sobre alimentação e políticas públicas, defendendo e denunciando ações contrárias aos valores apresentados pelo manual, inclusive com lançamento de edital para financiar matérias exclusivamente sobre o Guia. Vimos a Folha de S.Paulo usar, mesmo que de forma mais tímida, as diretrizes como fonte, ligando os pesquisadores ao Guia, mesmo que em citações simples.

As relações histórico-culturais aqui percebidas foram muito mais geradas pelo esforço do jornalismo do que das entidades que deveriam se preocupar em divulgar o Guia Alimentar. As ações de educação percebidas foram muito mais espontâneas que reflexo de estímulos sistemáticos ou organizados do poder público. Portanto, as relações construídas são reflexo direto das relações que o jornalismo criou por si só com o manual técnico do Ministério da Saúde. Apesar dos interesses mercadológicos dos meios de comunicação, o GAPB não acabou no esquecimento muito mais pelo espaço que recebeu nas páginas dos sites do que pelos esforços dos seus idealizadores. Não obstante ele ainda não é de conhecimento da população e dos jornalistas num modo geral, mesmo seu conteúdo tendo viés didático.

Após a construção da relação histórico-cultural, elaboramos uma biografia, a partir das técnicas de biografia propostas por Lira Neto, em a “A arte da Biografia” (2022). O objetivo desta narrativa é mostrar tanto aos jornalistas, que abordam o tema alimentação, como aos órgãos responsáveis, que o Guia, por si só, tem sua história⁴⁴, a forma como ela está chegando à população e que cabe a eles a forma como ela será contada nos próximos anos ou, até mesmo, a necessidade de uma nova edição, pois

é preciso estar atento ao fato de que essa história ‘contada a quente’, ‘no calor da hora’, pelos jornais e jornalistas, não necessariamente corresponde ao ocorrido. Nunca será demais lembrar que, como qualquer outro tipo de documentação, os textos de imprensa não são fontes idôneas. Não existem documentos que não tenham sido produzidos a partir de determinado lugar de interesse. Por isso, tem que ser lidos e analisados com senso crítico. A produção da notícia está sujeita às contingências editoriais e às idiossincrasias do repórter. (Neto, 2002. p. 82)

44 NUPENS. Guia Alimentar para a População Brasileira. Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.fsp.usp.br/nupens/guia-alimentar-para-a-populacao-brasileira/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

5.2 GAPB, UMA BIOGRAFIA DE RESISTÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

A realidade humana sempre foi e segue sendo marcada pela dualidade. Mesmo aqueles que são concebidos para fazerem diferença na história acabam lidando com percalços, não sendo exatamente o que se esperava e, mais ainda, encontrando opositores que tentam o desvirtuar e o enfraquecer, doa a quem doer. No caso do Guia Alimentar para a População Brasileira (GAPB), essa biografia é de resistência e indissociável da sua trajetória midiática.

A resistência aqui não é apenas um ato político interno, mas uma construção de sentido operada pelo jornalismo online, aqui trazidos sob a perspectiva do jornalismo tradicional, representado pela Folha de S.Paulo, e do jornalismo independente, sob o ponto de vista de O Joio e o Trigo. O GAPB não é um objeto estático; ele ganha vida e contornos de herói ou escudo conforme o enquadramento que o traduz para a sociedade. Se a ciência produz o fato, é a narrativa jornalística que produz o valor social desse fato, funcionando como a ponte necessária entre a pesquisa científica e a mesa do cidadão.

Neste sentido, a biografia do manual se confunde com a própria evolução da comunicação em saúde no Brasil. O jornalismo não atuou meramente como um transmissor imparcial, mas como um mediador ativo que conferiu sentidos variados ao documento. Enquanto para alguns veículos o Guia representava a modernização do consumo doméstico e o padrão ouro da prestação de serviço, para outros ele se tornou um estandarte de soberania alimentar e um escudo ético contra o poder corporativo. Esta dualidade apresentada pelos jornalismos tradicional e independente é o que permitiu ao Guia sobreviver, ou seja, quando o Estado se omitiu em defendê-lo, a imprensa assumiu o papel de guardião da evidência, conferindo-lhe uma visibilidade que as instituições oficiais já não podiam garantir.

Quando falamos de marcadores sociais, a fome está presente desde que a humanidade existe, fosse por questões climáticas, acesso, desigualdades econômicas ou outros tantos fatores que foram moldando a percepção e a realidade da sociedade como um todo. Não diferente, o século XXI vem sendo marcado pelas desigualdades políticas e econômicas latentes e, no Brasil, tal cenário repete-se. Falar sobre fome num país com tamanha diversidade e território, marcado por oligarquias no poder, é tocar em uma ferida

que escancara a nossa falta de capacidade de olhar para o outro além de ignorar todas as mudanças sofridas no perfil epidemiológico do país.

Pensando em políticas públicas, foi principalmente no século XX que começamos a compreender que era preciso que o estado olhasse para a questão da nutrição da população. O país mudava e a população adoecia em virtude de uma urbanização acelerada e sem infraestrutura. Quanto mais as décadas foram passando e a economia se modificando, mais o alimento ganhava protagonismo na prevenção das doenças. Essa transição forçou uma mudança radical nos enquadramentos midiáticos de saúde. O jornalismo, sendo assim, migrou de uma cobertura baseada na carência e na fome para uma baseada nos riscos ligados aos hábitos alimentares e da falta de alimentação adequada⁴⁵. Nesse cenário, o Guia Alimentar para a População Brasileira, lançado em 2014, surge como o manual de instruções da nova vida urbana, e a mediação jornalística assume uma função normativa: o Guia é apresentado como o saber oficial que deve substituir o ruído das promessas publicitárias da indústria.

O jornalismo online brasileiro, ao pautar o Guia Alimentar, preenche o vácuo informativo estatal. Ao longo desta década, a imprensa transformou o Guia em uma ferramenta pedagógica que ensina o cidadão a exercer sua cidadania através do prato. Entretanto, essa mediação não é uniforme. Onde o jornalismo tradicional da Folha de S.Paulo enxerga um serviço ao consumidor urbano, o jornalismo independente de O Joio e O Trigo enxerga um ato de denúncia política. Esta pesquisa observa que a biografia do Guia é, portanto, uma biografia contada a duas vozes: uma que busca a harmonia das escolhas saudáveis e outra que denuncia a dissonância dos interesses econômicos.

A análise da trajetória do Guia revela que a imprensa não apenas noticiou o documento, mas o utilizou como um recurso de autoridade para reconfigurar o debate sobre o que é ser saudável dentro da realidade brasileira e dos rigores científicos. Antes do Guia, o jornalismo de saúde estava fragmentado em dicas de dietas passageiras. Após o Guia, a mediação jornalística ganha uma espinha dorsal científica robusta. O manual ofereceu aos jornalistas um vocabulário novo, permitindo que a notícia de alimentação deixasse de ser entretenimento de balança, de interesse de poucos, para se tornar pauta de saúde pública, elevando o nível de responsabilidade social das redações online diante da crise epidemiológica brasileira.

45 ESTEVAM, Talyta. Governo de SP muda merenda e aluno chega a ter almoço de arroz com farofa. Folha de S.Paulo, São Paulo, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/03/governo-de-sp-muda-merenda-e-aluno-chega-a-ter-almoco-de-arroz-com-farofa.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

Com o Sistema Único de Saúde (SUS) já criado, a partir dos anos 2000, o país passou a ver o aumento da obesidade e das doenças crônicas. O mundo e o país precisavam repensar a saúde e o peso da alimentação nas decisões. No ano de 2006, nasce a primeira versão do Guia Alimentar. Uma versão técnica e focada em nutrientes, de difícil compreensão. Para a imprensa daquela época, o Guia de 2006 era um documento de bastidor, árido e sem o carisma necessário para pautar o grande público. Faltava ao jornalismo uma chave de leitura que conectasse o nutriente ao sistema social. Esta lacuna só seria preenchida quando o jornalismo online encontrou na comida de verdade uma pauta que unia ciência e cultura, algo que somente a versão do Guia Alimentar de 2014 possibilitaria ao transformar o dado técnico em narrativa humana.

Em 2009, surge a Classificação NOVA, que mudou a forma de classificar os alimentos pelo seu grau de processamento. Esta inovação científica forneceu ao jornalismo uma nova gramática de denúncia. A NOVA permitiu que a narrativa jornalística saísse da abstração das vitaminas para a materialidade da produção. Se a Folha usou a NOVA para educar o consumidor, com foco na escolha individual, o jornalismo independente a utilizou para desconstruir o discurso industrial, com o foco no sistema político. Esta clivagem analítica permitiu ao Guia ocupar diferentes territórios no imaginário midiático nacional, funcionando como o verificador de fatos definitivo contra o marketing corporativo.

A importância da NOVA para o jornalismo foi tamanha que ela permitiu o nascimento de uma nova editoria que nomearemos como o jornalismo de investigação alimentar, que posteriormente daria origem ao site O Joio e o Trigo. Antes dessa classificação, o jornalista tinha dificuldades em criticar um produto que tinha vitaminas, mas era ultraprocessado. A partir das premissas baseadas na NOVA, o jornalismo ganhou o direito de criticar, fundamentado no grau de processamento.

Eis que, em 2014, nascia o personagem principal desta narrativa: a atual versão do Guia Alimentar para a População Brasileira (Ministério da Saúde, 2014).

Desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens), a pedido do Ministério da Saúde e com apoio da Organização Pan Americana da Saúde (Opas/Brasil), o manual não veio ao mundo para ser dócil. Baseado na NOVA, antes mesmo de nascer, já enfrentava o lobby industrial. Na sua certidão de nascimento constava não somente o registro de manual de saúde, mas também de manifesto político.

O registro desse nascimento na Folha de S.Paulo, em novembro de 2014, já apontava para o Guia como uma diretriz de vanguarda. Contudo, o subtexto de resistência política só ganharia um registro sistemático com a fundação do site O Joio e O Trigo, em 2017. O jornalismo independente assumiu a função de biógrafo das sombras, revelando as pressões que a grande imprensa, por vezes, preferiu não enfatizar para evitar confrontos diretos com anunciantes.

De antemão, é preciso compreender que, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), os guias alimentares reúnem evidências para estruturar políticas públicas. No Brasil, o desafio do jornalismo era justamente traduzir essas evidências para uma população diversa, em um cenário no qual a publicidade de alimentos ultraprocessados começava a dominar os espaços mediáticos. O jornalismo online brasileiro atuou como um tradutor cultural dessas diretrizes. Ao nacionalizar o Guia, veículos como a Folha não estavam apenas falando de saúde, mas de identidade nacional. Esse movimento da imprensa conferiu ao Guia um prestígio social que o blindou, criando uma aura de autoridade que dificultou os primeiros ataques da indústria, que percebe o latente perigo para os interesses mercadológicos ao ser um manual que era, simultaneamente, ciência respeitada e cultura popular.

O Guia destacou-se por considerar aspectos sociais, culturais e a sustentabilidade, introduzindo o conceito de comensalidade. Para a narrativa jornalística de serviço, a comensalidade foi o ponto de entrada para humanizar a notícia. A Folha explorou o comer junto como pauta de bem-estar. Já para o jornalismo independente, a comensalidade era um ato de resistência política contra a comida de plástico. Nas sutilezas desta pesquisa, percebe-se que o jornalismo de O Joio e O Trigo politizou o prato, enquanto a Folha o sofisticou. No entanto, ambos os veículos convergiram em um ponto essencial: o Guia era a única âncora de verdade científica capaz de salvar o leitor do deserto informativo provocado pela publicidade industrial.

Ao analisar as sutilezas da presença do GAPB no jornalismo online, percebemos que o jornalismo tradicional operou sob a lógica do agendamento positivo. Ao colocar o Guia em destaque, veículos como a Folha forçaram o leitor a confrontar seus hábitos à luz de uma nova norma estatal. Não se tratava apenas de informar, mas de validar o Guia como o consenso científico intransponível. Essa chancela inicial foi o que permitiu que o Guia deixasse de ser um livreto técnico de circulação restrita para se tornar um objeto de desejo e discussão nas colunas de gastronomia e saúde, garantindo-lhe uma vida pública que o Estado, sozinho, dificilmente alcançaria.

Enquanto o Guia trazia luz às discussões, a indústria de alimentos trouxe para o mercado uma ampla variedade de novos produtos, impactando os quadros epidemiológicos. Nesse ponto, a Folha de S.Paulo iniciou uma cobertura que pode ser lida como a institucionalização do cuidado doméstico. Através de páginas dentro da própria Folha como a "In Natura", o jornalismo tradicional utilizou o manual como o padrão-ouro informativo. A sutileza desse enquadramento reside na humanização da regra: o jornal conectou as diretrizes a figuras de autoridade cultural, transmutando a norma do Ministério da Saúde em um estilo de vida sofisticado e seguro, transformando o ato de evitar industrializados em uma forma de distinção social e inteligência prática.

Nascido com a marca de resistência, o Guia precisou ser uma fortaleza. Apesar da distribuição nas UBS, a capilaridade era dificultada pelo confronto com a indústria. É nesse cenário que O Joio e O Trigo, a partir de 2017, assume o papel de vigilante mediático. Diferente da Folha, que tratava o Guia como uma autoridade técnica estável, O Joio introduziu o enquadramento da vigilância investigativa. O veículo passou a expor as táticas de marketing e o lobby. O Guia tornou-se, na pena do jornalismo independente, o escudo ético e cada ataque ao manual era narrado como uma agressão à ciência nacional, mobilizando uma comunidade online que passou a ver o Guia como um patrimônio a ser defendido. Portanto, o GAPB não foi apenas uma fonte, foi o alicerce que deu coragem editorial para que veículos independentes pudessem nomear o inimigo da saúde pública, retirando o véu de saudável que a indústria impunha às suas formulações químicas.

Esse jornalismo de vigilância realizado pelo O Joio e O Trigo trouxe para a biografia do Guia uma camada de conflito épico. A narrativa jornalística deixou de ser apenas sobre saúde e passou a ser sobre poder. Ao denunciar a captura corporativa das instituições, o Joio transformou o Guia em um símbolo de integridade. Essa postura forçou outros veículos a também olharem para os conflitos de interesse, mudando o patamar do jornalismo de saúde no Brasil, que passou a ser mais crítico e menos dependente de releases oficiais, usando o Guia como o detector de mentiras contra os argumentos industriais.

Principalmente, entre os anos de 2017 e 2019, o Guia não era mais somente um livro de saúde, mas um escudo ético. Foi a partir dele e de sua consolidação nacional e internacional que os nutricionistas passaram a ser educados pelo seu conteúdo, exigindo uma reforma ética da categoria. A prova da sua importância foi o nascimento do seu irmão

mais novo: Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos (Ministério da Saúde, 2019), que passou a proteger a infância brasileira.

Tudo caminhava, entre trancos e barrancos, bem com a utilização do Guia pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), para justificar a restrição da compra e oferta de alimentos ultraprocessados nas escolas; servindo de base teórica para as ações obrigatórias, nas escolas, em Educação Alimentar e Nutricional (EAN); estabeleceu-se que a aquisição de alimentos naturais deveria ser priorizada localmente, fortalecendo a agricultura família; as políticas de EAN no SUS foram desenvolvidas, a partir da parceria entre Ministério da Saúde e Nupens, para criar protocolos de apoio aos profissionais de saúde a orientar a população como usar o Guia; e a criação do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PLANSAN), que estabeleceu as diretrizes do manual como forma de garantir o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA). A regra de ouro “prefira sempre alimentos in natura ou minimamente processados e preparações culinárias a alimentos ultraprocessados” ganhava as ruas e era o fio condutor das ações federais.

Mas, como num piscar de olhos, o cenário foi drasticamente modificado: mudanças seguidas de presidente, em um curto espaço de tempo. O governo da presidenta Dilma Roussef foi substituído, após o processo de impeachment, pelo do presidente Michel Temer. E, em seguida, com as novas eleições, foi a vez do presidente Jair Bolsonaro assumir. Mudanças que afetaram não só todas as dinâmicas políticas, mas diretamente as ações federais relacionadas à alimentação e ao combate da fome.

Em seu primeiro dia de mandato, Jair Bolsonaro extinguiu, através da Medida Provisória nº 870, o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), interrompendo políticas de segurança alimentar e nutricional e o órgão que era um importante canal de diálogo com a sociedade civil para o combate à fome. Se o Guia Alimentar já havia enfrentado dificuldades, nada se compararia aos anos seguintes, afinal, ele estava órfão da sua principal rede de proteção social.

Nesse período de silenciamento estatal, o papel do jornalismo tornou-se existencial. Com o desmonte das redes de proteção, a imprensa independente passou a ser a única casa do manual. A narrativa deixou de ser apenas informativa para ser preservacionista, pois o jornalismo lutou para manter a autoridade do Guia viva enquanto as estruturas oficiais tentavam apagá-lo. O manual sobreviveu à orfandade política com a guarda da imprensa que não permitiu que ele se tornasse um documento morto,

mantendo o engajamento social através de matérias que lembravam a importância da comida de verdade em tempos de crise.

Em 2020, o impensável se tornou realidade e o mundo entrou numa verdadeira suspensão com a pandemia da Covid-19. Enquanto os brasileiros precisaram ficar em casa, um cenário tenebroso se desenhava nos hospitais com a explosão de casos e óbitos. As medidas sanitárias tomadas pelo governo federal eram simplórias e incompatíveis com a realidade e os estados tentavam mitigar, dentro das suas possibilidades, os estragos. Com o avançar dos casos, a realidade implacável era que quanto mais doenças crônicas ou agravos o paciente tivesse, mais graves eram os casos e maior a probabilidade de óbito. Ou seja, um corpo saudável e bem alimentado era primordial.

Em meio ao caos gerado pela pandemia, o Guia Alimentar ganhou voz, principalmente nas redes sociais, pois ele era a voz sensata que lembrava que o corpo precisa de comida de verdade. Mas como se manter bem alimentado quando se estava no meio de uma pandemia, do aumento das taxas de desemprego e de um governo que não tomava medidas suficientes para manter as pessoas vivendo com o mínimo de dignidade? A sociedade civil precisou se mobilizar, da forma que foi possível, para diminuir as desigualdades, através de campanhas virtuais de doação, mas não era possível substituir o papel primordial do governo federal.

Já, em 2022, o Guia enfrentou o seu pior momento: um golpe interno através do Ministério da Agricultura (MAPA), que classificou as recomendações como cômicas. Sendo assim, foi um período marcado pela distinção mais profunda entre os perfis jornalísticos. A Folha de S.Paulo registrou o ataque sob a ótica do conflito institucional, não falando diretamente em suas matérias, mas deixando a cargo dos seus colunistas, podendo se blindar de eventuais queixas do governo. Já O Joio e O Trigo realizou uma cobertura investigativa, revelando como o lobby industrial estava ditando o texto do MAPA. Enquanto o jornalismo tradicional observava o jogo político, o jornalismo independente denunciava os autores intelectuais da sabotagem. O Guia, sob esse ataque, tornou-se o herói da narrativa jornalística, e a imprensa agiu como seu advogado de defesa perante a opinião pública.

A reação midiática à nota do MAPA foi um divisor de águas na visibilidade do Guia. Ao expor a vacuidade técnica dos argumentos do Ministério da Agricultura, o jornalismo

online, especialmente as análises de O Joio e Trigo, provocou uma onda de indignação que furou a bolha acadêmica. A biografia do Guia ganha aqui um capítulo de superação: a tentativa de silenciamento resultou em um efeito rebote, no qual o Guia nunca foi tão citado, defendido e procurado. A narrativa jornalística transformou um ataque governamental em um selo de qualidade inquestionável, pois se o governo tentava esconder o Guia, é porque ele de fato protegia o povo e a saúde pública contra interesses poderosos.

A ciência precisava prevalecer e pesquisadores de Harvard e Oxford levantaram-se em defesa do Guia Brasileiro. O papel da imprensa aqui foi o de caixa de ressonância da autoridade global. Ao noticiar que o mundo admirava o Guia, o jornalismo nacional criou um custo político insustentável para o governo. O manual deixou de ser um livreto nacional para ser o farol da nutrição mundial. Essa consagração externa, mediada pelo jornalismo online, agiu como uma vacina reputacional, elevando o Guia a um patamar de proteção onde nenhum lobby local poderia mais atingi-lo sem enfrentar o escrutínio da comunidade científica e midiática internacional. Enquanto a nota ficava no discurso, os defensores agiam com fatos concretos.

Sobreviver virou a palavra de ordem não só do Guia Alimentar, mas como da própria população em meio à pandemia e seus efeitos e ao então governo. E foi através da ciência e das evidências dos estudos publicados, que a vacina trouxe uma luz ao caos das mortes, enquanto o país visitava, novamente, o Mapa da Fome (desde o lançamento do Guia Alimentar até o ano de 2021, segundo a FAO, o Brasil tinha conseguido sair do cenário que identifica países onde mais de 2,5% da população sofre de subalimentação crônica). Não bastasse a crise sanitária, o país enfrentou uma crise financeira, política, ideológica e de retrocessos na área da nutrição.

Contudo, após as eleições de 2022, o país passou a ser governado, pela terceira vez, pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, que em seu primeiro ato de governo restituiu o CONSEA, e no qual o Guia atingiu a institucionalização máxima. Ele amadureceu para se tornar a coluna vertebral de decretos e da Reforma Tributária. Nas notícias coletadas após este período, como as da Folha sobre ultraprocessados e saúde mental, o Guia não é mais apenas uma fonte, mas sim o sentido final da informação. Matérias, tanto do jornalismo tradicional quanto do independente, utilizam o manual para conferir uma legitimidade inquestionável aos achados, reafirmando o manual como o padrão-ouro que encerra o debate. A narrativa jornalística consolidou o Guia como a verdade institucional

definitiva, transformando-o de uma proposta científica em uma norma social e moral que agora pauta as leis e os impostos.

Ao observarmos os últimos indícios desta biografia a partir da narrativa jornalística, percebe-se que o jornalismo atual já não discute se o Guia está certo, mas sim como aplicar suas diretrizes de forma universal. A narrativa da Folha, por exemplo, agora se concentra em validar novas pesquisas científicas sob o guarda-chuva do Guia, enquanto O Joio e O Trigo foca na implementação política das recomendações. O Guia venceu a guerra das narrativas, sendo a lei natural da nutrição brasileira no espaço jornalístico, um porto seguro para jornalistas que precisam de rigor institucional para enfrentar a desinformação alimentar crescente.

Ao completar 10 anos, o GAPB provou ser uma obra aberta que sobreviveu ao desmonte. Ele deixou de ser um manual de nutrição para ser um instrumento de justiça fiscal e soberania. De um manual idealista, ele se confirmou como um estadista, pois ele foi a voz ouvida para pautar a Reforma Tributária e o Imposto Seletivo bem como a criação da Nova Cesta Básica; tornou-se lei na esfera municipal ao expulsar ultraprocessados de editais públicos de merenda escolar; passou a ser traduzido para línguas indígenas, ilustrado por adolescentes de comunidades quilombolas e tornou-se a ferramenta de resistência de movimentos como o MST e a Agência Solano Trindade; foi base das políticas públicas que ajudaram o país sair novamente do Mapa da Fome, em 2025; e virou a base do estudo de coorte Nutrinet1, conduzido pelo Nupens/USP, que acompanha os hábitos alimentares de brasileiros por 10 anos (iniciado em 2020) para investigar a relação entre a dieta e o risco de doenças crônicas como obesidade, diabetes e câncer.

A sutileza final desta biografia revela que o jornalismo brasileiro atuou em duas frentes complementares: a Folha de S.Paulo o validou como norma de comportamento seguro e inteligente, enquanto O Joio e O Trigo o defendeu como trincheira política necessária. Ambas as coberturas funcionaram como pulmões que permitiram ao Guia respirar em tempos de asfixia política, consolidando-o como uma tecnologia social viva que previu a crise metabólica mundial e ofereceu o antídoto em tempo hábil.

Mesmo sendo pioneiro, o GAPB enfrenta desafios de capilaridade. Sua história exige que o jornalismo continue vigilante. O desafio da próxima década é garantir que o protagonismo do Guia na mídia se transforme em soberania real no prato de todos os

brasileiros. O papel da imprensa continuará sendo crucial, seja através da sofisticação do serviço ou da dureza da investigação, o jornalismo permanecerá sendo o biógrafo necessário para garantir que a comida de verdade deixe de ser um privilégio informativo para ser o direito de nascimento de cada brasileiro, superando as barreiras da desigualdade que a imprensa tão bem ajudou a denunciar e que o Guia, em sua biografia de resistência, sempre buscou combater.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos debruçarmos sobre vasto material e no período a que se destina uma dissertação de Mestrado, ficou evidente que precisaríamos fazer escolhas e que nem tudo teria como ser analisado. Para tanto, ao ouvirmos o objeto, lermos atentamente cada matéria e nos aprofundarmos em teorias que nos respaldassem e dessem gabarito para nos apropriarmos do que fomos encontrando, foi ficando evidente que estávamos diante de um material rico e com visões e caminhos muito distintos nos dois veículos.

Conforme Ginzburg, Courtine e Becker foram nos auxiliando com suas metodologias, ao reunirmos o emaranhado de sinais, indícios, peças foi possível reconstruirmos a história do Guia Alimentar na perspectiva do jornalismo online, mas, mais que isso, foi possível compreendermos o recorte da sociedade e as suas mudanças ao longo dos 10 anos de existência do Guia além do cenário pré concepção. Foi tangível entendermos os caminhos que precisam ainda serem percorridos pelo Governo Federal e, mais ainda, o esforço que é preciso existir do próprio jornalismo enquanto seu papel social e de defesa dos direitos da população, com melhor preparo de seus profissionais.

Apesar de compreendermos que os dois sites podem ser complementares em seus pontos de vista, percebemos claramente a diferença de linha editorial a que se propõe um site de jornalismo tradicional e um de jornalismo independente. O tom das matérias, os sinais evidentes e nas sublinhas mostraram que uma das nossas primeiras hipóteses, de fato, tinha fundamento. A linha editorial e o formato do jornalismo tradicional x independente trouxeram visões e relações diferentes do GAPB com a população e, principalmente, com a saúde pública.

Quando a Folha de S.Paulo evita maiores embates com as relações de poder e foca mais no nutriente, nas recomendações que se pautam na escolha individual, apesar de entender que o Guia é também uma forma de política pública e o coletivo está envolvido, ela se designa a mostrar o manual como uma ferramenta e que o seu uso como fonte está sim respaldando cientificamente suas matérias, mas não o coloca no olho do furacão das discussões sobre alimentação e direitos da população. O Guia para a Folha é fonte, mas além disso, é uma credencial para identificar as fontes que falam e tem voz nas suas publicações. Todavia, ela, sim, faz um bom trabalho em colocar o GAPB como fonte para compreensão da necessidade da diminuição do consumo de alimentos ultraprocessados e como as escolhas afetam a saúde, impactando na possível escolha que afeta os números da saúde coletiva.

Já O Joio e o Trigo se mostra como um defensor político e econômico do Guia Alimentar, que o usa como fonte primária de informação quando os assuntos são os alimentos ultraprocessados, indústria alimentar, agronegócio e saúde coletiva. O Guia não só é defendido, mas como usado para mostrar os melindres por trás das discussões e decisões políticas no país, por além do que se trata efetivamente sobre o Guia. Há o tom de denúncia esperado pelo jornalismo independente e a compreensão que o direito à alimentação está sempre em risco e precisa ser defendido constantemente em detrimento dos interesses do mercado. O tom é muito mais social e coletivo.

Ao compreendermos o uso do GAPB como fonte do jornalismo online brasileiro percebemos que ele é sim utilizado. Contudo, notamos que há muito o uso das mesmas partes, como se não houvesse um grande aprofundamento de sua leitura, principalmente quando se ultrapassa o uso dos termos fincados pela Classificação NOVA. Nas matérias, apesar de sua presença de certa forma constante, podemos perceber diferenças no seu uso e aprofundamento nos dois veículos. Na Folha de S.Paulo ele é a referência para definir as classificações dos alimentos, ele é a base para matérias que ensinam o leitor a fazer escolhas, mas o número grande de jornalistas que as escrevem podem evidenciar o problema de tempo para se aprofundar sobre uma temática que esteja sendo pautada, usando a fonte da forma mais óbvia e esperada. Em contrapartida, no O Joio foi possível perceber um maior aprofundamento no conhecimento do seu conteúdo principalmente no tocante aos conceitos mais ligados ao coletivo e à sustentabilidade e defesa das culturas alimentares – destacando que o fato de ser um veículo com temática mais específica sobre alimentação permitiria e exigiria um maior aprofundamento no assunto. O Joio não só utiliza o Guia, mas trabalha por sua divulgação inclusive com editais de fomento a produção de matérias sobre o tema.

Outro ponto que compreendemos foi que houve espaço para críticas ao GAPB. Contudo, ao longo dos dez anos, os dois sites estiveram mais ao lado do manual e demonstraram os ataques e críticas que o Guia foi sofrendo, mesmo que de formas diferentes. Enquanto O Joio foi defensor ferrenho do manual, a Folha trouxe os momentos que as críticas se aprofundaram, mas dando prioridade às matérias de opinião muito mais do que pelo próprio veículo. Apesar do Guia ter suas falhas, conforme pontuamos anteriormente, ele tem no jornalismo brasileiro sua importância reconhecida e utilizada como referência para a população.

Por fim, após cumprirmos todos os objetivos propostos e elucidarmos as hipóteses levantadas, podemos compreender que os sites fazem trabalhos complementares sobre o Guia Alimentar para a População Brasileira, evidenciando bem suas linhas editoriais e são

eles quem mantêm a pauta do manual ativa (principalmente o jornalismo independente), pois poucas foram as matérias que foram provocadas pelos próprios órgãos do Governo, independente do presidente que estivesse a frente do poder.

A importância do jornalismo online na história do Guia Alimentar é indiscutível e molda as relações histórico-culturais, mesmo não sendo a base fundamental para a construção do repertório do cidadão no tocante à alimentação, mas uma fonte que o assegura ter informação coerente com o que preconiza o manual oficial. Contudo, faz-se necessário o discernimento de compreender que cada veículo tem seu apelo e interesse, seja de denúncia, seja mercadológico. Há, portanto, um viés a ser elucidado, mas que faz com que mais formas de informação cheguem ao leitor.

Destacamos que é preciso um maior preparo e leitura do Guia Alimentar para que as informações que estão nele sejam mais bem utilizadas, indo além da classificação que o consagra, mas os demais capítulos, a forma como a comensalidade, a sustentabilidade, a preservação da cultura alimentar, a forma de se pensar o ato de comer e o que colocar no prato sejam mais bem utilizados. Apesar da quantidade considerável de matérias, falta profundidade nos tópicos mais práticos das recomendações do manual. Afinal, o GAPB vai muito além de ser um resultado da Classificação NOVA. Cabe o questionamento, aqui, se por falta de preparo dos profissionais, por recomendação da linha editorial, por falta de conhecimento nos preceitos básicos do jornalismo de saúde, falta de esforço pelos órgãos que são responsáveis pelo Guia ou por subestimar a capacidade de leitura da população?

Reiteramos a importância do O Joio e o Trigo, que mesmo tendo o lapso temporal de produção de conteúdo, pautou muitas vezes a dinâmica do jornalismo impresso no tocante à alimentação, principalmente nos momentos de denúncia e de defesa das diretrizes do Guia Alimentar. Fato este que se confirma pela própria Folha de S.Paulo que, ao produzir um material de vídeo sobre os 10 anos do GAPB, utilizou o próprio Joio como fonte e referência⁴⁶.

Portanto, finalizamos salientando a importância de um melhor preparo dos profissionais do jornalismo para lidar com o jornalismo científico, de saúde e de se apropriarem dos materiais técnicos do Governo Federal, como o Guia Alimentar. Contudo, compreendemos que é preciso um maior esforço por parte dos Ministérios em divulgar e tornar política pública alcançável a todos os seus manuais destinados a isso.

46 ENTENDA o que são os alimentos ultraprocessados. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ORg-omqo0hs>. Acesso em: 12 ago. 2025.

O Guia Alimentar para a População Brasileira completou 10 anos sendo fonte e referencial científico para o jornalismo online brasileiro. Contudo, há um longo caminho pela frente para que o seu conteúdo, pelo que foi elucidado ao longo deste trabalho, para que de fato seja uma peça comum do cotidiano da população e, assim, auxilie nas melhoras dos índices de saúde pública bem como se torne ferramenta que auxilie na cobrança das melhorias necessárias no âmbito do alcance, da oferta e da qualidade dos alimentos oferecidos à toda população.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. **Conectados, indústria e setor financeiro usam discursos e ações de fachada para vender responsabilidade ambiental**. O Joio e o Trigo, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2021/11/conectados-industria-e-setor-financeiro-usam-discursos-acoes-de-fachada-para-vender-responsabilidade-ambiental/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

ALVES, G. **Ministério da Agricultura desqualifica em nota guia que orienta escolha de alimentos saudáveis**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 17 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/ministerio-da-agricultura-desqualifica-em-nota-guia-que-orienta-escolha-de-alimentos-saudaveis.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

ALVES, G. **Quanto maior o consumo de ultraprocessados, maior o risco de morte precoce, diz estudo**. Folha de S.Paulo, 1 jun. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2025/06/quanto-maior-o-consumo-de-ultraprocessados-maior-o-risco-de-morte-precoce-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2026.

AQUINO, J. R. de; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. Dualismo no campo e desigualdades internas na agricultura familiar brasileira. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, [s. l.], v. 56, n. 1, p. 123-142, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2018.v56n1p123>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BAIRD, M. F. O lobby na regulação da publicidade de alimentos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Revista de Sociologia e Política**, [s. l.], v. 24, n. 57, p. 67-91, mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/y9dLdpfTPL5brNmvT5hHTNh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Tradução: Marcelo de Abreu Almeida. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa).

BECKER, H. S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BERGER, C. A pesquisa em Comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (org.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 119-144.

BONFIM, M. **A dúvida relação entre a ciência e a indústria de alimentos**. Folha de S.Paulo, 2 maio 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/ciencia-fundamental/2024/05/a-dubia-relacao-entre-a-ciencia-e-a-industria-de-alimentos.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 73-87, abr. 2008.

BRASIL. Agência Gov. **Decreto regulamenta nova composição da cesta básica**. Brasília: EBC, 2024. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202403/decreto-regulamenta-nova-composicao-da-cesta-basica>. Acesso em: 4 out. 2024.

BRASIL. Atos do Poder Executivo. **Decreto nº 11.936**, de 5 de março de 2024. Brasília: Atos do Poder Executivo. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-11.936-de-5-de-marco-de-2024-546760941>. Acesso em: 27 jun. 2024.

BRASIL. Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional. **Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional: PLANSAN 2016-2019**. Brasília, DF: CAISAN, 2016.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Emenda Constitucional nº 64, de 4 de fevereiro de 2010**. Altera o art. 6º da Constituição Federal, para introduzir a alimentação como direito social. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Plataforma Sucupira**: Observatório de Teses e Dissertações. Brasília, DF: CAPES, [2026]. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/observatorio/teses-e-dissertacoes>. Acesso em: 29 abr. 2026.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Resolução nº 6, de 8 de maio de 2020**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Brasília, DF: FNDE, 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica. Brasília, DF: Presidência da República, 2009.

BRASIL. [Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017]. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) [...], a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 154, n. 134, p. 1-20, 14 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012.

BRASIL. Ministério da Fazenda. **Regulamentação da Reforma Tributária**. Brasília: Ministério da Fazenda, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/reforma-tributaria/regulamentacao-da-reforma-tributaria/lei-geral-do-ibs-da-cbs-e-do-imposto-seletivo/Lei-Geral-do-IBS-da-CBS-e-do-Imposto-Seletivo>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A vigilância, o controle e a prevenção das doenças crônicas não transmissíveis: DCNT no contexto do Sistema Único de Saúde brasileiro**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Carta dos direitos dos usuários da saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes operacionais dos Pactos pela Vida, em Defesa do SUS e de Gestão**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. (Série Pactos pela Saúde 2006, v. 1).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Recursos Terapêuticos**. Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics/recursos-terapeuticos>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASIL. [Presidência da República]. **Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006**. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada, e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111346.htm. Acesso em: 30 abr. 2026.

BRASIL. [Presidência da República]. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília, DF: Secom, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/pesquisa-brasileira-de-midia/pbm-2014.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2026.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **A trajetória do programa que tirou o Brasil do mapa da fome**. [S. l.]: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/a-trajetoria-do-programa-que-tirou-o-brasil-do-mapa-da-fome>. Acesso em: 6 jul. 2025

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília : Secom, 2016.

BUENO, W. C. Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma trajetória. In: PORTO, C. M. (org.). **Difusão e cultura científica**: alguns recortes. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-20. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10332>.

BONIN, G.; LUIZ, G. **Importante para a permanência dos alunos, veja como funciona a merenda escolar no Brasil**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 28 out. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/10/importante-para-a-permanencia-dos-alunos-veja-como-funciona-a-merenda-escolar-no-brasil.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

BOURDIEU, P.. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Zouk, 2007. (Original em francês publicado em 1979).

CAMARNEIRO, J. M.; RODRIGUES, M. B.; MARTINS, C. M. **Assistência nutricional na obesidade e doenças cardiovasculares**. Londrina: Educacional S.A., 2018.

CASADEVALL, A. *et al.* Rigorous science: a how-to guide. **mBio**, [s. l.], v. 7, n. 6, p. e01902-16, 2016. Disponível em: <https://journals.asm.org/doi/10.1128/mbio.01902-16>. Acesso em: 2 set. 2024.

COMPÓS. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **GT Comunicação da Ciência e Políticas Científicas**. [S. l.]: Compós, [2025]. Disponível em: <https://compos.org.br/gt/comunicacao-da-ciencia-e-politicas-cientificas/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

CARVALHO, C. R. de; BRONSKY, M. Jornalismo de novo tipo: uma análise do jornalismo independente e das redes de ativismo. **Intexto**, Porto Alegre, n. 39, p. 191-209, maio/ago. 2017. COURTINE, J.-J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

DAEMON, F. *et al.* (org.). **Vozes do jornalismo brasileiro**: história, memórias e trajetórias. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Os estudos culturais. In: HOHLFELDT, A. *et al.* (org.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 151-177.

ENTENDA o que são os alimentos ultraprocessados. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ORg-omqo0hs>. Acesso em: 12 ago. 2025.

ESTEVAM, T. **Governo de SP muda merenda e aluno chega a ter almoço de arroz com farofa**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/03/governo-de-sp-muda-merenda-e-aluno-chega-a-ter-almoco-de-arroz-com-farofa.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

FAO. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. **FAO no Brasil**: Brasil em resumo. [Brasília, DF], [2026]. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/fao-no-brasil/brasil-em-resumo/pt/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FAO; IFAD; UNICEF; WFP; WHO. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2025**: building resilience for food security and nutrition. Rome: FAO, 2025.

EDITORA ELEFANTE. **O Joio e o Trigo**: acervo de livros. São Paulo: Editora Elefante, [202-?]. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/categoria-produto/livro-da-elefante/o-joio-e-o-trigo/>. Acesso em: 30 abr. 2026.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FOLHA DE S.PAULO. **Conheça o Grupo Folha**. São Paulo: Folha de S.Paulo, [202-?]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml. Acesso em: 7 jul. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual da Folha**: introdução. São Paulo: Folha de S.Paulo, [202-?]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_introducao.htm

FOLHA DE S.PAULO. **História da Folha**. São Paulo: Folha de S.Paulo, [202-?]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml. Acesso em: 30 abr. 2026.

FOLHA DE S.PAULO. **Projeto Editorial da Folha de S.Paulo**: introdução. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2017. Disponível em: <https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/introducao.shtml>. Acesso em: 7 jul. 2025.

FORTES, L. B. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadasesexualidade.pdf. Acesso em: 6 jul. 2025.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUIMARÃES, J. et al. Um modelo de análise do discurso noticioso em saúde. In: RAMOS, N. et al. (orgs.). **Comunicação e Saúde**: perspectivas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 105-125.

HARCUP, T. **A dictionary of journalism**. Londres, England: Oxford University Press, 2014.

IBICT. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**. Brasília, DF: IBICT, [202-?]. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/>. Acesso em: 30 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR (IDEC). **Entre desertos e pântanos**: quando a geografia urbana é um obstáculo para a alimentação saudável. São Paulo: Idec, 2019. Disponível em: https://alimentandopoliticas.org.br/wp-content/uploads/2019/05/idec-urban-food-sources-fact-sheet_a4-site.pdf. Acesso em: 30 abr. 2026.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, [2025]. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **As mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, [2024]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/22052-as-mulheres-do-brasil.html>. Acesso em: 29 mar. 2026.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102197>.

Acesso em: 29 mar. 2026.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: PNAD Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, [2026]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 29 abr. 2026.

INTERCOM. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente**. São Paulo: Intercom, [2025]. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/gps1/gp-comunicacao-ciencia-meio-ambiente-e-sociedade/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

IPCC. Summary for Policymakers. In: LEE, H.; ROMERO, J. (eds.). **Climate Change 2023**: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Geneva, Switzerland: IPCC, 2023. p. 1-34. DOI: 10.59327/IPCC/AR6-9789291691647.001.

IWASAWA, N. **Conflito de interesses distorce discussão sobre ultraprocessados à base de soja**. O Joio e o Trigo, 18 maio 2022. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2022/05/conflito-de-interesses-distorce-discussao-sobre-ultraprocessados-a-base-de-soja/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

IWASAWA, N. **Unidos de coração: comida e amor (de verdade) na Paraíba**. O Joio e o Trigo, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2020/07/unidos-de-coracao-distribuicao-de-comida-e-amor-na-paraiba/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORNAL DA USP. **Brasil é o segundo país que passa mais tempo em frente às telas**. São Paulo: USP, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-e-o-segundo-pais-que-passa-mais-tempo-em-frente-as-telas/>. Acesso em: 30 abr. 2026.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, V. A. de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que sacudiram o Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 89-94.

LIMA, V. A. de. **Mídia**: crise política e poder no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

LIRA NETO. **A arte da biografia**: como escrever a vida. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LOPES, C.; ALBUQUERQUE, G. Agrotóxicos e seus impactos na saúde humana e ambiental: uma revisão sistemática. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 117, p.

518-534, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811714>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MARIATH, A.; MARTINS, A. **Atuação da indústria de produtos ultraprocessados como um grupo de interesse**. Revista Saúde Pública. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/WdQRW8qThSVGn6FjM6LDVCy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MATHIAS, M. **Por que é tão difícil regular os produtos ultraprocessados no Brasil?** O Joio e o Trigo, 2 jun. 2022. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2022/06/por-que-e-tao-dificil-regular-os-produtos-ultraprocessados-no-brasil/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

MATIOLI, V. **Desigualdade no prato: um retrato das contradições do sistema alimentar brasileiro**. O Joio e o Trigo, 21 out. 2020. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2020/10/desigualdade-no-prato-um-retrato-das-contradicoes-do-sistema-alimentar-brasileiro/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

MATIOLI, V. **Estudo considera Guia brasileiro o melhor ao relacionar alimentação e sustentabilidade**. O Joio e o Trigo, 24 out. 2019. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2019/10/estudo-considera-guia-brasileiro-o-melhor-ao-relacionar-alimentacao-e-sustentabilidade/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

MELO, J. M. de. **História do jornalismo brasileiro**. São Paulo: Paulus, 2014.

MELO, M.; IWASAWA, N. **Vitamina D: um ‘milagre’ que une governo Bolsonaro, indústria e pseudociência**. O Joio e o Trigo, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2020/08/vitamina-d-um-milagre-que-une-governo-bolsonaro-industria-e-pseudociencia/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MIRAGAIA, M. **Expressão 'comida de verdade' se populariza, mas desperta controvérsia na periferia**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 21 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/comida/2021/10/expressao-comida-de-verdade-se-populariza-mas-desperta-controversia-na-periferia.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

MIRAGAIA, M. **Sumiço do arroz é o da própria brasilidade, diz socióloga**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 22 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/comida/2020/09/sumico-do-arroz-e-o-da-propria-brasilidade-diz-sociologa.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

MORAES, A. **Especialistas em câncer defendem taxa extra para alimentos ultraprocessados**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 28 set. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/09/especialistas-em-cancer-defendem-taxacao-extra-para-alimentos-ultraprocessados.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

NASCIMENTO, S. **Os novos escribas: O fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil**. Porto Alegre/RS: Arquipélogo Editorial LTDA. 2010.

NAZAR, S. **Brasileiros passam em média 56% do dia em frente às telas de smartphones e computadores**. São Paulo: Jornal da USP, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/brasileiros-passam-em-media-56-do-dia-em-frente-as-telas-de-smartphones-computadores/>. Acesso em: 7 jul. 2025.

NUPENS. **Classificação NOVA**: o que é e por que é importante. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2024. Disponível em: <https://www.fsp.usp.br/nupens/a-classificacao-nova/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

NUPENS. **O Guia Alimentar para a População Brasileira**: impacto e influência global. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2024. Disponível em: <https://www.fsp.usp.br/nupens/guia-alimentar/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

O JOIO E O TRIGO. **Joio e Formação**. São Paulo: Elefante, [202-?]. Disponível em: <https://joioformacao.com.br/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

O JOIO E O TRIGO. **Quem somos**. São Paulo: Elefante, 2024. Disponível em: <https://joioeotrigo.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

OLIVEIRA, A. de. **Ultraprocessados representam ao menos 20% da alimentação diária no Sul, diz pesquisa**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 22 jun. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2025/06/ultraprocessados-representam-ao-menos-20-da-alimentacao-diaria-no-sul-e-sudeste-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Diretrizes e atualizações sobre a pandemia de COVID-19**. Genebra: OMS, 2023.

PAIM, M.; RANGEL, M.. **Sites de Observatórios de Saúde: uma análise de forma e conteúdo**. In: Comunicação e Saúde: perspectivas contemporâneas. RAMOS, N. et al (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2017. p. 35-50.

PRADO, S. D. *et al.* (org.). **Alimentação e cultura**: noções e conceitos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

PEÃO, G.; ALVES, A. Tributação e extrafiscalidade de alimentos com altas quantidades de açúcar: análises a partir do princípio da seletividade e impactos sobre a gestão pública. **Revista Internacional de Debates da Administração Pública**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 278-301, jan./dez. 2020.

PERES, J. **Associação bancada por Nestlé e Coca-Cola tentou engavetar Guia Alimentar do Ministério da Saúde**. O Joio e o Trigo, 31 out. 2019. Disponível em: <https://joioeotrigo.com.br/2019/10/associacao-bancada-por-nestle-e-coca-cola-tentou-engavetar-guia-alimentar-do-ministerio-da-saude/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

PERES, J. **Crescem reações à relação entre ciência e indústria de ultraprocessados.** O Joio e o Trigo, 1 fev. 2018. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2018/02/crescem-reacoes-relacao-entre-ciencia-e-industria-de-ultraprocessados/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

PERES, J. **Danone deu orientação nutricional controversa a 300 mil crianças.** O Joio e o Trigo, 4 abr. 2018. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2018/04/danone-deu-orientacao-nutricional-controversa-300-mil-criancas/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

PERES, J. **'Medo' faz Anvisa rejeitar alertas nos rótulos de comida-porcaria.** O Joio e o Trigo, 3 out. 2019. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2019/10/medo-faz-anvisa-rejeitar-alertas-nos-rotulos-de-comida-porcaria/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

PERES, J. **O Congresso Internacional de Nutrição deveria dar Coca aos participantes?** O Joio e o Trigo, 13 nov. 2017. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2017/11/o-congresso-internacional-de-nutricao-deveria-dar-coca-aos-participantes/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

PERES, J. **Os alimentos ultraprocessados são os reis da confusão.** O Joio e o Trigo, 8 jan. 2018. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2018/01/os-alimentos-ultraprocessados-sao-os-reis-da-confusao/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

PERES, J. **Quando o carrinho de supermercado vazio é uma boa notícia.** O Joio e o Trigo, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2019/07/quando-o-carrinho-de-supermercado-vazio-e-uma-boja-noticia/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

POR que é tão difícil frear a escalada da obesidade infantil? Folha de S.Paulo, São Paulo, 24 abr. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/04/1878042-por-que-e-tao-dificil-frear-a-escalada-da-obesidade-infantil.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2025.

Projeto de Lei que proíbe ultraprocessados nas escolas é aprovado na Câmara do Rio. IEPS, 15 jun. 2023. Disponível em: <<https://ieps.org.br/projeto-de-lei-que-proibe-ultraprocessados-nas-escolas-e-aprovado-na-camara-do-rio/>>. Acesso em: 7 jul. 2025

QUEM somos. **O joio e o trigo**, São Paulo. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/quem-somos/>Acesso em: 27 jun. 2024.

REDAÇÃO. **Eleições 2018: o direito à alimentação adequada tem de ser prioridade.** O Joio e o Trigo, 2 ago. 2018. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2018/08/eleicoes-2018-o-direito-alimentacao-adequada-tem-que-ser-prioridade/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCRINIS, G. **Nutricionismo: A ciência e política do aconselhamento nutricional.** São Paulo: Ed. Elefante, 2021.

SODRÉ, M. **Antropologia do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, A. M. de *et al.* Alimentos mais consumidos no Brasil: Inquérito Nacional de Alimentação 2008-2009. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 47, supl. 1, p. 190s-199s, 2013.

SOUZA, F. **'Salgadinho é mais barato que fruta': subsidiados no Brasil, ultraprocessados causam 57 mil mortes no país, diz estudo**. Folha de S.Paulo, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2023/03/salgadinho-e-mais-barato-que-fruta-subsidiados-no-brasil-ultraprocessados-causam-57-mil-mortes-no-pais-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

SEMRUSH. **Principais sites de jornais no Brasil**. [S. l.]: Semrush, 2026. Disponível em: <https://pt.semrush.com/trending-websites/br/newspapers>

TABOSA, L. **Guia completa dez anos, mas educação alimentar não é realidade no Brasil**. O Joio e o Trigo, 24 out. 2024. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2024/10/guia-completa-dez-anos-mas-educacao-alimentar-nao-e-realidade-no-brasil/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

TURBIANI, R. **Como identificar os alimentos que parecem saudáveis, mas não são**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 23 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2019/06/como-identificar-os-alimentos-que-parecem-saudaveis-mas-nao-sao.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2026.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística e o seu público. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. v. 2.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. [s.l.] Presença, 2003.

ZOCCHIO, G. Desejo da indústria, revisão do Guia Alimentar traria mais motivos para evitar ultraprocessados. O Joio e o Trigo, 24 ago. 2020. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2020/09/desejo-da-industria-revisao-do-guia-alimentar-traria-mais-motivos-para-evitar-ultraprocessados/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

ZOCCHIO, G. **Ministério da Agricultura reforça ofensiva para derrubar Guia Alimentar, referência internacional**. O Joio e o Trigo, 17 set. 2020. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2020/09/ministerio-da-agricultura-reforca-ofensiva-para-derrubar-guia-alimentar-referencia-internacional/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

ZOCCHIO, G. **Ministério da Saúde cede à indústria de alimentos e atrasa combate a doenças crônicas**. O Joio e o Trigo, 19 maio 2021. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2021/05/abia-ministerio-da-saude-cede/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

ZOCCHIO, G. **O sucesso dos apps de entrega, entre a solidão e a comida-porcaria**. O Joio e o Trigo, 3 dez. 2019. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2019/12/o-sucesso-dos-apps-de-entrega-entre-a-solidao-e-a-comida-porcaria/>. Acesso em: 10 fev. 2026.